



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

KARLA CAROLINA FARIA CALEMBO MARRA

IDENTIDADES POLÍTICAS E AFETOS: Um Estudo Sobre Polarização Afetiva na
Perspectiva das Representações Sociais

Brasília
2025

KARLA CAROLINA FARIA CALEMBO MARRA

IDENTIDADES POLÍTICAS E AFETOS: Um Estudo Sobre Polarização Afetiva na
Perspectiva das Representações Sociais

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de
Ciência Política da Universidade de Brasília como parte
das exigências para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Frederico Bertholini Santos Rodrigues

Brasília
2025

KARLA CAROLINA FARIA CALEMBO MARRA

IDENTIDADES POLÍTICAS E AFETOS: Um Estudo Sobre Polarização Afetiva na
Perspectiva das Representações Sociais

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de
Ciência Política da Universidade de Brasília como parte
das exigências para obtenção do título de Mestre.

Brasília, __ de _____ de ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Frederico Bertholini Santos Rodrigues (Presidente)
Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Joscimar Souza Silva
Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Maria de Fatima de Souza Santos
Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco

àqueles que — destituídos de qualquer obrigação —
acreditaram em mim de tal forma,
que não me deixaram alternativa.
acreditei também.

sigo acreditando.
porque fui amada.

AGRADECIMENTOS

Dentre os várias pares de mãos que colaboraram para elaboração deste trabalho, existe um que se tornou o meu par. **Jeferson Ramos dos Santos** é um acadêmico exímio, com contribuições assertivas e meu maior incentivador para a conclusão deste projeto. A sorte que tive em conhecê-lo nessa jornada e tê-lo como companhia para esse e todos os demais projetos de vida daqui em diante é imensurável, palavras não se fazem suficientes. Descobrir uma doença autoimune no meio de todo esse processo fez parecer, por diversas vezes, que desistir era a única opção. No entanto, professores como o **Frederico Bertholini Santos Rodrigues** nos fazem lembrar que o aprendizado no ambiente universitário vai além de métricas e teorias, ele perpassa por relações sociais que nos ajudam a enxergar as inúmeras possibilidades que a vida nos apresenta. De forma alguma, poderia deixar de mencionar também o **Instituto Alemão para o Desenvolvimento e Sustentabilidade**. Ter participado do *Managing Global Governance* (MGG) *Academy* 2019 me colocou em contato com importantes agendas de pesquisa e despertou o interesse para o estudo do fenômeno da polarização política. Por fim, faço menção aos colegas do **Instituto de Ciência Política** (IPOL), bem como todos os colaboradores da **Universidade de Brasília**. O compromisso desta universidade com a pesquisa e o ensino, tornaram-me uma estudante muito melhor agora do que quando entrei. A todos, muito obrigada.

“A realidade é, para a pessoa, em grande parte, determinada por aquilo que é socialmente aceito como realidade.”
(Lewin, 1948. p. 57)

RESUMO

O presente estudo analisa o fenômeno da polarização afetiva no Brasil sob o viés das representações sociais, com o aporte metodológico da abordagem estrutural. A pesquisa parte de uma análise teórica sobre a polarização e suas implicações, avançando para um estudo empírico que investiga os eventos de 8 de janeiro de 2023 como objeto central. Com o auxílio dos softwares Iramuteq e NVivo, foram organizados Núcleos Temáticos Estruturadores que revelaram a centralidade de sentimentos como ressentimento, traição e raiva, especialmente direcionados a grupos antagônicos, instituições e lideranças políticas. Os resultados apontam que as representações sociais relacionadas ao 8/1 são permeadas por fortes elementos afetivos, os quais desempenham um papel crucial na formação de identidades políticas polarizadas. Esses elementos contribuem para reforçar a coesão grupal e acentuar as divisões entre endogrupos e exogrupos. Além disso, a análise evidencia a importância da interdisciplinaridade no debate sobre polarização afetiva, ampliando a compreensão sobre os impactos das emoções nesse fenômeno.

Palavras-chave: Polarização Afetiva. Identidade Social. Representações Sociais. 8 de janeiro.

ABSTRACT

The present study explores the phenomenon of affective polarization in Brazil through the lens of social representations, adopting the structural approach as its methodological framework. The research begins with a theoretical analysis of polarization and its implications, progressing to an empirical investigation centered on the events of January 8, 2023. Using Iramuteq and NVivo software, Structuring Thematic Nuclei were identified, revealing the centrality of emotions such as resentment, betrayal, and anger, particularly directed at opposing groups, institutions, and political leaders. The findings suggest that the social representations associated with January 8 are deeply embedded with affective elements, which play a crucial role in shaping polarized political identities. These elements contribute to reinforcing group cohesion while intensifying divisions between in-groups and out-groups. Furthermore, the analysis underscores the importance of an interdisciplinary approach in discussions on affective polarization, broadening the understanding of how emotions shape and sustain this phenomenon.

Keywords: Affective Polarization. Social Identity. Social Representations. January 8th.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 — Características estruturais da Representação Social	27
Tabela 1 — Perfil dos sujeitos entrevistados.....	38
Figura 1 — Núcleos Temáticos Estruturadores das Representações Sociais do 8 de janeiro .	41
Figura 2 — Análise Fatorial por Correspondência.....	43
Tabela 2 — Códigos e Subcódigos do NVivo.....	45
Tabela 3 — Códigos comparados pelo número de referências de codificação	46
Figura 3 — Nuvem de Palavras do Código 'Traição'	47
Figura 4 — Árvore de Palavras (Bolsonaro).....	48
Figura 5 — Árvore de Palavras (Exército).....	49
Figura 6 — Árvore de Palavras (Forças Armadas)	49
Figura 7 — Nuvem de Palavras (Emoções Positivas).....	50
Figura 8 — Nuvem de Palavras do Subcódigo Identidade de Grupo.....	52
Figura 9 — Árvore de Palavras - Liberdade.....	53
Figura 10 — Nuvem de Palavras Corpus Total.....	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFC	Análise Fatorial por Correspondência
CHD	Classificação Hierárquica Descendente
PF	Polícia Federal
PGR	Procuradoria Geral da República
PL	Partido Liberal
PL	Projeto de Lei
PT	Partido dos Trabalhadores
QG	Quartel General do Exército
STF	Supremo Tribunal Federal
TIS	Teoria da Identidade Social
TRS	Teoria das Representações Sociais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DA POLARIZAÇÃO A POLARIZAÇÃO AFETIVA	13
2.1	DO DEBATE SOBRE POLARIZAÇÃO	13
2.2	CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL PARA O DEBATE DA POLARIZAÇÃO AFETIVA: A TEORIA DA IDENTIDADE SOCIAL	14
2.3	PARTIDARISMO COMO MEGA IDENTIDADE: UMA AMEAÇA À ESTABILIDADE DEMOCRÁTICA	16
2.4	POLARIZAÇÃO AFETIVA NO BRASIL	17
3	A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: OUTRA RESPOSTA NA PSICOLOGIA SOCIAL	19
3.1	DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	19
3.2	ANCORAGEM E OBJETIVAÇÃO	21
3.3	IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	23
4	TEORIA DO NÚCLEO CENTRAL: A ABORDAGEM ESTRUTURAL DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA O ESTUDO DA POLARIZAÇÃO AFETIVA	25
4.1	FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ABORDAGEM ESTRUTURAL	25
4.1.1	SISTEMA CENTRAL E PERIFÉRICO	26
4.2	DIMENSÃO AFETIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	29
5	DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO 8 DE JANEIRO DE 2023	31
5.1	8 DE JANEIRO DE 2023: O OBJETO INVESTIGADO	31
5.2	MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	34
5.2.1	ENTREVISTAS	35
5.2.2	DEFINIÇÃO DOS NÚCLEOS TEMÁTICOS ESTRUTURADORES DO DISCURSO	38
5.2.3	ANÁLISE DOS NÚCLEOS TEMÁTICOS ESTRUTURADORES DO DISCURSO	40
6	ANÁLISES E RESULTADOS	41
6.1	OS NÚCLEOS TEMÁTICOS ESTRUTURADORES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO 8 DE JANEIRO: FASE QUANTITATIVA	41
6.2	ANÁLISE TEMÁTICA DOS NÚCLEOS ESTRUTURADORES: FASE QUALITATIVA	44
7	CONCLUSÃO	56
	REFERÊNCIAS	58
	APÊNDICE A — Roteiro de Entrevista	65
	APÊNDICE B — Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	66
	APÊNDICE C — Íntegra das Entrevistas Realizadas	67

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo investiga as identidades sociais e os elementos afetivos que compõem as representações sociais daqueles que participaram ou estiveram, de alguma forma, envolvidos nos eventos ocorridos no dia 8 de janeiro de 2023 (8/1), em Brasília. O objetivo é compreender como essas representações se relacionam com o fenômeno da polarização afetiva, isto é, a intensificação de vínculos positivos com o próprio grupo e de hostilidade em relação ao grupo adversário (Iyengar; Sood; Lelkes, 2012; Mason, 2018).

No dia 8 de janeiro de 2023, o Brasil enfrentou o mais grave ataque às instituições democráticas desde a redemocratização em 1988, conduzido por grupos que invadiram e depredaram as sedes do Congresso Nacional, do Palácio do Planalto e do Supremo Tribunal Federal (STF). Embora amplamente condenado pelas instituições de justiça e desaprovado pela opinião pública, o evento ainda suscita interpretações divergentes entre eleitores alinhados à direita do espectro político. A polarização política, especialmente em sua forma afetiva, tem se aprofundado nos últimos anos, potencializando a animosidade entre grupos e influenciando a maneira os indivíduos percebem e interpretam esses acontecimentos (Fux; Marques, 2022; Casal Bértoa; Rama, 2021).

Para analisar essa dinâmica, este estudo se fundamenta em duas abordagens da Psicologia Social: a **Teoria da Identidade Social** (Tajfel, 1970), já utilizada na conceituação da polarização afetiva, e a **Teoria das Representações Sociais** (Moscovici, 1964). A Teoria da Identidade Social explica como indivíduos constroem sua identidade a partir da pertença a determinados grupos, associando essa filiação a um senso de bem-estar e desenvolvendo, muitas vezes, hostilidade em relação a grupos opositores, com o objetivo de reforçar uma identidade social positiva. A Teoria das Representações Sociais, por outro lado, permite compreender como grupos constroem e compartilham significados sobre eventos e fenômenos sociais, influenciando percepções e comportamentos.

Nesse sentido, a pesquisa busca responder às seguintes questões: **quais identidades constituem as representações sociais daqueles que estiveram ativamente envolvidos nos eventos do 8/1? É possível identificar elementos afetivos?** A hipótese central é que os participantes dos eventos do 8/1 possuem representações sociais carregadas de afetividade, e que isso ajudaria a classificar o ocorrido como consequência do fenômeno de polarização afetiva.

Para tanto, este estudo emprega a abordagem estrutural das Representações Sociais, com o aporte da **Análise Temática de Conteúdo**, para identificar os **Núcleos Temáticos Estruturadores** das representações sociais do 8/1. As entrevistas semiestruturadas foram analisadas com o auxílio dos softwares **NVivo e Iramuteq**, permitindo a identificação de elementos centrais das representações, bem como de emoções como ressentimento e raiva, que desempenham um papel crucial na polarização afetiva

Diante da crescente radicalização política e do aprofundamento da polarização na sua forma afetiva, a proposta deste estudo dialoga com as contribuições de Rollicke (2023), que ressalta a importância de incorporar abordagens interdisciplinares para compreender melhor esse fenômeno. Ao analisar as representações sociais dos eventos de 8 de janeiro de 2023, esta pesquisa busca contribuir para um entendimento mais aprofundado das dinâmicas da polarização política no país, oferecendo um olhar teórico-metodológico que combina a Ciência Política e a Psicologia Social.

Para estruturar essa investigação, o trabalho está organizado em cinco seções. A primeira apresenta um panorama dos estudos sobre polarização no campo da Ciência Política, com foco na polarização afetiva e sua relação com a Teoria da Identidade Social. A segunda explora a Teoria das Representações Sociais e sua relevância para a análise da polarização política. Na terceira, detalha-se a abordagem estrutural das representações sociais e sua aplicabilidade metodológica. A quarta seção apresenta um relato dos eventos de 8 de janeiro de 2023, além dos métodos e técnicas utilizados na pesquisa. Por fim, a quinta seção expõe os resultados e suas interpretações, seguidas das considerações finais sobre os achados e suas implicações.

2 DA POLARIZAÇÃO A POLARIZAÇÃO AFETIVA

Nesta seção é feita uma contextualização do debate sobre polarização no âmbito da Ciência Política. Para tanto, serão apresentados (i) os primeiros achados de pesquisa que inauguram o debate; (ii) o conceito de identidade social e como esse conceito foi introduzido nos estudos de ciência política para dar início aos estudos sobre polarização afetiva; bem como os (iii) achados de pesquisas que apontam para indícios de polarização afetiva no Brasil. Este capítulo será relevante para compreender como a interdisciplinaridade com a Psicologia Social contribuiu para um melhor entendimento da polarização, incluindo a concepção do partidarismo como uma mega identidade social que arregimenta outras identidades, não necessariamente políticas.

2.1 DO DEBATE SOBRE POLARIZAÇÃO

Sani e Sartori (1980, p. 8) definem polarização como a distância ideológica no *spectrum* político, ou seja, quanto maior as discrepâncias, em especial, o *continuum* entre esquerda e direita, maior a polarização. E, embora a polarização das elites políticas seja reconhecida há décadas entre os pesquisadores do campo, no que tange o comportamento das massas, o assunto está distante de um consenso.

Fiorina e Abrams (2008) abriram essa agenda de pesquisa ao questionarem a existência da polarização à nível do eleitorado no sistema político americano. Para esses autores, o eleitor americano é, em sua maioria, moderado e desinteressado de assuntos políticos e a polarização estaria concentrada em eleitores mais sofisticados e engajados.

Por outro lado, Abramowitz e Saunders (2008) argumentaram que os engajados politicamente configuram uma grande parte do eleitorado americano, com evidências de que a ideologia (esquerda/direita; democratas/republicanos) representa uma divisão política profunda entre o público geral, assim como é profunda a divisão entre religiosos e não religiosos. Para os autores, essa intensa polarização estaria ainda contribuindo para o aumento do sufrágio do voto, bem como outras formas de participação política.

De todo modo, Fiorina e Abrams (2008) não refutaram a ocorrência do fenômeno identificado por Abramowitz e Saunders (2008), mas o definiram como enquadramento político (*sorting*). Para os primeiros, o enquadramento político é um processo *top-down* e, quanto mais

os membros ativos e visíveis do partido se partidarizam, mais pistas os eleitores terão para também se partidarizarem (Fiorina; Abrams, 2008).

Com os avanços dos estudos sobre polarização, foi possível esclarecer que o debate acima tratou, na verdade, de formas distintas de se medir polarização. Enquanto Fiorina e Abrams (2008) entendem a polarização como uma questão de preferências políticas, que nos Estados Unidos tendem a ser predominantemente centristas, Abramowitz e Saudans (2008) concentram-se na autoidentificação ideológica, a qual tem registrado um crescimento significativo no país desde a década de 1980.

Posteriormente, Iyengar, Sood e Lelkes (2012) introduzem um conceito alternativo de polarização, sugerindo que a forma mais precisa de avaliar o comportamento do eleitorado é compreender em que medida os eleitores de um partido percebem os eleitores do partido oposto como um grupo rival. Baseando-se na Teoria da Identidade Social (Tajfel, 1970; Tajfel; Turner, 1979), os autores propõem um novo tipo de polarização, denominado polarização afetiva, que enfatiza o conteúdo emocional para explicar as diferenças entre os grupos.

2.2 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL PARA O DEBATE DA POLARIZAÇÃO AFETIVA: A TEORIA DA IDENTIDADE SOCIAL

O arcabouço teórico da identidade social utilizado por Iyengar, Sood e Lelkes (2012) surge da análise do comportamento de grupos com o aporte da Psicologia Social. Para Tajfel (1970), comportamentos discriminatórios entre grupos são esperados, mesmo na ausência de conflitos reais ou imaginários e de históricos de hostilidades. O autor argumenta que os indivíduos constroem redes de afiliações sociais baseadas em princípios de ordem e simplificação, os quais ajudam a reduzir a complexidade das interações humanas. Assim, a classificação de grupos como “nós” (endogrupo) e “eles” (exogrupo) emerge como um dos princípios mais importantes da ordem social subjetiva.

Segundo Tajfel e Turner (1979), os grupos oferecem aos seus membros um senso de identidade social, que é em grande parte relacional e comparativo. Esses processos definem os indivíduos como semelhantes ou diferentes, como "melhores" ou "piores" em relação aos membros de outros grupos. Embora os critérios para essas avaliações variem conforme o contexto, em muitas sociedades essa divisão intergrupar frequentemente resulta em relações competitivas, influenciando os comportamentos intergrupais.

Para Tajfel (1970), sempre que exista uma situação em que alguma forma de categorização intergrupar pareça diretamente relevante, é provável que o indivíduo haja de forma a discriminar o exogrupo em favor do endogrupo. O autor ressalta, ainda, que um comportamento nunca é desprovido de motivos, mas seria uma simplificação grosseira pensar que os motivos em situações sociais incluem apenas cálculos de interesse próprio.

Comportar-se socialmente é uma tarefa complexa e envolve um longo processo de aprendizado; baseia-se na manipulação de símbolos e abstrações; implica na capacidade de modificar a conduta quando a situação muda – e as situações sociais mudam com frequência. Portanto, comporta-se de forma apropriada é, para Tajfel (1970), um poderoso motivador social, e, ao tentar fazer isso, o indivíduo age de acordo com o melhor entendimento que possui da situação.

Tajfel e Turner (1979) salientam que o viés de grupo é uma característica necessária nas relações intergrupais. A mera percepção da pertença a um grupo, ou seja, a categorização social em si, é suficiente para desencadear a discriminação em relação ao grupo externo e o favoritismo em relação ao grupo interno. Mason (2015), por seu turno, ao aprofundar os estudos que relacionam a Teoria da Identidade Social à polarização política, constata que os níveis de partidarismo, ativismo político e raiva contra políticos e eleitores do partido oposto são aumentados como consequência do alinhamento das identidades políticas e partidárias, e não requerem a mesma magnitude de divergência quanto a questões de opinião pública. Para a autora, o enquadramento partidário (*sorting*) potencializa a polarização a ponto de superar as divergências de opinião pública no eleitorado americano; como resultado, tem-se um eleitorado que concorda com muitas coisas, mas que não conseguem chegar a um acordo.

Portanto, a Teoria da Identidade Social oferece uma importante contribuição aos estudos de polarização afetiva, ao enfatizar o papel das emoções. Nesse sentido, pode-se descrever a polarização afetiva como um fenômeno em que ocorre a intensificação de emoções negativas entre grupos políticos opostos, marcada não apenas por divergências ideológicas ou racionais, mas principalmente pela animosidade gerada pela categorização social em “nós” (endogrupo) e “eles” (exogrupo). Segundo Iyengar, Sood e Lelkes (2012), esse fenômeno é alimentado por fatores emocionais que levam os partidários a enxergar os oponentes políticos como rivais, contestando não apenas suas ideias, mas também seus motivos e caráter. Essa hostilidade afeta a percepção de legitimidade das decisões e políticas implementadas por adversários e pode comprometer o respeito às instituições democráticas, aumentando o risco de insatisfação social e até de comportamentos extremos e violentos. Assim, a polarização afetiva reflete um

distanciamento emocional entre grupos políticos que ultrapassa a lógica de discordâncias programáticas, influenciando profundamente o comportamento político e a estabilidade democrática.

2.3 PARTIDARISMO COMO MEGA IDENTIDADE: UMA AMEAÇA À ESTABILIDADE DEMOCRÁTICA

O partidarismo atua como um importante atalho cognitivo que conecta os indivíduos à ação política, desempenhando um papel crucial na dinâmica da polarização. Essa conexão é destacada por Mason (2018), que compara a identificação partidária a de um fã de esportes: ao se sentir conectado a um partido, o indivíduo tende a participar mais ativamente da política. No entanto, quando os partidos deixam de ser ferramentas de organização e passam a ser instrumentos de divisão, a competição partidária pode se tornar prejudicial, dificultando a cooperação e o compromisso necessários à democracia.

Segundo Lupu (2014; 2015), a polarização das elites fortalece a identificação partidária no nível individual, o que, em democracias com sistemas partidários fortes, pode resultar em estabilidade eleitoral, reduzindo a volatilidade e prevenindo o avanço de *outsiders*. Por outro lado, Mason (2015; 2018) alerta que essa polarização exacerbada pode transformar diferenças políticas em hostilidade intensa, prejudicando a coesão social e a legitimidade das instituições democráticas.

Iyengar, Sood e Lelkes (2012) destacam que o afeto negativo direcionado ao exogrupo é mais intenso quando a identidade grupal está associada ao partidarismo, superando outras divisões sociais como gênero, raça e religião. Além disso, os autores apontam que esse tipo de polarização afeta a confiança nas instituições democráticas e nos processos políticos, podendo gerar insatisfação e até mesmo atos de violência.

A saliência do partidarismo como uma "mega identidade" é ampliada pela inclusão de dimensões emocionais e sociais, conforme apontado por Mason (2015; 2018). Partidários não apenas concordam com as posições políticas de seus partidos, mas também os enxergam como "seus times", o que motiva ações políticas apaixonadas, frequentemente guiadas mais pelo desejo de vitória do que pela qualidade das políticas públicas. Conforme exposto anteriormente, essa dinâmica é explicada pela Teoria da Identidade Social, que sustenta que a simples divisão da sociedade em grupos partidários é suficiente para gerar animosidade entre eles.

Casal Bértoa e Rama (2021) complementam o debate ao destacar que a polarização afeta a democracia de maneiras diversas, dependendo do tipo e da intensidade dessa polarização. Quando exacerbada, ela mina a legitimidade do sistema democrático e alimenta hostilidades não apenas entre os grupos, mas também contra as próprias instituições.

Conclui-se, portanto, que a polarização política, especialmente em seu componente afetivo, apresenta desafios significativos à democracia. O partidarismo, enquanto elemento central da identidade política, intensifica as divisões sociais e reforça a animosidade entre grupos, ameaçando tanto a coesão social quanto a estabilidade institucional. A inclusão da dimensão afetiva no debate amplia a compreensão do fenômeno, mas também evidencia a necessidade de abordagens que mitiguem seus efeitos negativos no sistema democrático.

2.4 POLARIZAÇÃO AFETIVA NO BRASIL

Nesta subseção, será analisado como a polarização afetiva é constatada e medida no contexto brasileiro, considerando os desafios impostos pelos sistemas multipartidários, onde não existem dois grupos rivais claramente definidos. Essa análise é de suma importância, tendo em vista que a configuração dos sistemas multipartidários torna a mensuração da polarização afetiva um processo ainda mais complexo.

Para Rollicke (2023) um dos grandes desafios para os estudos da polarização afetiva em sistemas multipartidários é a ausência de especificação quanto a natureza do grupo externo, a quem a aversão é direcionada. Para a autora, são três os alvos comumente invocados: partidos ou elites partidárias; partidários ou eleitores e apoiadores de partidos políticos; e cidadãos com outras opiniões ou identidades políticas de modo mais geral. Wagner (2021, p. 3) complementa essa perspectiva ao definir a polarização afetiva em sistemas multipartidários como "o grau em que a política é vista como dividida em dois campos distintos, cada um dos quais pode consistir em um ou mais partidos".

Rollicke (2023) ainda aponta que, na polarização afetiva, a correlação entre a antipatia por um partido e a antipatia por seus partidários não é perfeita. Muitas das consequências desse fenômeno estão relacionadas à deterioração das relações interpessoais entre os cidadãos, manifestando-se em intolerância, evasão e até mesmo violência. Wagner (2021) ressalta que o tamanho dos partidos também influencia os níveis de polarização afetiva, sendo que a percepção

de um sistema mais polarizado ocorre quando sentimentos negativos são direcionados a partidos maiores, em comparação a partidos menores.

No Brasil, estudos sobre polarização, durante muitos anos, concentraram-se na competição entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB). Esses estudos indicavam aspectos positivos no comportamento político, pois facilitavam a identificação partidária dos eleitores (Bello, 2019). Contudo, Bello (2019, p. 38) destaca que o sistema partidário brasileiro não poderia ser considerado forte, uma vez que o partidarismo era nitidamente concentrado no PT, enquanto os demais partidos apresentavam fragilidades em termos de organização, mobilização e identificação eleitoral. Nesse sentido, Fuks e Marques (2022) apontam que, até recentemente, o Brasil não apresentava um fenômeno de polarização efetivo, mas sim partidos que se deslocavam progressivamente para o centro, tornando-se cada vez mais semelhantes entre si, com pouca clareza ideológica e menor vinculação entre ideologia e voto.

A partir das eleições de 2018, no entanto, um novo padrão de comportamento eleitoral emergiu, caracterizado pelo aumento da percepção das diferenças entre partidos no eixo esquerda-direita, bem como pela maior correlação entre ideologia e voto (Fuks; Marques, 2022). Os estudos de Fuks e Marques (2022) identificaram que, no Brasil, a polarização ocorre predominantemente no campo afetivo, sendo marcada pelo crescimento e reorganização da direita mais extremada e pela fragilidade dos vínculos entre eleitores e partidos, intensificada desde 2013. Esses autores destacam que tanto a reorganização da extrema direita, evidenciada em 2018, quanto a baixa estabilidade do sistema partidário são aspectos fundamentais para compreender a polarização no país. Além disso, a relação personalista entre candidatos e eleitores também desempenha um papel crucial nesse fenômeno.

Por fim, esses achados reforçam a importância de considerar fatores contextuais ao analisar a polarização política no Brasil. O surgimento da nova direita, presente nas ruas, no parlamento, nos meios de comunicação e na internet, torna-se um elemento central para entender a dinâmica da polarização afetiva no cenário político brasileiro contemporâneo.

3 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: OUTRA RESPOSTA NA PSICOLOGIA SOCIAL

A presente seção apresenta a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, e como ela vem sendo utilizada, no âmbito da Psicologia Social, para os estudos das representações de grupos. Esse capítulo busca demonstrar como a teoria tem ajudado a elucidar a lógica existente por detrás do comportamento dos indivíduos inseridos em grupos sociais, com base em valores e conceitos próprios, por meio do discurso e linguagem particulares. Busca-se também apresentar os benefícios de sua vinculação com a Teoria da Identidade Social, base conceitual da polarização afetiva. O objetivo da seção é demonstrar os possíveis benefícios de, mais uma vez, buscar na interdisciplinaridade ferramentas para compreensão do fenômeno da polarização.

3.1 DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais é um ramo de estudo da Psicologia Social inaugurado por Serge Moscovici, em sua obra *La psychanalyse, son image et son public*, publicada em 1961. Em que pese sua aparente simplicidade, o conceito de representação social apresentado por Moscovici abrange problemáticas discutidas por filósofos há vários séculos, em especial, a concepção de “representação coletiva” difundida por Durkheim no final do século XIX (Jesuino, 2019, p. 33).

Para Durkheim (1970), as representações coletivas se dariam de forma concreta e autônoma, sua materialidade estaria contemplada não apenas no comportamento dos indivíduos da sociedade, mas também na estrutura organizacional e jurídica, nos meios de controle social e nos mecanismos de sanção e recompensa. As representações coletivas propostas por Durkheim (1970) teriam, então, a função de sustentar moralmente a sociedade, com o papel de arrefecer ou até mesmo sanar contradições entre o individual e o coletivo, assegurando a ordem social.

Moscovici (2003) contrapunha-se ao conceito durkheimiano que considerava as representações estáticas e, assim, propôs uma expansão a sua teoria. Para o autor, todos os sujeitos estão, seja individualmente ou coletivamente, cercados por imagens, ideias e palavras que podem ser absorvidas ou ignoradas, a depender do contexto social e cultural que cada um está inserido.

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e cristalizam-se incessantemente através de uma fala, em gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas são impregnados. Sabemos que as representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância, tal como a ciência ou os mitos correspondentes a uma prática científica e mítica (Moscovici, 1978, p. 41).

Em suma, Moscovici (1978) apresenta as representações sociais como conhecimentos do senso comum; conceitos com características e funções práticas que auxiliam no entendimento da realidade dos indivíduos e grupos; auxiliam sua organização e condutas. Logo, esses conhecimentos do senso comum, ou representações sociais, podem ser entendidos como um conjunto de conceitos articulados que têm origem nas práticas sociais e diversidades grupais, cujas funções são dar sentido à realidade social, produzir identidades, organizar as comunicações e orientar as condutas. Um conteúdo, uma vez difundido e aceito, se constitui como parte integrante do indivíduo, de suas relações, da forma que se posiciona e julga o ambiente ao seu redor; ele define, até mesmo seus valores e sua posição na hierarquia social.

Segundo Jodelet (1989, p. 36), representações sociais seriam “uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Para a autora, as representações são construídas a partir da interação e da comunicação dos indivíduos dentro do grupo, indivíduos isolados não constroem representações sociais de conceitos ou objetos. Seus elementos são organizados como um saber que se referem ao estado da realidade, a investigação científica busca entender, justamente, o significado dessa realidade e sua relação com a ação do sujeito.

Logo, para Jodelet (1989), as representações sociais poderiam ser entendidas como um sistema de interpretação, que direciona nossa relação com o mundo e com os outros, que orienta e organiza as condutas e comunicações sociais. Assim, as representações sociais são tanto um produto quanto um processo de apropriação da realidade ao pensamento. Isto é, representar pode ser entendido como um ato de pensamento¹, no qual o indivíduo se relaciona com o objeto.

Em suma, a Teoria das Representações Sociais revela-se como um modelo abrangente e dinâmico para compreender a relação entre o indivíduo e a sociedade, uma vez que não apenas

¹Anota-se que a autora difere esse ato de pensar, que relaciona o sujeito e o objeto, de outras atividades mentais (perceptiva, conceitual, material, psíquico ou social). A representação mental materializa esse objeto, toma seu lugar; assim, a representação é o representante simbólico do objeto. Por outro lado, como resultado do ato de pensar, a representação possui a marca do sujeito.

explicam como os indivíduos interpretam e se posicionam diante da realidade, mas também como produzem significados coletivos que moldam identidades, práticas e valores em diferentes contextos sociais. A seguir serão especificados os mecanismos de ancoragem e objetificação, utilizados pelos indivíduos para categorização das representações sociais, de acordo com a teoria apresentada.

3.2 ANCORAGEM E OBJETIVAÇÃO

Nesta subseção, será analisada a importância das representações sociais como mecanismos fundamentais para a compreensão e organização da realidade, com foco nos conceitos de ancoragem e objetivação, propostos por Moscovici (2003), e nas funções das representações sociais descritas por Abric (2001). Essa análise é importante para a pesquisa proposta, pois as representações sociais desempenham um papel central na formação de identidades grupais, na orientação de comportamentos e na construção de narrativas que reforçam distinções entre grupos. Ao investigar como as representações sociais moldam percepções e ampliam diferenças simbólicas, esta abordagem contribui diretamente para a compreensão das dinâmicas que intensificam a polarização nas interações sociais e políticas.

A finalidade de todas as representações, para Moscovici (2003, p. 61), é tornar o não-familiar em familiar. Ou seja, as representações estão inseridas em um dinâmica de familiarização, onde as pessoas, os objetos e os acontecimentos são compreendidos com base em conhecimentos, valores e crenças prévias. Dessa forma, pode-se observar que as ideias, imagens e linguagem compartilhadas por um grupo podem apontar a direção, os conteúdos dos quais o grupo busca acomodar o que não é familiar. O pensamento coletivo se deve mais à convenção e a memória e menos a razão; busca mais as tradições do que a intelectualidade ou a coerência (Moscovici, 2003, p. 57).

Nesse sentido, temos que as representações sociais seriam sempre o resultado do constante esforço em tornar comum algo que é incomum. As imagens ou ideias que ajudam a compreender o incomum, apenas reafirmam o que já era conhecido, o que já estava familiarizado. Moscovici (2003) explica que tornar o não-familiar em algo comum não é tarefa fácil, para tanto, o indivíduo põe em funcionamento dois mecanismos que são baseados na memória e em ideias passadas, quais sejam, a *ancoragem* e a *objetivação*.

O primeiro mecanismo, ancorar, é reduzir ideias novas a imagens e categorias comuns, contextualizá-las de forma a torná-las familiares. Já o segundo mecanismo é objetivá-los, isto é, converter o abstrato em concreto, transformar o que está no pensamento em algo que já exista de forma física. De acordo com Moscovici (2003) ancorar é, pois, nomear e classificar alguma coisa. Aquilo que o indivíduo não consegue classificar se torna uma ameaça.

Na representação, cada objeto, além de possuir um valor positivo ou negativo, possui um lugar determinado na escala hierárquica. O autor esclarece que classificar implica, também, em atribuir um conjunto de comportamentos e regras que determinam o que é e o que não é permitido aos indivíduos de um determinado grupo. Assim, classificar algo ou alguém é identificar um paradigma² mental e instituir uma relação que pode ser negativa ou positiva (Ibidem, p. 60).

Se ancorar é dar nome, objetivar é dar uma qualidade. Moscovici (2003, p. 71) define a objetivação como a reprodução de um conceito em uma imagem. A materialização do que era abstrato se dá por meio do pensamento e da fala e, uma vez que a sociedade a aceita como um paradigma, ela se torna um referencial, motivo pelo qual as palavras que se referem a ela são usadas com frequência.

Faz-se importante destacar que Jodelet (1989) defende que as representações sociais sejam estudadas de forma articulada aos elementos afetivos, mentais e sociais, considerando as relações sociais que afetam as representações e as realidades sobre a qual elas incidem. Para isso, é preciso manter, na noção de representação social, os diversos processos individuais e intergrupais que ressoam e cujas dinâmicas resultam na realidade que, em sua gênese, são representações sociais.

Consoante com o pensamento de que as representações cumprem um papel essencial nas práticas e na dinâmica das relações sociais, Abric (2001) avança nesses estudos com a proposição de quatro funções específicas das representações sociais. Para o autor, as representações teriam (i) a função de saber, tendo em vista que elas possibilitam a compreensão e explicação da realidade; (ii) função de identidade, por definirem a identidade e permitirem resguardar especificidades dos grupos; (iii) função de orientação, uma vez que orientam as práticas e comportamentos dos indivíduos dos grupos; e (iv) função de justificação, por permitirem justificar comportamentos e posicionamentos anteriores.

²O conceito de paradigma é usado nessa pesquisa como modelos de métodos de descoberta ou modelos de descrição ou explicação, conforme a definição de Breakwell (1993, p. 1).

Sendo as representações sociais um conjunto de noções, valores e práticas que orientam os indivíduos e grupos, colaboram para a percepção das situações e capacidade de repostas e facilitam a comunicação, torna-se fácil perceber sua função precípua na criação da identidade do grupo. As representações funcionam, assim, conforme pontuou Vala (1981, p. 331) como um sistema comum de referências, com papel econômico no que diz respeito à comunicação e elaboração de comportamentos para as relações internas e externas do grupo.

Portanto, ao desempenharem um papel fundamental na mediação entre o indivíduo e a sociedade, as representações sociais também ajudam a moldar a dinâmica das interações sociais e políticas. Nos estudos sobre polarização afetiva, esses processos se tornam ainda mais relevantes, pois as representações sociais influenciam diretamente como os grupos percebem e categorizam uns aos outros, reforçando distinções e intensificando conflitos.

3.3 IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria da Identidade Social (Tajfel, 1970; Tajfel; Turner, 1979), embora tente explicar as relações intergrupais, é um modelo que se concentra na necessidade individual de formar uma identidade social positiva para explicar fundamentalmente a dinâmica interpessoal e intergrupal. Por outro lado, a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2003), ao descrever como as pessoas interpretam e dão significado ao seu mundo, é um modelo que se concentra nos processos de comunicação interpessoal como determinantes da estrutura e do conteúdo dos sistemas de crenças que são chamados de representações sociais (Breakwell, 1993, p. 1).

Vala (1997, p. 8) destaca o papel das representações sociais enquanto ancoras para a elaboração de categorias de identidades, clivagens sociais e atitudes sociais e, nesse sentido, é nas representações sociais que se encontram a soma de identidades sociais de um grupo. Para Breakwell (1993), a Teoria da Identidade Social e a Teoria das Representações Sociais, quando articuladas, podem criar um poderoso modelo para explicar, ou ao menos contextualizar, os comportamentos sociais. Para o autor, a Teoria da Identidade Social pode se beneficiar da aliança com a Teoria das Representações Sociais para ampliar seu foco sobre a explicação do conflito e da diferenciação entre grupos. Logo, ao abordar as questões de representação social, a Teoria da Identidade Social poderia fornecer um modelo mais completo dos processos de identidade para a construção social do que passa na realidade.

Nesse contexto, Vala (1997) elucida que a identidade social decorre da percepção do indivíduo de sua realidade social e, uma vez que essa percepção é possível por meio da organização dos indivíduos em grupos ou categorias, uma identidade social é formada por fatores socio-estruturais como a comunicação, a reflexão e a aprendizagem.

Por outro lado, ainda segundo o autor, pertencer a um grupo envolve atividades de comunicação pelas quais são criadas ou aprendidas normas, crenças, símbolos e valores que diferenciam os grupos aos quais os indivíduos associam sua imagem daqueles aos quais eles não a associam. Uma vez que essas normas, crenças, símbolos e valores são o resultado da comunicação (real ou imaginária) entre os membros de um mesmo grupo, eles não são apenas uma reflexão individual, mas sim coletiva.

Logo, pode-se dizer que a relação entre a identidade social e a representação social é dialética. No campo da psicologia social, foi possível encontrar diversos estudos que utilizaram o mútuo benefício teórico entre as duas teorias (Hewstone; Jaspars; Lalljee, 1982; Vala, 1981; 1997; Cabecinhas; Lima; Chaves, 2006; Bonomo, 2010; Danfá, 2021). Foi possível encontrar inclusive estudos que tratam do tema da polarização política (Lhullier; Toso, 1995; Giacomozzi *et al.*, 2022; Giacomozzi *et al.*, 2023); entretanto, apesar desses estudos apresentarem achados de pesquisa interessantes, possivelmente por estarem inseridos no âmbito da Psicologia Social, o conceito de polarização é pouco explorado.

Diante desse cenário, a proposta aqui apresentada é, mais uma vez, buscar na interdisciplinaridade ferramentas que possam auxiliar a compreensão de fenômenos políticos. Bem como o fizeram os teóricos da polarização afetiva quando introduziram o conceito da identidade social aos estudos de polarização, identifica-se na Psicologia Social outro instrumento teórico que pode contribuir para elucidação deste fenômeno. A Teoria das Representações Sociais observa o porquê de determinadas representações serem formadas, considerando o contexto em que diferentes grupos estão inseridos. Entender as representações e quais identidades sociais formam as representações sociais de grupos polarizados, pode colaborar para melhor entendimento do fenômeno da polarização.

4 TEORIA DO NÚCLEO CENTRAL: A ABORDAGEM ESTRUTURAL DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA O ESTUDO DA POLARIZAÇÃO AFETIVA

A seção a seguir apresenta a abordagem considerada mais indicada para o estudo da dimensão dos afetos das representações sociais. A Abordagem Estrutural entende a representação social enquanto um sistema que possui elementos centrais e periféricos responsáveis por organizar seu conteúdo. Pesquisas experimentais demonstraram que esses elementos seriam responsáveis também pela organização da dimensão afetiva da representação, motivo pelo qual este trabalho propõe o seu uso nos estudos de polarização afetiva.

4.1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ABORDAGEM ESTRUTURAL

A abordagem Estrutural das Representações Sociais tem como base a Teoria do Núcleo Central, preconizada por Jean-Claude Abric, em sua tese de doutoramento intitulada *Jeux, conflits et représentations sociales*, de 1976. A teoria proposta por Abric foi posteriormente complementada por Flament, Guimelli, Moliner, grupo de pesquisadores que – por estarem sediados na região Mediterrânea do sul da França³ – ficou conhecido como “Grupo do Midi” (Sá, 1996, p. 52).

Para Abric (1994), o trabalho de Moscovici estabeleceu uma teoria abrangente, na qual diversas outras abordagens precisaram ser desenvolvidas para estudar suas particularidades. A Teoria do Núcleo Central, defende Sá (1996, p. 61), foi capaz de oferecer a objetividade negada por Moscovici na teoria das representações sociais. O autor ressalta que a abordagem estrutural é uma das contribuições mais importantes por seu refinamento teórico, conceitual e metodológico. No Brasil, a abordagem possui uma robusta produção empírica, o que a torna uma ferramenta promissora em seu campo de estudos.

A pesquisa proposta por Abric (1994) consistiu na busca por uma análise experimental dos aspectos da representação social. Para tanto, foi formulada hipótese de que organização de uma representação apresenta uma característica particular: não apenas os elementos da representação são hierarquizados, mas, além disso, toda a representação é organizada em torno de um núcleo central, constituído de um ou mais elementos que dão à representação o seu significado (Abric 1994, p. 19 *apud* Sá, 1996, p. 62).

³Especificamente de Aix-em-Provence e Montpellier

Logo, Abric (2001, p. 82) define a representação social como um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes, que constitui um sistema sociocognitivo específico composto de dois subsistemas que interagem: um sistema central (ou núcleo central) e um sistema periférico, que serão mais bem detalhadas a seguir.

4.1.1 SISTEMA CENTRAL E PERIFÉRICO

A teoria do núcleo central, ou abordagem estrutural, propõe que as representações sociais são organizadas por um sistema dual com funções complementares. O sistema central é responsável por garantir a homogeneidade do grupo, sendo associado à memória coletiva e ao conjunto de normas. Ele desempenha uma função consensual, conferindo estabilidade, coerência e continuidade às representações, além de apresentar relativa independência em relação ao contexto social imediato (Abric, 1998, p. 78 *apud* Sá, 1996, p. 73). Esse núcleo central é considerado o elemento essencial da representação, sendo o responsável por definir seu significado e sua estrutura, o que o torna resistente a mudanças. Qualquer alteração no núcleo central resultaria em uma transformação completa da representação (Abric, 2001, p. 82).

Para Abric (2001, p. 82), as diferenças entre representações sociais dependem da organização em torno de núcleos distintos, de forma que compreender uma representação exige não apenas a identificação de seu conteúdo, mas também a análise de sua estrutura organizacional. Assim, o núcleo central confere consistência e permanência, sendo o eixo em torno do qual a representação é construída.

Por outro lado, o sistema periférico desempenha um papel mais flexível e adaptável, funcionando como a interface entre o núcleo central e a realidade concreta (Abric, 1998, p. 78 *apud* Sá, 1996, p. 79). Esse sistema é responsável por contextualizar e atualizar o núcleo central, ajustando as representações sociais às mudanças do ambiente e às especificidades individuais. Suas funções incluem a concretização das representações, a regulação do comportamento, a proteção do núcleo central e a personalização das representações coletivas (Abric, 2001, p. 83). Dessa forma, ele assegura a mobilidade e a capacidade de adaptação das representações sociais ao contexto imediato.

Flament (1994) complementa essa perspectiva ao destacar que, embora o núcleo central seja determinante para o significado e a organização das representações, ele não esgota as funções que elas desempenham no cotidiano. O estudo dos elementos periféricos revelou a capacidade das representações sociais de serem simultaneamente rígidas e flexíveis, móveis e

estáveis, consensuais e marcadas por diferenças individuais (Abric, 2001, p. 77). Essa dualidade evidencia a complexidade das representações sociais e sua capacidade de atender tanto às demandas grupais quanto às individuais.

O quadro abaixo, adaptado de Sá (1996, p. 74), sistematiza os aspectos e funções dos diferentes sistemas internos que organizam a representação social:

Quadro 1 — Características estruturais da Representação Social

Sistema Central	Sistema Periférico
Ligado à memória coletiva e à história do grupo	Permite a integração das experiências e histórias individuais
Consensual; define a homogeneidade do grupo	Suporta a heterogeneidade do grupo
Estável	Flexível
Coerente	Suporta as contradições
Rígido	
Resistente à mudança	Evolutivo
Pouco sensível ao contexto imediato	Sensível ao contexto imediato
Funções:	Funções
Gera a significação da representação	Permite adaptação à realidade concreta
Determina sua organização	Permite a diferenciação do conteúdo
	Protege o sistema central

Fonte: Adaptado de Sá (1996, p. 74).

A existência do núcleo central também ilustra bem uma das ideias básicas de Moscovici, em que na representação social, o sujeito e o objeto não são fundamentalmente distintos. Não é a natureza do objeto que determina a representação (Abric, 2001 p. 85), mas sim, como aponta Flament (1994, p. 46), "o núcleo central que organiza a imagem do objeto e, portanto, a constrói".

Outro aspecto relevante da abordagem estrutural, para o propósito deste trabalho, diz respeito a possibilidade de estudo da dimensão afetiva da representação social. Abric (2001, p. 84) preceitua que as representações sociais têm um núcleo central por serem uma manifestação do pensamento social e, como todo pensamento social, existem inúmeras crenças, geradas coletivamente e determinadas historicamente. São elas que garantem a identidade e a durabilidade de um grupo social.

Logo, uma vez que o núcleo central de uma representação social é composto pelos valores associados ao objeto em questão, compartilhar uma representação com outros indivíduos significa compartilhar os valores centrais associados a esse objeto. Nesse sentido, Abric (2001) ressalta que a homogeneidade do grupo não é definida pelo compartilhamento de um mesmo conteúdo de representação, mas sim pelo compartilhamento dos valores centrais presentes no núcleo dessa representação. O núcleo central é, portanto, a raiz, a base social da representação, que será então modulada, diferenciada e individualizada no sistema periférico (Abric, 2001 p. 85).

De forma mais sistemática, Abric (2001) determina a existência de dois elementos principais no núcleo central: elementos normativos e elementos funcionais. Para o autor (2001 p. 86), os elementos normativos derivam diretamente do sistema de valores dos indivíduos; constituem a dimensão social do núcleo e, portanto, da representação; estão ligados à história do grupo e à sua ideologia; são eles que determinam como o indivíduo julga o objeto.

Por outro lado, os elementos funcionais estão associados às características descritivas e à inclusão do objeto em sistemas operacionais; determinam os comportamentos relacionados ao objeto. A coexistência desses dois elementos permite que o núcleo central desempenhe tanto seu papel avaliativo quanto pragmático, ou seja, tanto justifica os julgamentos de valor quanto justifica as ações específicas relacionados ao objeto.

Logo, o núcleo central é uma entidade composta por um número limitado de elementos, alguns dos quais são normativos, outros funcionais, alguns principais e outros adjuntos. O conteúdo do núcleo central é, portanto, estável e não varia de acordo com o contexto. Mas dentro desse conjunto estável, alguns elementos serão mais usados do que outros para definir o significado do objeto ou as práticas associadas a ele. Assim, os elementos do núcleo central serão ativados de forma diferente, dependendo do contexto social (Abric, 2001 p. 88).

Dessa forma, a abordagem estrutural não apenas esclarece a complexidade das representações sociais, mas também oferece ferramentas essenciais para analisar como essas representações moldam percepções, ações e interações em contextos marcados por divisões políticas e sociais. Essa dualidade é particularmente relevante para a presente pesquisa, pois explica como os valores centrais compartilhados em um grupo reforçam a coesão interna, ao mesmo tempo em que intensificam as distinções e os conflitos com grupos externos.

4.2 DIMENSÃO AFETIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Como visto, as representações sociais são definidas como imagens, símbolos, ideias ou conceitos de vida que expressam um conhecimento social, do senso comum. O saber cotidiano é compartilhado com outros membros do grupo a partir das interações sociais e geram, assim, crenças, valores e normas que regem e interferem na vida em sociedade (Tomé; Formiga, 2020; Jodelet, 1989).

Para Sá (1996 p. 71), uma vez que a dimensão normativa está relacionada aos aspectos sócio-afetivos, sociais e ideológicos, uma norma, um estereótipo ou uma atitude muito emocional estarão sempre no núcleo central da representação. E é também nesse sentido que Campos e Rouquete (2003) defendem que a abordagem estrutural como a mais indicada para os estudos dos afetos. Para os autores, a dimensão afetiva da representação, embora pouco explorada, nunca foi rejeitada. Eles defendem que, sendo a representação um conhecimento ordenado que possui papel decisivo na maneira que os sujeitos interpretam e se comportam diante da realidade, é evidente que seja um conhecimento munido de cargas afetivas (*Ibidem*, p. 435)

Por meio da análise de diferentes estudos em representações sociais, Campos e Rouquete (2003) demonstraram que a dimensão afetiva da representação possui uma relação de não aleatoriedade com o núcleo central. Ou seja, o núcleo central distribui as cargas afetivas de forma igualmente organizada no conjunto da representação social. Os autores corroboram com a ideia de que, sendo as representações conceituadas como uma forma de pensamento social, elas são afetadas por uma dimensão afetiva, visto que emoções vivenciadas em momentos de interação coletiva influem na elaboração de uma representação (*Ibidem*, p. 436). A dimensão afetiva das representações sociais, nesse sentido, não é entendida como uma estrutura paralela, ao contrário, uma vez que a representação pode ser mais normativa ou mais funcional, ela pode ter elementos ativados com mais ou menos cargas afetivas.

Os achados de pesquisa de Campos e Rouquete (2003) revelam que o engajamento dos indivíduos com um objeto social específico é também um processo não aleatório, que não pode ser explicado como uma forma de associativismo comum. Sendo esse engajamento resultado de processos sociais, ele é necessariamente atravessado por uma ou várias motivações. Para os autores, o núcleo central, como produto de um compartilhamento histórico de valores e incumbido da significância da representação social, é também produto do compartilhamento histórico de emoções relacionadas aos valores e ações desenvolvidas. Logo, o significado das

representações sociais e a afetividade encontram-se associadas no interior da representação social (*Ibidem*, p. 444).

Por fim, no ensejo da proposta da utilização da abordagem estrutural para os estudos de polarização afetiva, faz-se importante destacar que Campos e Rouquete (2003) defendem a teoria do núcleo central como forma de estudar a dimensão afetiva da representação sem a necessidade de recorrer a recursos pesados de metodologia da psicologia social, tais como entrevistas clínicas e observações comportamentais, uma vez que o instrumento articula de modo objetivo e satisfatório os dados cognitivos e os dados que dizem respeito às cargas afetivas.

Este capítulo apresentou a abordagem estrutural das representações sociais como ferramenta essencial para compreender a organização e funcionamento dessas representações. A relação entre a dimensão cognitiva e afetiva, conforme demonstrado por Campos e Rouquete (2003), reforça a relevância dessa abordagem, especialmente para estudos de polarização afetiva.

5 DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO 8 DE JANEIRO DE 2023

O presente capítulo fará um breve relato dos acontecimentos ocorridos no dia 8 de janeiro de 2023, objeto da presente análise das representações sociais com foco nos estudos de polarização afetiva. O capítulo apresentará, ainda, o processo para construção do *corpus* de pesquisa e o percurso percorrido para a Análise Temática de Conteúdo, método escolhido para mapear os elementos afetivos que compõem o núcleo central das representações sociais do 8/1. Nesse contexto, para melhor entendimento e organização da pesquisa, optou-se por denominar os elementos centrais das representações como Núcleos Temáticos Estruturadores (Ferreira; Seidl, 2009), conforme se passa a expor.

5.1 8 DE JANEIRO DE 2023: O OBJETO INVESTIGADO

As eleições de 2022 marcam uma divisão eleitoral histórica no Brasil. Com a menor margem já registrada, o candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Luís Inácio Lula da Silva, vence as eleições com 50,9% dos votos; enquanto o candidato incumbente, Jair Bolsonaro, do Partido Liberal (PL), atinge 49,1%. Em seguida, parte dos eleitores inconformados com a eleição de Lula, e desacreditados da lisura do sistema eleitoral, começam a se reunir em frente aos Quartéis Gerais do Exército, em todo o Brasil, com pedidos de intervenção militar (Felice, 2022).

No entanto, é na tarde de domingo, do dia **8 de janeiro de 2023**, que ocorre o episódio mais alarmante. Apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro chegam à Brasília em caravanas e se reúnem na Esplanada dos Ministérios para as manifestações mais violentas já registrada desde a redemocratização de 1988. Os manifestantes invadem e depredam prédios públicos dos Três Poderes da União, em atos que se diferenciam das manifestações anteriores não apenas pelo grau de violência empregado, mas também por reivindicações que atacam diretamente as instituições democráticas⁴.

Nessa linha, cabe destacar alguns trechos da denúncia oferecida ao STF, pela Procuradoria-Geral da República, no âmbito do Inquérito 4.921, no qual descreve os fatos imputados a um dos réus processado pela participação dos atos do 8/1:

⁴Ver "Entenda os ataques golpistas de 8 de janeiro e seus desdobramentos", Folha de São Paulo, 7/2/2023. Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/entenda-os-ataques-golpistas-de-8-de-janeiro-e-seus-desdobramentos.shtml> >

Executando o plano outrora engendrado, na data de 8 de janeiro de 2023, no período da tarde, na Praça dos Três Poderes, mais especificamente nos prédios do Palácio do Planalto, do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal, em Brasília/DF, uma turba violenta e antidemocrática, composta por milhares de pessoas, entre elas o denunciado, estando todos os agentes unidos pelo vínculo subjetivo, imbuídos de iguais propósitos e contribuindo uns com os outros para a obra criminosa coletiva comum, tentou, com emprego de violência e grave ameaça, abolir o Estado Democrático de Direito, impedindo ou restringindo o exercício dos Poderes Constitucionais.

O denunciado seguiu com o grupo que ingressou na sede do Congresso Nacional, local fechado para o público externo no momento dos fatos, empregando violência e com o objetivo declarado de implantar um governo militar, impedir o exercício dos Poderes Constitucionais e depor o governo legitimamente constituído e que havia tomado posse em 1 de janeiro de 2023 (Brasil, 2023).

As condutas arroladas pela PGR foram acatadas pelo Supremo Tribunal Federal, e o réu em questão foi condenado, em setembro do mesmo ano, pela prática das condutas descritas nos art. 359-L (abolição violenta do Estado Democrático de Direito) e 359-M (golpe de Estado), ambos do Código Penal, além de outros crimes (STF, 2023).

No ano seguinte, o relatório final da Polícia Federal⁵ (PF), divulgado em novembro de 2024, indiciou 37 pessoas identificadas como líderes dos ataques do 8/1, incluindo o ex-presidente Jair Bolsonaro. O relatório apontou a existência de uma organização criminosa estruturada em núcleos, cujo objetivo era desacreditar o processo eleitoral, planejar e executar um golpe de Estado, além de abolir o Estado Democrático de Direito, visando à manutenção e perpetuação de seu grupo no poder.

A PF afirma que o grupo ligado a Jair Bolsonaro se estruturou em seis núcleos para planejar uma tentativa de golpe de Estado, dos quais destacam-se os núcleos "Desinformação e Ataques ao Sistema Eleitoral", "Responsável por Incitar Militares a Aderirem ao Golpe de Estado"; e "Operacional de Apoio às Ações Golpistas". O grupo investigado teria criado, desenvolvido e disseminado a falsa narrativa de que o sistema eletrônico de votação do país apresentava vulnerabilidades e estava sujeito a fraudes. Segundo a investigação, essa alegação envolvia ministros da Suprema Corte e do Tribunal Superior Eleitoral como supostos responsáveis por prejudicar o então presidente da República, Jair Bolsonaro.

Ainda segundo a PF, os ataques às urnas eletrônicas não teriam começado apenas após o segundo turno das eleições presidenciais de 2022. Desde 2019, o grupo já propagava essa

⁵Ver em "Bolsonaro, Braga Netto, Heleno e Valdemar: relatório da PF detalha participação de indiciados por tentativa de golpe", O Globo, 26/11/2024. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/11/26/bolsonaro-braga-netto-heleno-e-valdemar-relatorio-da-pf-detalha-participacao-de-indiciados-por-tentativa-de-golpe.ghtml>>

ideia com o objetivo de enraizar na população a falsa percepção de fraude eleitoral. Essa estratégia visava alcançar dois propósitos principais: primeiro, evitar que a narrativa fosse interpretada como um ato casuístico em caso de derrota eleitoral; e, mais importante, fornecer um fundamento para as ações que ocorreram após a derrota de Jair Bolsonaro no pleito de 2022.

Durante todo o processo, os investigados teriam utilizado o *modus operandi* da chamada "milícia digital" para disseminar, de forma massiva e repetitiva, a falsa narrativa de fraude nas eleições de 2018 e 2022. Para a PF, o grupo estava ciente do impacto da repetição e da ampla circulação da mensagem. A estratégia baseava-se na ideia de que mensagens repetidas e endossadas por diversas fontes e figuras de autoridade se tornam mais persuasivas e críveis ao público-alvo, uma vez que “a repetição maçante das informações, mesmo que falsas, leva à familiaridade, e a familiaridade leva à aceitação por parte dos receptores” (BRASIL, 2024, p.6).

Essa ideia de familiarização do objeto é justamente o que propõe Moscovici (2003) sobre a função das representações sociais. Para o autor, transformar o desconhecido em familiar é um processo no qual pessoas, objetos e eventos são interpretados com base em conhecimentos, valores e crenças pré-existentes. Assim, as ideias, imagens e a linguagem compartilhadas por um grupo orientam a forma como o desconhecido é assimilado. O pensamento coletivo, nesse sentido, é mais influenciado por convenções e memórias do que pela razão, privilegiando crenças estabelecidas em detrimento da coerência (Moscovici, 2003, p. 57).

Nesse contexto, é compreensível que os eventos do 8 de janeiro tenham sido assimilados de forma distinta por parte da opinião pública. A pesquisa de opinião realizada pela empresa Ipsos⁶, revelou que 81% dos brasileiros desaprovam as manifestações que resultou em ataque às sedes dos Três Poderes. Dos 19% restantes, 9% disseram aprovar totalmente o ocorrido enquanto e outros 9% disseram aprovar em parte.

Além do mais, líderes relacionados à extrema direita mantêm a narrativa que refutam o 8/1 como atos antidemocráticos. O vereador da cidade de Porto Alegre, Alexandre Bobadra (PL), inclusive, apresentou um Projeto de Lei propondo tornar o dia 8 de janeiro como o "Dia do Patriota"⁷. Cerca de 20 dias depois, o projeto foi suspenso pelo Ministro do Supremo Tribunal Federal, Luiz Fux.

⁶Ver "81% dos brasileiros desaprovam invasões de 8 de janeiro em Brasília, diz pesquisa Ipsos, BBC News, 13/1/2023. Disponível em < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64257618> >

⁷Ver "Porto Alegre transforma 8 de janeiro, data dos ataques em Brasília, em "Dia do Patriota", CNN Brasil, 25/8/2023. Disponível em < <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/porto-alegre-transforma-8-de-janeiro-dados-ataques-em-brasilia-em-dia-do-patriota/> >

No âmbito federal, tramita na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei (PL) nº 2.858/2022, que propõe anistia para crimes políticos e eleitorais cometidos a partir de 30 de outubro de 2022, data do segundo turno das eleições. A medida busca beneficiar aqueles que participaram de bloqueios em rodovias e de outros atos contrários ao resultado eleitoral. De autoria do deputado Major Vitor Hugo (PL-GO), o texto também prevê anistia para financiadores, além de cancelar multas e demais sanções aplicadas pela Justiça a pessoas físicas e jurídicas envolvidas nos eventos.

Já no Senado Federal, tramita o PL nº 5.064/23, apresentado pelo ex-vice-presidente da República de Jair Bolsonaro e agora senador pelo Republicanos (RS), Hamilton Mourão. Especificamente, o projeto propõe a concessão de anistia a todos os condenados pelos atos do dia 8 de janeiro. A enquete aberta na plataforma eletrônica do Senado Federal⁸, para consulta pública quanto ao PL, também evidencia esse embate interpretativo (Sena, 2023). Até o momento da elaboração deste texto, a consulta já contava com mais de 1 milhão de votos, sendo 542 mil votos a favor do projeto e 534 mil contra.

Dessa forma, o dia 8 de janeiro de 2023, apesar de recente, já pode ser considerado um marco na história da democracia brasileira. No presente trabalho, o ocorrido foi escolhido como objeto de estudo das representações sociais por dividir opiniões entre os apoiadores do ex-presidente Bolsonaro e a opinião pública em geral, bem como pelo grau de animosidade apresentado pelos manifestantes com ataques diretos às instituições democráticas.

5.2 METODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Para Breakwell (1993), integrar os paradigmas da identidade social e da representação social suscita diferentes implicações metodológicas, tendo em vista que nenhuma das abordagens impõe uma única solução em termos de metodologia. Para o autor, em praticamente todos os casos, será necessária uma variedade de métodos para abordar completamente a questão teórica. No mesmo sentido, tendo como base o aporte metodológico da Abordagem Estrutural das Representações Sociais, argumenta que nenhuma técnica isolada é capaz de identificar, de forma completa, os elementos essenciais para o entendimento de uma Representação Social, que incluem conteúdo, estrutura interna e núcleo central

⁸Ver em: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaomateria?id=160575>

Nesse contexto, para o presente estudo optou-se pela Análise Temática, método que permite identificar, analisar, organizar, descrever e relatar temas dentro de um conjunto de dados, possibilitando a interpretação de diversos aspectos do tema de pesquisa (Braun; Clarke, 2006). Nowell *et al.* (2017) descrevem a análise temática como um método qualitativo flexível, que conecta as "linguagens" da análise qualitativa e quantitativa, permitindo que pesquisadores de diferentes métodos se comuniquem de maneira eficaz.

Para tanto, a análise foi dividida em diferentes etapas. O primeiro passo consistiu na utilização de entrevistas para criar o *corpus* de análise das representações sociais referentes ao 8/1. Como instrumento metodológico, a entrevista mostrou-se eficaz para revelar significados relacionados ao tema investigado. Esse método possibilitou a obtenção de informações e mensagens relevantes, principalmente àquelas relacionadas a emoções e sentimentos, que, possivelmente, não seriam capturadas por outros instrumentos de pesquisa.

Em seguida, o *corpus* formado pelas entrevistas foi submetido a análise exploratória por meio Classificação Hierárquica Descendente (CHD), conhecido como método Reinert, para delimitação dos Núcleos Temáticos Estruturantes do Discurso (Ferreira; Seidl, 2009). Por meio da CHD é possível observar as classes lexicais, com base na co-ocorrência de determinadas palavras (Justo; Carmargo, 2014; Sousa, 2021). Essa análise automática de texto é pertinente aos objetivos da pesquisa, pois (i) identifica as informações essenciais de um texto, podendo ser aplicada à análise de dados provenientes de entrevistas, questionários ou questões abertas; e (ii) realiza uma quantificação dos dados, a fim de extrair as estruturas significativas mais relevantes do texto.

Por fim, a partir dos Núcleos Temáticos Estruturadores do Discurso obtidos por meio da CHD, o *corpus* da pesquisa foi novamente analisado e subdividido em códigos e subcódigos, com o auxílio do software NVivo 14. Essa última etapa foi importante para validar os resultados gerados pela CHD e identificar os elementos centrais da representação do 8/1, além de investigar emoções e sentimentos que compõem as representações e que não necessariamente foram explicitamente nomeados pelos participantes.

A seguir, passa-se a expor de forma mais detalhada como se deu cada uma dessas etapas.

5.2.1 ENTREVISTAS

O corpus da pesquisa foi obtido por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado (APÊNDICE A), elaborado a partir de objetivos descritos, pois esta é uma técnica que permite

estabelecer um diálogo com o entrevistado e sondar para além das simples respostas obtidas (May, 2004). Rocha (2020) preceitua que as entrevistas permitem elaborar perguntas sobre elementos que são de difícil observação, tais como, sentimentos, intenções e pensamentos. Ademais, entrevistas em profundidade são apropriadas quando se deseja aferir conceitos, ou seja, utilizar os dados obtidos para verificar expectativas que foram geradas em uma teoria anteriormente estabelecida.

Na primeira pergunta foram apresentadas duas imagens do 8/1 com manifestantes vestido em verde e amarelo subindo a rampa do Palácio do Planalto e do Congresso Nacional. Nessa última, manifestantes seguravam uma faixa com a palavra "Intervenção". Após alguns minutos observando as imagens, o entrevistado respondia à pergunta: *o que você pensa, sente ou imagina quando vê essas imagens? Fale as cinco palavras ou frases que venham à sua mente*. No projeto inicial, o objetivo da dinâmica era aplicar a Técnica de Associação Livre de Palavras - TALP (Abric, 2003); contudo, ainda que a aplicação da técnica não tenha sido satisfatória para os objetivos dessa pesquisa — devido ao limitado número de palavras obtidas — as imagens serviram para reativar emoções e sentimentos vivenciados naquele dia e foram úteis para subsidiar as respostas posteriores.

As demais perguntas da entrevista versaram sobre opiniões e valores; sentimentos; e atribuição de responsabilidade quanto aos atos praticados no dia 8/1, bem como sobre opinião e sentimentos em relação ao dia a dia dos acampamentos montados em frente ao Quartel General do Exército (QG) nos mais de 60 dias que antecederam aquele evento.

Foram entrevistados 9 indivíduos que declaram terem participado ativamente das manifestações políticas que envolveram o evento do dia 8/1. Desses 9, todos afirmaram ter frequentado os acampamentos montados nos mais de 60 dias que antecederam o dia 8/1, em frente ao QG, e demais aquartelamentos do Exército Brasileiro em suas respectivas cidades. Contudo, apenas 3 confirmaram que estavam presentes na manifestação do 8/1, na Praça dos Três Poderes, embora haja publicações em redes sociais que confirmam a presença de pelo menos outros 3 entrevistados nesse dia. Dos 3 que confirmaram a participação no 8/1, um possuía sentença condenatória pelo STF e encontrava-se foragido em outro país.

Embora o evento tenha ocorrido em Brasília/DF, a região de moradia dos sujeitos dividiu-se entre DF, Goiás, São Paulo e Santa Catarina. Dos 9 sujeitos entrevistados, 5 eram mulheres e 4 homens. Todos os homens se declaram brancos; apenas uma mulher se declarou preta e outras duas pardas. A renda familiar variou entre um salário-mínimo e R\$ 30.000,00 (trinta mil reais) mensais. 6 sujeitos encontravam-se na faixa etária acima dos 60 anos, tendo a

entrevistada mais velha 83 anos de idade. 5 sujeitos estavam aposentados, enquanto 3 possuíam trabalho em período integral e um encontrava-se desempregado em busca de emprego. Ademais, 6 dos 9 sujeitos se declararam seguir a religião evangélica (Tabela 1).

O acesso aos sujeitos ocorreu por abordagem direta da pesquisadora a conhecidos que tinham frequentado ativamente do acampamento em frente ao Quartel General em Brasília. Em seguida, outros sujeitos foram indicados por conhecidos e alguns foram acessados a partir do método bola de neve — que consiste na indicação de outros sujeitos pelos próprios entrevistados, sendo realizado em todos os casos contato telefônico para agendar a entrevista.

Uma das dificuldades de acesso aos sujeitos foi a divulgação, por parte de um dos administradores de grupos de *WhatsApp* que organizam manifestações de direita, para que seus membros não dessem entrevista caso fossem abordados por uma pesquisadora da Universidade de Brasília (UnB). Acredita-se que essa informação foi propagada devido a opinião compartilhada por grupos que desabonam as universidades públicas. É possível também que o receio de denúncias posteriores tenha motivado a desistência de diversos outros sujeitos que agendaram entrevista, mas não compareceram ao local e hora marcada.

Embora tenha sido limitado o número de indivíduos que concordaram em participar da pesquisa, optou-se por excluir uma das entrevistas realizadas. A escolha fundamentou-se no nível de tecnicidade da linguagem adotada pelo entrevistado, tendo em vista sua atuação como advogado dos presos do 8/1. Nesse sentido, uma vez que a pesquisa tem como foco sentimentos e emoções, entendeu-se que poderia prejudicar a análise considerar esta entrevista no prosseguimento da pesquisa, devido a alta incidência de termos técnico-jurídicos.

Por fim, para compor o perfil dos indivíduos foi questionado também sobre a preferência dos entrevistados para consumo de mídias e notícias, mas, como a maioria não soube responder de imediato, a opção "Site de Notícias" foi a que teve mais respostas. Dessa forma, essa informação foi retirada, pois não apresentou resultado relevante a pesquisa.

Todas as entrevistas foram realizadas entre agosto e novembro de 2024, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) assinado pelos entrevistados. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente e tiveram duração entre 20 minutos e 1 hora e 40 minutos, tendo em média 45 minutos de duração.

Tabela 1 — Perfil dos sujeitos entrevistados

	Cidade	Estado	Idade	Sexo	Raça/Cor	Estado Civil	Educação	Ocupação	Renda Familiar	Dependentes	Religião	Afiliação Política
Entrevistado 1	Valparaíso	Goiás	36	Feminino	Branco	Casado	Pós-graduação	Empregado(a) em período integral	De R\$ 1.000 a R\$ 4.999	0	Sem religião	Direita
Entrevistado 2	Brasília	Distrito Federal	48	Masculino	Branco	Casado	Formação universitária incompleta	Empregado(a) em período integral	De R\$ 10.000,00 a R\$ 19.999	2	Evangélico	Direita
Entrevistado 3	Brasília	Distrito Federal	68	Masculino	Branco	Casado	Ensino Superior	Aposentado	De R\$ 30.000 a R\$ 39.999	2	Católico	Direita
Entrevistado 4	Balneário Camboriú	Santa Catarina	62	Feminino	Branco	Divorciado	Formação universitária incompleta	Aposentado	De R\$ 5.000,00 a R\$ 9.999	3	Evangélico	Direita
Entrevistado 5	Ceilândia	Distrito Federal	83	Feminino	Preto	Viúvo	Analfabeto	Aposentado	Até um salário-mínimo	11	Evangélico	Direita
Entrevistado 6	Brasília	Distrito Federal	67	Masculino	Branco	Casado	Ensino Superior	Aposentado	De R\$ 10.000,00 a R\$ 19.999	3	Agnóstico	Direita
Entrevistado 7	Planaltina de Goiás	Goiás	47	Feminino	Pardo	Solteiro	Ensino Médio ou Equivalente	Desempregado, em busca de emprego	Até um salário-mínimo	2	Evangélico	Direita
Entrevistado 8	São Paulo	São Paulo	63	Feminino	Pardo	Divorciado	Ensino Médio ou Equivalente	Aposentado	Até um salário-mínimo	1	Evangélico	Direita

Fonte: A autora (2024).

5.2.2 DEFINIÇÃO DOS NÚCLEOS TEMÁTICOS ESTRUTURADORES DO DISCURSO

Os dados produzidos nas entrevistas foram submetidos ao software *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* — Iramuteq para codificação informatizada através da Classificação Hierárquica Descendente (CHD). A CHD se baseia no pressuposto de que as estruturas lexicais de um texto estão interligadas por meio da distribuição das palavras em seu *corpus* e que essa distribuição não ocorre de forma aleatória. Esse tipo de análise possibilita a repartição do texto original em unidades de contexto (classes), em função da semelhança entre as unidades de contexto elementares do texto (UCE). A ferramenta possibilita a identificação das informações essenciais contidas nas respostas a questões abertas, com o objetivo de extrair os **Núcleos Temáticos Estruturadores do Discurso** (Ferreira; Seidl, 2009).

Faz-se importante frisar que, nos estudos sobre representações sociais, as classes lexicais têm sido interpretadas como indicadores da existência de discursos compartilhados sobre um objeto determinado (Sousa, 2021). Reinert (1990) explica que regularidade na ocorrência de um vocabulário específico aponta para a existência de um campo contextual, ou

seja, um espaço semântico particular que reflete representações coletivas compartilhadas entre os indivíduos de uma mesma classe, revelando o contexto típico de um grupo. No âmbito do nosso objeto de pesquisa, essas unidades de contexto são interpretadas como unidades temáticas que estruturam as representações.

O processamento da CHD ocorre em quatro etapas. Primeiramente, é realizada a leitura automatizada do corpus textual e o *software* divide os textos em segmentos a partir do tamanho do enunciado e pontuação. Nessa etapa há a diferenciação das palavras em sua forma ativa (verbos, adjetivos, substantivos) e suplementares (artigos, pronomes, advérbios).

Na segunda, etapa que ocorre a CHD propriamente dita, por meio da construção de matrizes de contingência com os segmentos de texto. Para tanto, a partir do contraste entre os seus vocabulários, o software divide o conjunto de segmentos de texto em duas classes. Esse procedimento é repetido várias vezes até que pare de produzir novas classes estáveis. Posteriormente, testes de qui-quadrado (χ^2) são realizados para verificar o grau de associação entre as formas lexicais e as classes, o que resulta em um dendrograma com as formas mais específicas de cada divisão.

Na terceira etapa, os perfis lexicais de cada classe são produzidos. Eles reúnem, de forma detalhada, informações sobre a distribuição de formas ativas e suplementares, e os resultados dos testes de qui-quadrado (χ^2). Na terceira fase também se realiza a Análise Fatorial por Correspondência (AFC), em que há o cruzamento entre as formas reduzidas e variáveis categóricas com as classes resultantes. Ao final, na quarta e última etapa, são feitos cálculos complementares que identificam os segmentos de texto mais característicos de cada agrupamento, esses cálculos permitem reaver os contextos de enunciação das formas lexicais (Sousa, 2021; Justo; Carmargo, 2014).

Por fim, acrescenta-se que uma das grandes vantagens da CHD é a possibilidade de exclusão de palavras de ligação entre termos oracionais, como preposições, conjunções, artigos definidos e indefinidos, denominadas palavras suplementares. Dessa forma, a análise textual realizada se concentra nas palavras mais ativas do texto e permite, ainda, afastar concepções subjetivas do pesquisador, que poderiam afetar o objeto de pesquisa (Gandin, 2018). As classes obtidas nesse processo, denominadas aqui de “núcleo temáticos”, permitiram o acesso aos aspectos mais significativos das representações que envolvem o 8/1.

5.2.3 ANÁLISE DOS NÚCLEOS TEMÁTICOS ESTRUTURADORES DO DISCURSO

Como dito anteriormente, a Análise de Conteúdo Temática busca identificar, analisar e relatar padrões (ou temas) nos dados analisados. É um método que organiza e descreve o conjunto de dados de forma detalhada, ajudando o pesquisador a interpretar os vários aspectos do tema (Braun; Clarke, 2006).

A análise dos Núcleos Temáticos Estruturadores do Discurso obtidos a partir da Classificação Hierárquica Descendente contou com o aporte metodológico do *software* NVIVO 14 QSR *International*. O NVivo é um software avançado de análise qualitativa de dados, desenvolvido para facilitar o processamento, organização e interpretação de grandes volumes de informações textuais e multimodais, como entrevistas, transcrições, áudios, vídeos e redes sociais (QSR, 2024). A ferramenta é amplamente utilizada em pesquisas acadêmicas e sociais, pois permite realizar codificação, consultas avançadas e análise de conteúdo de maneira sistemática e rigorosa. Além disso, o NVivo possibilita a criação de mapas conceituais, diagramas e nuvens de palavras, facilitando a visualização de padrões, relações e estruturas nas representações sociais identificadas no corpus textual (Jackson; Bazeley, 2019).

No contexto do presente estudo, o NVivo 14 se destaca como uma ferramenta essencial ao permitir a identificação de categorias centrais e periféricas de forma detalhada e visualmente intuitiva. Com o uso de funcionalidades como a análise de frequência de palavras e árvore de palavras, é possível detectar padrões semânticos e relacionais no discurso, oferecendo evidências empíricas para os elementos das representações sociais. Ademais, a possibilidade de exportar os resultados em formatos gráficos e tabulares facilita a comunicação dos achados, tornando o NVivo 14 uma ferramenta indispensável para estudos qualitativos de grande complexidade.

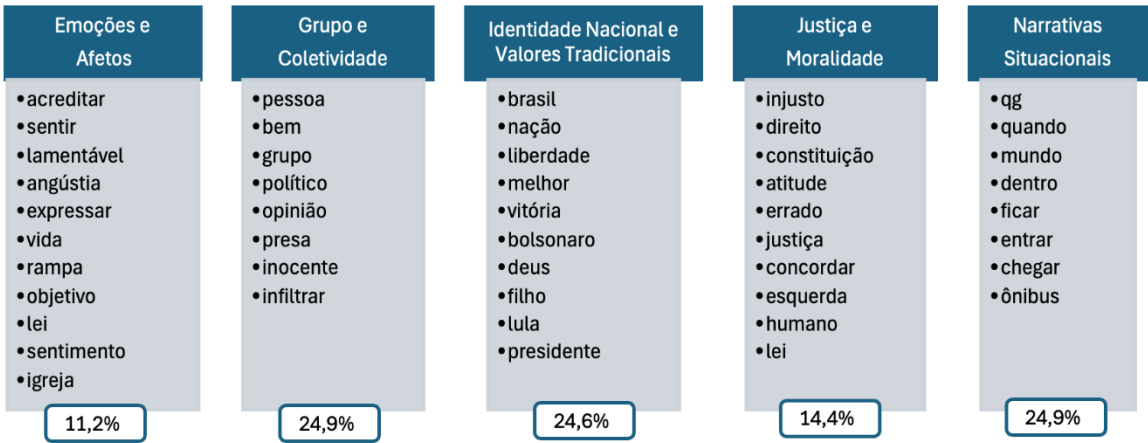
6 ANÁLISES E RESULTADOS

Nesta seção será feita a análise dos resultados obtidos pela definição dos Núcleos Temáticos Estruturadores da Representação do 8/1. A avaliação desses resultados deve ilustrar as identidades sociais que compõem as representações do 8/1, bem como as afetos e sentimentos que estão atrelados a cada Núcleo Temático Estruturador.

6.1 OS NÚCLEOS TEMÁTICOS ESTRUTURADORES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO 8 DE JANEIRO: FASE QUANTITATIVA

Das 8 entrevistas (UCI's - Unidade de Contexto Inicial) processadas pelo programa *software* Iramuteq 89,97% do *corpus* de dados original foi aproveitado. O tratamento dos dados pelo Classificação Hierárquica Descendente (CHD) gerou, na etapa quantitativa, um conjunto de resultados que possibilitou identificar as informações essenciais (palavras) que constituem os cinco Núcleos Temáticos Estruturadores que caracterizam as representações sociais do 8/1 para os entrevistados, na qual a análise cruzada com a etapa qualitativa possibilitou nomeá-las (figura 1).

Figura 1 — Núcleos Temáticos Estruturadores das Representações Sociais do 8 de janeiro



Fonte: A autora (2024).

O Núcleo Temático Estruturador "Emoções e Afetos" representa 11,2% do *corpus* e reúne palavras como 'lamentável', 'sentir' e 'angústia', indicando um discurso introspectivo e focado em emoções subjetivas. Apesar da análise ter identificado Emoções e Afetos como um

Núcleo Temático Estruturante específico das Representações Sociais do 8/1, não restou claro quais sentimentos compõem esse núcleo. Logo, esse tópico será mais bem analisado na fase qualitativa desta pesquisa.

O Núcleo Temático Estruturador "Grupo e Coletividade" compõe 24,9% do *corpus* da pesquisa e aborda interações interpessoais e políticas, com palavras como 'pessoa', 'grupo' e 'opinião'. Sugere sentimento de pertencimento, com foco nos indivíduos e no coletivo, elemento essencial para identidade social.

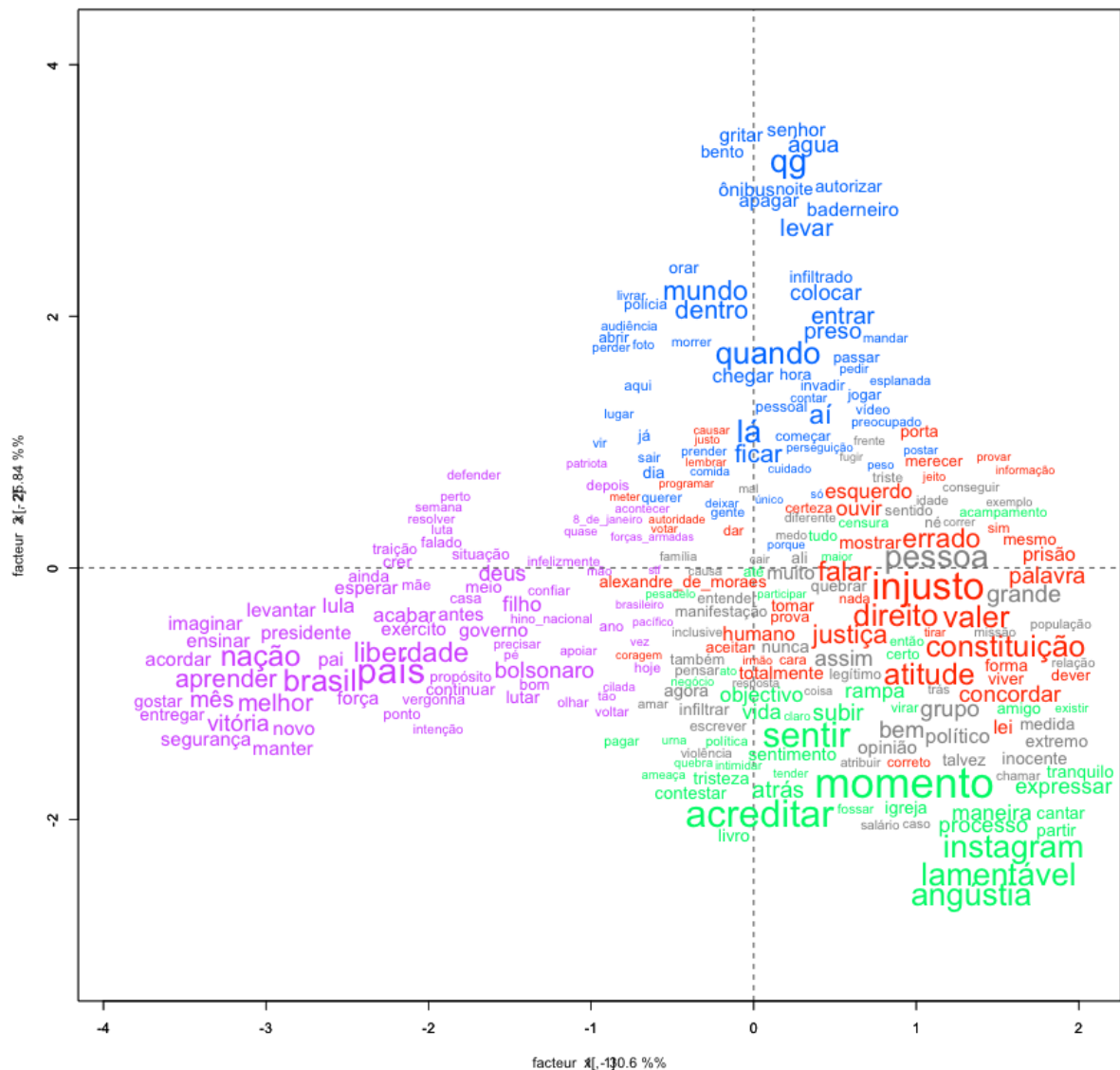
O Núcleo Temático Estruturador "Identidade Nacional e Valores Tradicionais" é composto por 24,6% do *corpus* e apresenta palavras como 'Brasil', 'liberdade' e 'nação'. Esse núcleo indica sentimentos de orgulho nacional, sugerindo o nacionalismo como elemento central para a identidade daqueles que estiveram envolvidos nos eventos do 8/1.

O Núcleo Temático Estruturador "Justiça e Moralidade" conta com 14,4% e concentra palavras como 'injusto', 'direito' e 'constituição'. O núcleo reflete discursos normativos e políticos, possivelmente associados a sentimentos de ressentimentos.

O Núcleo Temático Estruturador denominado "Narrativas Situacionais", apesar de compor 24,9% do *corpus*, está relacionado a ambientação dos locais onde ocorreram as interações do grupo, não tendo apresentando elementos significativos para os objetivos desse estudo.

A Análise Fatorial por Correspondência (AFC), terceira etapa da CHD, apresenta um quadrante com o cruzamento entre as formas reduzidas e variáveis categóricas com as classes resultantes. Sua análise torna possível uma depuração dos Núcleos Temáticos Estruturadores "Identidade Nacional e Valores Tradicionais"; "Grupo e Coletividade"; e "Justiça e Moralidade", com foco em identidades coletivas e aspectos emocionais suscitados no discurso.

Figura 2 — Análise Fatorial por Correspondência



Fonte: A autora (2024).

No Núcleo Temático "Identidade Nacional e Valores Tradicionais" destacam-se as palavras principais: Brasil, país, nação, liberdade, Deus, Bolsonaro — o que reforça uma identidade social baseada no patriotismo e adiciona elementos de valores tradicionais. A presença de termos religiosos (deus) e políticos (bolsonaro) confirma uma identidade moral e uma visão específica de pertencimento a um grupo que valoriza ideais tradicionais e conservadores. Nesse núcleo apresentam-se também emoções positivas associadas a crenças e esperanças.

O Núcleo Temático "Grupo e Coletividade" enfatiza uma identidade coletiva que se percebe em oposição a outros grupos sociais ou políticos. Palavras como grupo e pessoa indicam uma categorização social que organiza o discurso em "nós" contra "eles", o que preconiza a presença de polarização afetiva dos discursos analisados.

No Núcleo Temático "Justiça e Moralidade", o destaque de palavras como injusto, direito, Constituição, justiça, atitude e prisão demonstra luta por direitos e uma percepção de injustiça estrutural. Palavras como Constituição e justiça sugerem uma busca por validação dentro de um marco legal e moral. A autoidentificação como injustiçados reforça uma identidade coletiva em oposição a um "sistema" percebido como opressor. Nesse núcleo predominam emoções negativas, como indignação (injusto), frustração e raiva. Palavras como atitude e justiça indicam também um desejo de ação e transformação.

Em suma, registra-se que a fase quantitativa da pesquisa revelou que as representações sociais do 8/1 possuem cinco Núcleos Temáticos Estruturadores: Emoções e Afetos; Grupo e Coletividade; Identidade Nacional e Valores Tradicionais; Justiça e Moralidade; e Narrativas Situacionais. Contudo, embora o Núcleo Temático Estruturador Narrativas Situacionais componha 24,9% do *corpus*, esse não será considerado para fase de análise qualitativa por estar relacionado aos locais onde ocorreram as interações do grupo, não tendo apresentando elementos significativos para os objetivos da pesquisa. Por fim, destaca-se que a análise automática da CHD constituiu o Núcleo Temático Emoções e Afetos como um dos núcleos estruturadores das representações do 8/1, o que demonstra a forte carga afetiva nos discursos analisados.

6.2 ANÁLISE TEMÁTICA DOS NÚCLEOS ESTRUTURADORES: FASE QUALITATIVA

Uma vez encontrados os Núcleos Temáticos Estruturadores, utilizou-se o *software* NVivo 14 para organizar cada núcleo em códigos. A partir daí, foram criados subcódigos que guardavam pertinência com os termos identificados nos dendogramas gerados pelo Iramuteq. Para o núcleo temático "Identidade Nacional e Valores Tradicionais", por exemplo, foram criados os subcódigos "orgulho nacional"; "simbolismo nacional"; "crenças conservadoras", e assim por diante, conforme demonstrado na Tabela 2.

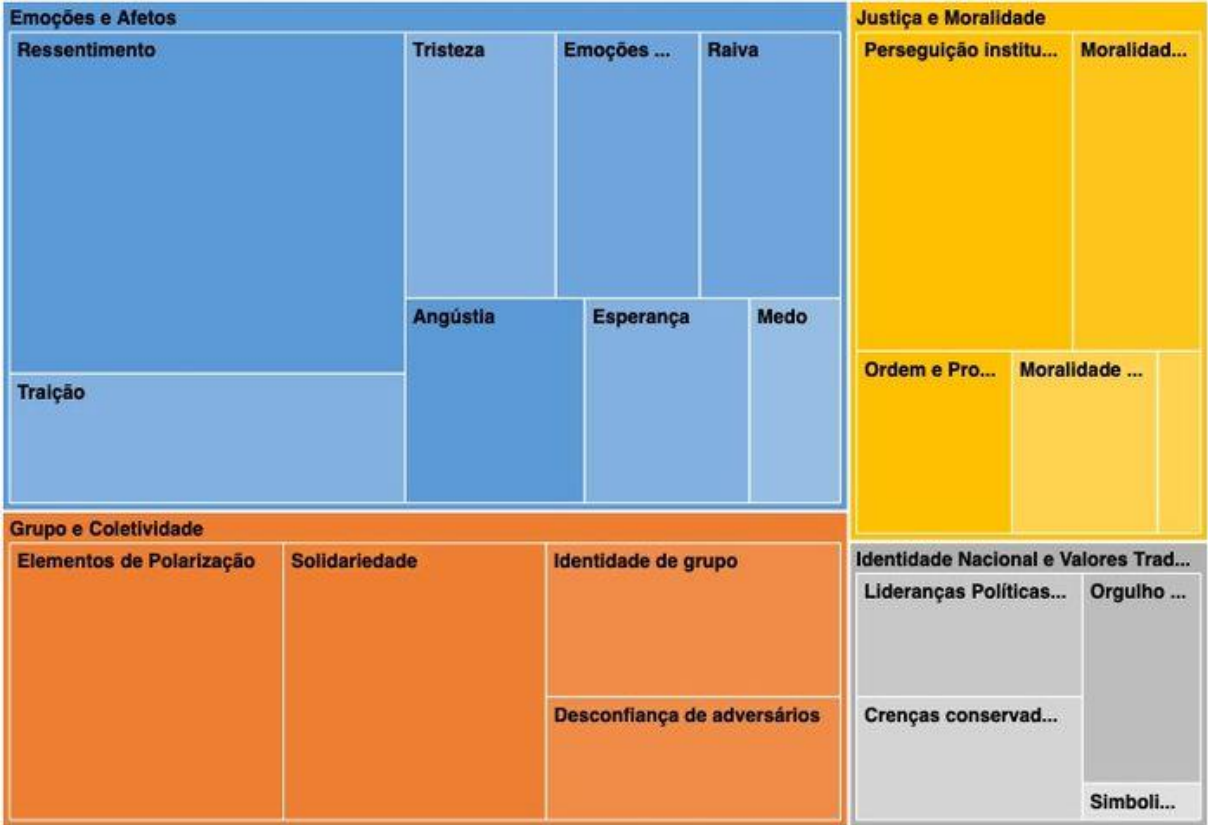
Tabela 2 — Códigos e Subcódigos do NVivo

Nome	Descrição	Fontes	Referências
Emoções e Afetos		0	0
Angústia	Sentimentos de desconforto ou ansiedade diante do contexto político.	8	23
Emoções positivas pré 8 de janeiro	Emoções coletivas vivenciadas nos acampamentos	7	24
Esperança	Emoções positivas relacionadas a mudanças ou aspirações por um futuro melhor.	6	21
Medo	Medo de perseguições e sanções após terem participado do evento.	5	12
Raiva	Expressões de indignação e fúria em relação ao sistema ou a grupos adversários.	7	23
Ressentimento	Emoções negativas associadas ao período anterior a 8 de janeiro, como mágoa, frustração ou desilusão.	8	84
Traição	Sentimentos de deslealdade e quebra de confiança percebidos após 8 de janeiro.	6	32
Tristeza	Frustração e emoções negativas associadas à participação no evento.	6	25
Grupo e Coletividade		0	0
Desconfiança de adversários	Imputação de responsabilidade ao grupo adversário (infiltrados).	7	24
Elementos de Polarização	Percepção de conflito entre “nós” e “eles”.	8	50
Identidade de grupo	Sentimentos de união e identidade com um grupo específico (patriotas, conservadores).	7	30
Solidariedade	Expressões de apoio e união entre os participantes.	8	48
Identidade Nacional e Valores Tradicionais		0	0
Crenças conservadoras	Defesa de valores morais, religiosos e tradicionais	4	19
Lideranças Políticas Conservadoras	Menções a líderes políticos associados ao conservadorismo, como Bolsonaro.	5	19
Orgulho Nacional	Expressões de patriotismo e valorização da identidade nacional.	6	17
Simbolismo Nacional	Referências a bandeiras, hinos ou símbolos do Brasil.	3	3
Justiça e Moralidade		0	0
Constitucionalidade	Menções à Constituição como referência para discussões sobre justiça e direitos	5	5
Moralidade Coletiva	Percepção de que as ações do grupo refletem um ideal moral maior.	7	26
Moralidade Individual	Discursos sobre o que é moralmente correto ou aceitável.	5	17
Ordem e Progresso	Necessidade de ação para o reestabelecimento da ordem do país antes de 8 de janeiro	8	18
Perseguição institucional	Sentimento de que as instituições estão culpando injustamente àqueles que estiveram no 8 de janeiro	8	44

Fonte: A autora (2024).

Antes mesmo de uma análise mais aprofundada, a Tabela 3 revelou informações importantes ao destacar os códigos com maior número de referências dentro de cada Núcleo Temático Estruturador. No Núcleo Temático Emoções e Afetos, o subcódigo Ressentimento apresentou a maior incidência. No Núcleo Temático Justiça e Moralidade, o subcódigo Perseguição Institucional foi predominante, enquanto no Núcleo Temático Grupo e Coletividade, os subcódigos mais destacados foram Elementos de Polarização e Solidariedade, este último relacionado aos acampamentos nos QGs.

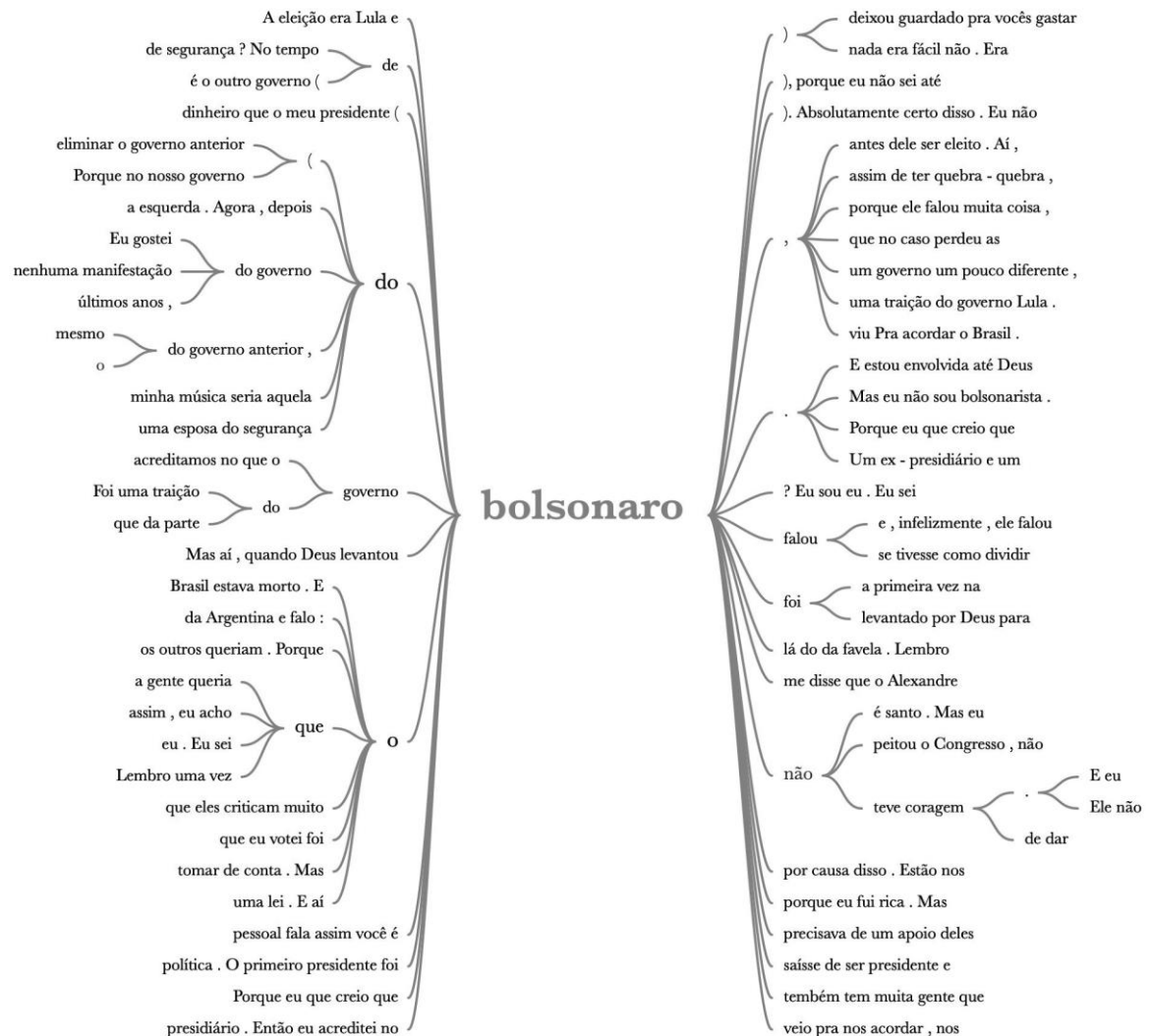
Tabela 3 — Códigos comparados pelo número de referências de codificação



Fonte: A autora (2024).

Na codificação do Núcleo Temático "Emoções e Afetos", um dos desafios enfrentados na pesquisa foi distinguir o ressentimento de outros sentimentos, como angústia, raiva e traição. No entanto, foi possível observar que o ressentimento, a angústia e a raiva estavam direcionados a atores antagônicos, funcionando tanto como motivadores para a adesão às manifestações quanto como elementos de coesão do grupo. Já o sentimento de traição, por sua vez, emergiu após o dia 8 de janeiro e se direcionou especificamente à figura do ex-presidente Bolsonaro e às instituições de defesa nacional.

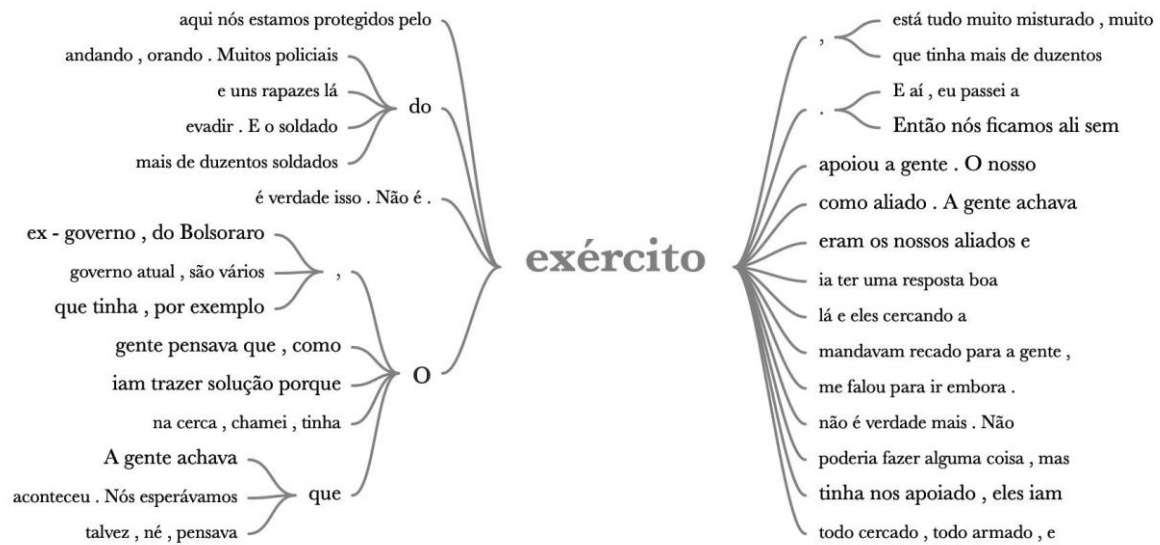
Figura 4 — Árvore de Palavras (Bolsonaro)



Fonte: A autora (2024).

No que diz respeito as expressões Exército e Forças Armadas (Figuras 5 e 6), foi identificado que também existia uma expectativa no tocante a atuação das instituições de defesa para impedir a posse do presidente eleito, Luís Inácio Lula da Silva. Há relatos pontuados ao longo das entrevistas de que pessoas ligadas ao exército apoiaram ativamente os acampamentos e a manifestação do dia 8/1, solicitando aos manifestantes que permanecessem acampados pois "medidas estavam sendo tomadas", motivo pelo qual há um forte sentimento de traição no que se refere a essas instituições.

Figura 5 — Árvore de Palavras (Exército)



Fonte: A autora (2024).

Figura 6 — Árvore de Palavras (Forças Armadas)



Fonte: A autora (2024).

A Figura 7 faz referência às emoções positivas suscitadas quando as perguntas versavam sobre os acampamentos ou quando os próprios entrevistados elencavam os motivos que os levaram a participar dos acampamentos e da manifestação do 8/1. Dentre esses sentimentos, foi possível verificar uma forte relação com valores como família, liberdade e pátria.

arranquei aquele negocinho no guarda-roupa, onde a gente coloca a calça pendurada, tem um varãozinho, e eu fui na casa dela e dei uma taca nela.

O citado trecho exemplifica o nível de animosidade que estava presente no período eleitoral e que se estendeu até, pelo menos, o dia 8 de janeiro de 2023, uma vez que apoiadores do ex-presidente Bolsonaro acreditaram fielmente que as urnas teriam sido fraudadas e que as eleições de 2022 não seriam legítimas.

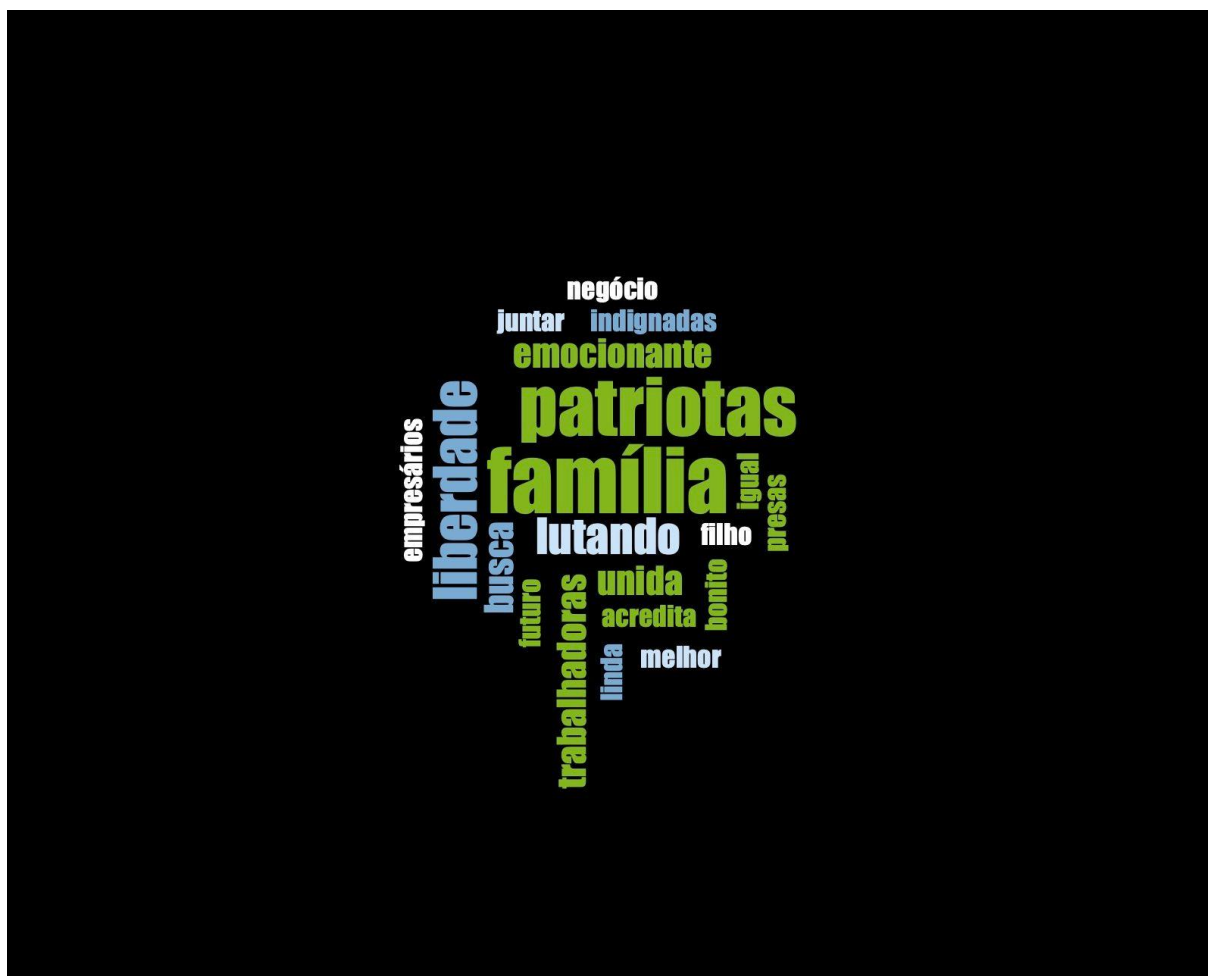
Em outro trecho, a participante revela que a motivação para montar e permanecer no acampamento em frente ao Quartel General do Exército foi a vontade de estar com pessoas que pensavam de forma semelhante a sua, diante da impossibilidade de dividir o país, o que demonstra fortes elementos de polarização com foco no "nós" e "eles",

Lembro uma vez que o Bolsonaro falou, se tivesse como dividir o país assim (vertical), era melhor, porque aí os nordestinos ficavam pra um lado, e a gente ficava pro outro. Mas como é assim (horizontal), não dá pra dividir. Foi o que eu pensei, eu falei, eu vou deixar o povo que acredita. Porque o meu bairro era muito petista. Eu vou deixar esse povo aqui e vou me juntar com o meu povo.

Outra entrevistada disse que o acampamento era o único lugar que ela gostaria de estar, "com os patriotas, pessoas que estão lutando pela liberdade, pelos nossos valores nesse país, lutando por justiça".

No tocante ao subcódigo Identidade de Grupo, foi possível verificar que os entrevistados se identificavam principalmente como 'família' e 'patriotas'. Na nuvem de palavras relativa às 20 primeiras palavras desse subcódigo (Figura 8), é possível perceber que os demais termos dizem respeito a uma variação dessas, tais como 'filho'; 'unida'; 'linda' para **família**, e 'busca'; 'liberdade'; 'lutando'; 'indignadas' para **patriotas**.

Figura 8 — Nuvem de Palavras do Subcódigo Identidade de Grupo



Fonte: A autora (2024).

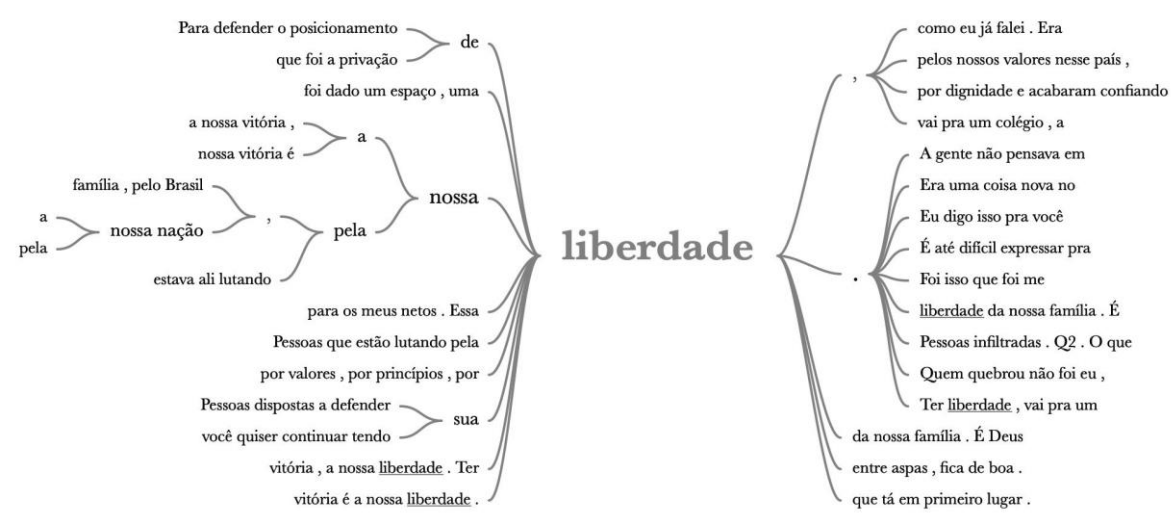
O subcódigo Solidariedade tem forte sobreposição com o subcódigo Emoções Positivas explicitado no Núcleo Temático Estruturador Emoções e Afetos, tendo em vista que os participantes descrevem o ambiente dos acampamentos como acolhedor, organizado, tranquilo, o que nos remete a uma alta percepção de pertencimento.

Um fato curioso que diz respeito a esse subcódigo é que a maioria dos participantes relatou a existência de um gerador no qual era possível deixar os celulares carregando e sair para outros afazeres, por não haver furtos no local. Apenas uma participante alegou ter tido o celular furtado, mas relatou que o objetivo do furto teria sido protegê-la, uma vez que — como era uma mulher em idade avançada — os outros patriotas teriam agido na intenção de mandá-la para casa.

O Núcleo Estruturador Identidade Nacional e Valores Tradicionais revela o perfil das manifestantes. A maioria das afirmações dizem respeito a valores e crenças religiosas e na

necessidade de impedir o avanço de pautas como o casamento homoafetivo, o aborto, bem como a manutenção de uma família tradicional. Este Núcleo Temático Estruturador também revela que os entrevistados têm a percepção de que precisam lutar para viver em liberdade (Figura 9) e para resgatar valores sociais antigos presumidamente melhores que os atuais.

Figura 9 — Árvore de Palavras - Liberdade



Fonte: A autora (2024).

Nesse sentido, faz-se importante registrar que gerar, a partir do NVivo 14, uma nuvem de palavras com todo o corpus das entrevistas, a palavra mais citada foi 'deus', seguida das palavras 'povo'; 'bolsonaro'; 'brasil' e 'governo'. Esse resultado chamou a atenção, uma vez que nenhuma das perguntas do roteiro versou sobre aspectos religiosos, o que demonstra a proximidade entre o perfil dos manifestantes com o perfil religioso. Esse achado coaduna com os achados de pesquisa de Gracino Junior, Goulart e Frias (2021), em que os autores identificaram o ressentimento como sentimento promotor para a adesão dos evangélicos aos discursos do ex-presidente Bolsonaro.

Figura 10 — Nuvem de Palavras Corpus Total



Fonte: A autora (2024).

Ainda nesse contexto, faz-se importante mencionar que no subcódigo Lideranças Conservadoras, além do nome do ex-presidente Jair Bolsonaro, o presidente da Argentina, Javier Milei, foi citado diversas vezes como exemplo de liderança que tem coragem de lutar pelo de seu país.

Por fim, o Núcleo Estruturador Justiça e Moralidade tratou tanto da percepção de moralidade individual quanto coletiva. Os entrevistados afirmam que as invasões na Praça dos Três Poderes não foram realizadas por pessoas do seu grupo, uma vez que "são pessoas sensatas, pessoas direitas, pessoas trabalhadoras, pessoas que têm família, que sabem que vai vir uma consequência se for invasão". Destaca-se que o subcódigo Perseguição Institucional tem forte sobreposição com as codificações dos sentimentos de Raiva, Angústia e Ressentimento, do Núcleo Estruturador Emoções e Afetos e trata principalmente da percepção de que existiria um

tribunal de exceção para os presos dia 8/1 e que esses não estariam tendo o devido processo legal.

Em suma, na fase qualitativa da análise, o corpus da pesquisa foi reorganizado em códigos e subcódigos, os quais mantiveram pertinência temática com os Núcleos Temáticos Estruturadores identificados na fase quantitativa. O sentimento de ressentimento, integrante do Núcleo Temático Estruturador "Emoções e Afetos", foi o mais frequentemente referenciado. Nesse mesmo núcleo, observou-se que os sentimentos variam conforme os atores-alvo e apresentam certa temporalidade. Enquanto os sentimentos de ressentimento, angústia e raiva eram direcionados a atores antagônicos, o sentimento de traição foi associado diretamente à figura do ex-presidente Bolsonaro e às instituições de defesa nacional, manifestando-se após os eventos de 8 de janeiro.

A análise dos demais Núcleos Temáticos Estruturadores revelou que os entrevistados se identificavam majoritariamente como "família" e "patriotas", com identidades sociais fortemente vinculadas a crenças religiosas e posicionamentos conservadores e nacionalistas. Além disso, emergiram claros indícios de polarização afetiva, evidenciada pela divisão nítida entre o endogrupo e o exogrupo. O endogrupo foi descrito como composto por "famílias", engajadas na luta pela liberdade, enquanto o exogrupo foi responsabilizado por toda a violência ocorrida em 8 de janeiro, bem como pelas adversidades enfrentadas no país.

7 CONCLUSÃO

A crescente animosidade entre grupos com diferentes posições políticas, bem como as inquietudes relacionadas às consequências dessa hostilidade para democracia, tem feito aumentar o número de estudos sobre polarização afetiva no campo da Ciência Política. De certo, trata-se de um conceito relativamente novo, que oferece amplo espaço para investigações e desdobramentos futuros.

Neste estudo, foi proposto investigar o fenômeno da polarização afetiva sob a perspectiva das representações sociais, tendo como objeto de análise os eventos ocorridos em 8 de janeiro de 2023. Com base na abordagem estrutural das representações, foi possível identificar núcleos temáticos que estruturam as percepções dos indivíduos que participaram ou, de alguma forma, estiveram diretamente relacionados ao evento.

A articulação com a Teoria da Identidade Social (Tajfel, 1970) permitiu compreender como a identificação com determinados grupos políticos influencia na forma como os participantes do estudo percebem e justificam os acontecimentos do 8/1. Os achados evidenciam a forte dicotomia entre endogrupo e exogrupo, reforçando que a identificação grupal não apenas orienta a construção das representações sociais, mas também alimenta o antagonismo em relação ao grupo oposto. Isso se manifesta na forma como os participantes descrevem o evento, atribuindo responsabilidade e culpabilidade exclusivamente ao exogrupo, ao passo que o endogrupo é descrito de maneira positiva, como composto por "famílias" e "patriotas" engajados na luta pela liberdade.

Com o aporte da Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1964), foi possível analisar as narrativas construídas pelos entrevistados, indicando que o 8/1 foi interpretado e ressignificado com base nas crenças e valores compartilhados pelos indivíduos. As representações identificadas revelam um processo de ancoragem e objetivação, no qual os eventos foram enquadrados dentro de um discurso de "perseguição institucional" e de "luta pela moralidade e justiça". A ressignificação do episódio se reflete, por exemplo, na negação da violência por parte do grupo, que atribui a responsabilidade a infiltrados ou ao próprio Estado.

Além do mais, a presença de emoções e afetos no discurso dos entrevistados foi central para a compreensão do evento como consequência da polarização afetiva no Brasil. Os núcleos temáticos revelaram que as representações sociais do 8/1 estão carregadas de elementos afetivos como angústia, raiva e ressentimento. Os núcleos apontaram também que emergiu o sentimento de traição após os eventos do 8/1 e esse está associado diretamente à figura do ex-presidente

Bolsonaro e às instituições de defesa nacional. Esse último aspecto é particularmente relevante, pois indica que a confiança no endogrupo não é incondicional e pode se transformar em decepção e distanciamento quando determinadas expectativas não são atendidas.

Entre os obstáculos enfrentados para concretização desta pesquisa, destaca-se a dificuldade para o agendamento de entrevistas com participantes que efetivamente estiveram na Esplanada dos Ministérios no dia 8/1. Embora tenham se passado dois anos desde o ocorrido, é notório que persiste entre os envolvidos o receio de serem identificados pelas instituições de justiça e das possíveis consequências que ainda podem enfrentar por sua participação no ato. O fato da pesquisadora se identificar como aluna da Universidade de Brasília também gerou alguns transtornos, tendo em vista que faz parte da narrativa dos grupos de extrema direita o ataque às universidades públicas.

Como proposta para pesquisas futuras, a análise individual das identidades identificadas nas representações sociais do 8/1, como nacionalistas e conservadores, e sua relação com sentimentos como o ressentimento, por exemplo, configura-se como um caminho promissor para compreender os elementos que promovem a coesão do grupo e os fatores que motivam a adesão a líderes extremistas, como Bolsonaro. Além disso, o aprofundamento dos estudos sobre as representações sociais daqueles que permaneceram acampados em frente ao Quartel General do Exército pode fornecer subsídios relevantes para a agenda de participação política.

Por fim, este estudo contribui para o aprofundamento das investigações sobre polarização afetiva ao integrar perspectivas da Psicologia Social e da Ciência Política, evidenciando a importância de abordagens interdisciplinares para a compreensão de fenômenos políticos complexos. Espera-se que os resultados aqui apresentados sirvam de base para outras pesquisas e para o desenvolvimento de estratégias voltadas à mitigação dos efeitos negativos da polarização na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWITZ, Alan I; SAUNDERS, Kyle L. Is Polarization a Myth?. **The Journal of Politics**, v. 70, n. 2, p. 542-555, 2008. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1017/s0022381608080493>. Acesso em: 12 jul. 2022.

ABRIC, J.C. Représentations sociales: aspects théoriques. In: ABRIC, J. C. **Pratiques sociales et representations**. Paris: PUF, 1994, p. 11-36.

ABRIC, Jean-Claude. L'approche structurale des représentations sociales: développements récents. **Psychologie et société**, Aix-en-Provence, v. 4, n. 12, 2001. 81-103.

BBC NEWS. **81% dos brasileiros desaprovam invasões de 8 de janeiro em Brasília, diz pesquisa Ipsos**. BBC News Brasil. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64257618>. Acesso em: 9 abril 2024.

BELLO, Andre. **Origem, Causas e Consequências da Polarização Política**. Brasília, 2019. 217 p Tese (Ciência Política) - Universidade de Brasília (unb), 2019.

BONOMO, Mariana. **Identidade social e representações sociais de rural e cidade em um contexto rural comunitário**: campo de antinomias. Vitoria, f. 468, 2010 Tese (Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

BORGES, André; VIDIGAL, Robert. Do lulismo ao antipetismo?: Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. **Opinião Pública**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 53-89, 2018.

BORGES, Beatriz; NETO, Pedro A; VIVAS, Fernanda. **Em julgamento do primeiro réu do 8/1, Moraes diz que 'negacionismo' faz parecer que atos foram 'domingo no parque'**. G1. Brasília, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/09/13/alexandre-de-moraes-voto-julgamento-primeiro-reu-atos-golpistas-de-8-de-janeiro.ghtml>. Acesso em: 9 out. 2023.

BRANDINO, Géssica. **Entenda quais são os crimes em invasão golpista na Esplanada**. Folha de São Paulo. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/01/entenda-quais-sao-os-crimes-em-invasao-golpista-na-esplanada.shtml>. Acesso em: 10 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Polícia Federal. Relatório nº 4546344/2024. Diretoria de Inteligência Policial, Coordenação-Geral de Contraineligência. Processo Judicial nº Pet. 12.100/DF - INQ nº 4.874-DF. Brasília, 2024.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Plenário. **Penal e processo penal: inquéritos dos atos do dia 8 de janeiro de 2023. Denúncia apta. Observância dos artigos 41 e 395 do Código**

de Processo Penal. Presença de justa causa para a ação penal. Narrativa clara e expressa que se amolda à descrição típica dos crimes multitudinários ou de autoria coletiva imputados. Existência de prova da materialidade e indícios de autoria. Denúncia recebida. Inquérito n. 4922. Relator: Ministro Alexandre de Moraes. Julgado em 21 de agosto de 2023. Diário da Justiça Eletrônico, Distrito Federal, 2023.

BRAUN, Julia. **Invasão de bolsonaristas em Brasília é comparável a protestos em 2013 e 2017?**. BBC News Brasil. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64218057>. Acesso em: 9 abril 2024.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BREAKWELL, Glynis M. Social Representations and Social Identity. In: FIRST INTERNATIONAL CONFERENCE ON SOCIAL REPRESENTATIONS. 1992, Great Britain: University of Surrey, 1993. 20 p.

CABECINHAS, R; LIMA, M.E.O; CHAVES, A.M. Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história. In: MIRANDA, J; JOÃO, M. I. **Identidades Nacionais em Debate**. Oeiras: Celta, 2006, p. 67-92.

CAMAZANO, Priscila. **Entenda os ataques golpistas de 8 de janeiro e seus desdobramentos**. Folha de São Paulo. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/entenda-os-ataques-golpistas-de-8-de-janeiro-e-seus-desdobramentos.shtml>. Acesso em: 8 nov. 2023.

CAMPOS, Pedro H. F.; ROUQUETE, Michel-Louis. Abordagem Estrutural e Componente Afetivo das Representações Sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, p. 435-445, 2003.

CASAL BÉRTOA, Fernando; RAMA, José. Polarization: What Do We Know and What Can We Do About It?. **Frontiers in Political Science**, v. 3. 11 p, 2021.

CNN BRASIL. **Porto Alegre transforma 8 de janeiro, data dos ataques em Brasília, em “Dia do Patriota”**. CNN Brasil. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/porto-alegre-transforma-8-de-janeiro-data-dos-ataques-em-brasilia-em-dia-do-patriota/>. Acesso em: 9 abril 2024.

DANFÁ, LASSANA. **Relações intergrupais e representações identitárias recíprocas entre universitários africanos e brasileiros**, f. 243 Tese (Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

DE SOUSA, Gabriel. **PL 5064: Mourão apresenta projeto para anistiar condenados pelo 8 de janeiro; entenda**. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/senador->

hamilton-mourao-projeto-lei-anistiar-extremistas-condenados-8-de-janeiro-tres-poderes-nprp/. Acesso em: 9 abril 2024.

DURKHEIM, Émile. **Sociologia e Filosofia**. Tradução J. M. de Toledo Camargo. 1 ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Forense, 1970. Tradução de: Sociologie et Philosophie.

FELICE, Raphael. **Aos gritos de "Forças Armadas, salvem o Brasil", manifestantes lotam QG do Exército**. Correio Brasiliense. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/11/5051950-aos-gritos-de-forcas-armadas-salvem-o-brasil-manifestantes-lotam-qg-do-exercito.html>. Acesso em: 9 abril 2024.

FERREIRA, Mario Cesar; SEIDL, Juliana. Mal-estar no Trabalho: Análise da Cultura Organizacional de um Contexto Bancário Brasileiro. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 245-354, abril-jun 2009.

FIORINA, Morris P; ABRAMS, Samuel J. Political Polarization in the American Public. **Annual Review of Political Science**, n. 11, p. 563-588, 2008. Disponível em: <http://polisci.annualreviews.org>. Acesso em: 11 jul. 2022.

FUKS, Mário; MARQUES, Pedro Henrique. Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 560-593, 2022.

FUX, Mário; MARQUES, Pedro H. Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 560-593, 2022.

GALINKIN, A. L.; BERTONI, L. M. Teoria e métodos em representações sociais. In: MORORÓ, L. P. *et al.* **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação**: concepções e trajetórias. Ilhéus, BA: Editus, 2007, p. 101-122.

GANDIN, Lucas. **Eu, Nós e Eles**: a luta política nos pronunciamentos presidenciais de Dilma Rousseff. Curitiba, f. 235, 2018 Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciência Política) - Universidade Federal do Paraná.

GIACOMOZZI, Andréia Isabel *et al.* Political Polarization and Intergroup Relations: a study on Social Representations in Brazil. **Quaderns de Psicologia**, Federal University of Santa Catarina, v. 24, n. 3, 2022. e1643.

GIACOMOZZI, Andréia Isabel *et al.* Social Representations of Political Polarization through Traditional Media: A Study of the Brazilian Case between 2015 and 2019. **Human Affairs**, v. 33, n. 1, p. 67-81, 2023.

GLOBO.COM. **Em julgamento do primeiro réu do 8/1, Moraes diz que 'negacionismo' faz parecer que atos foram 'domingo no parque'**. G1. Brasília, 2023. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/09/13/alexandre-de-moraes-voto-julgamento-primeiro-reu-atos-golpistas-de-8-de-janeiro.ghtml>. Acesso em: 14 set. 2023.

GRACINO JUNIOR, Paulo; GOULART, Mayra; FRIAS, Paula. “Os humilhados serão exaltados”: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 23, n. 51, p. 547-579, maio/ago 2021.

HEWSTONE, Miles; JASPARS, Jos; LALLJEE, Mansur. Social representations, social attribution and social identity: the intergroup images of ‘public’ and ‘comprehensive’ schoolboys. **European Journal of Social Psychology**, v. 12, p. 241-269, 1982.

IYENGAR, Santo; SOOD, Gaurav; LELKES, Yphtach. Affect, not Ideology: a social identity perspective of popularization. **Public Opinion Quarterly**, v. 76, n. 3, p. 405-431, 2012.

JACKSON, Kristi; BAZELEY, Patricia. **Qualitative Data Analysis with NVivo**. SAGE, v. 3, f. 208, 2019. 415 p.

JESUINO, Jorge Correia. Um conceito reencontrado. In: ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira (Org.); SANTOS, Maria de Fátima de Souza (Org.); TRINDADE, Zeide Araujo (Org.). **Teoria das Representações Sociais**: 50 anos. 2 ed. Brasília: Technopolitik, 2019. cap. 1, p. 33-57.

JODELET, Denise. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, Denise (Org.). **Les représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989, p. 31-61.

JUSTO, Ana Maria; CARMARGO, Brígido Vizeu. Estudos qualitativos e o uso de softwares para análises lexicais. In: NOVIKOFF, C. (Org.); SANTOS, S. R. M (Org.); MITHIDIERI, O. B (Org.). **Caderno de Artigos: X SIAT & II Serpro**. Duque de Caxias, Rio de Janeiro: UNIGRANRIO, 2014, p. 37-54.

KRIPPENDORFF, K. **Content Analysis**: an introduction to its methodology. Londres: Sage, 2004.

LANDIM, Lucienne. **Caravanas com apoiadores de Bolsonaro chegam em Brasília para protesto**. O Tempo. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/caravanas-com-apoiadores-de-bolsonaro-chegam-em-brasil-para-protesto-1.2793967>. Acesso em: 8 nov. 2023.

LHULLIER, Louise A; TOSO, A. A. Um estudo de comportamento político entre eleitores florianopolitanos na campanha eleitoral de 1994: a representação social de FHC e Lula. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 13, n. 17 e 18, p. 114-127, 1995.

LUPU, Noam. Brand dilution and the breakdown of political parties in Latin America. **World Politics**, v. 66, n. 4, p. 562-602, 2014.

LUPU, Noam. Party Polarization and Mass Partisanship: A Comparative Perspective. **Political Behavior**, New York, v. 37, n. 2, p. 331-356, 2015.

MARCHAND, Pascal; RATINAUD, Pierre. L'analyse de similitude appliquée aux corpus textuels: les primaires socialistes pour l'élection présidentielle française (septembre-octobre 2011). **Actes des 11ème Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles**, Liège, Belgique, v. 11, p. 687-699, 2012.

MASON, Lilliana. I Disrespectfully Agree: the differential effects of partisan sorting on social an issue polarization. **American Journal of Political Science**, v. 59, n. 1, p. 128-145, 2015.

MASON, Lilliana. **Uncivil Agreement: How Politics Became Our Identity**. University of Chicago Press, v. 3, f. 97, 2018. 193 p.

MAY, Tim. **Pesquisa Social: Questão, Método e Processos**. Tradução Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 291 p. Tradução de: La psychanalyse - Son image et son public.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003. Tradução de: Social Representations - Explorations in Social Psychology.

NOWELL, Lorelli S. *et al.* Thematic Analysis: Striving to Meet the Trustworthiness Criteria. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 16, p. 1-13, 2017.

QSR. **About NVivo**. 2024. Disponível em: Acesso em: 9 abril 2024.

REINERT, M. Alceste, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurelia de Gerard de Nerval. **Bulletin de Methodologie Sociologique**, v. 26, p. 24-54, 1990.

ROCHA, Virginia. Da Teoria à Análise: Uma introdução ao uso de entrevistas individuais semiestruturadas na ciência política. **Política Hoje**, v. 29, n. 1, p. 197-251, 2020.

ROLLICKE, Lena. Polarisation, identity and affect: conceptualising affective polarisation in multi-party systems. **Electoral Studies**, v. 85. 16 p, 2023.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de Conteúdo Categorical**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021. 155 p. (Metodologias de Pesquisa).

SANI, Giacomo; SARTORI, Giovanni. Polarización, Fragmentación y Competición en las Democracias Occidentales. **Revista del Departamento de Derecho Político**. Tradução Luis López Guerra, n. 7, 1980. Tradução de: Polarization, Fragmentation and Competition in Western Democracies.

SENA, Deborah. **Senado abre consulta pública sobre anistia para presos do 8 de janeiro; saiba como votar**. Diário do Poder. 2023. Disponível em: <https://diariodopoder.com.br/brasil-e-regioes/lfs-brasil/consulta-publica-sobre-anistia-para-presos-do-8-de-janeiro-virou-duelo-entre-direita-e-esquerda-saiba-como-votar>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SOUSA, Yuri de Sá Oliveira. O Uso do Software Iramuteq: Fundamentos de Lexicometria para Pesquisas Qualitativas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. spe, 2021.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **Entenda as condenações de réus pelos atos antidemocráticos de 8 de janeiro**. Portal STF. 2023. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=517059&ori=1>. Acesso em: 9 abril 2024.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, f. 95, 1996. 189 p.

TAJFEL, Henri. Experiments in Intergroup Discrimination. **Scientific American**, v. 223, n. 5, p. 96-103, 1970.

TAJFEL, Henri; TURNER, John. An integrative theory of intergroup conflict. In: AUSTIN, William G.; WORCHEL, Stephen. **The Social Psychology of Intergroup Relations**. Monterey, CA: Brooks/Cole, f. 195, 1979. 390 p. cap. 3, p. 33-47.

TOMÉ, Adriana Manrique; FORMIGA, Nilton Soares. ABORDAGENS TEÓRICAS E O USO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. **Psicologia e Saúde em Debate**, v. 6, n. 2, p. 97-117, 2020.

VALA, Jorge. Grupos sociais e representação social da violência. **Psicologia**, v. 4, p. 329-342, 1981.

VALA, Jorge. Representações Sociais e Percepções Intergrupais. **Análise Social**, Lisboa, v. XXXII, n. 140, p. 7-29, 1997.

VERGÈS, Pierre. L'évocation de l'argent: une méthode pour la définition du noyau central d'une représentation. **Bulletin de Psychologie**, v. 45, n. 405, p. 203-209, 1992.

WACHELKE, João; WOLTER, Rafael. Critérios de Construção e Relato da Análise Prototípica para Representações Sociais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 4, p. 521-526, 2011.

WAGNER, Markus. Affective polarization in multiparty systems. **Electoral Studies**, v. 69. 13 p, 2021.

APÊNDICE A — Roteiro de Entrevista

1. O que você pensa, sente ou imagina quando vê essas imagens? Fale as cinco palavras ou frases que venham à sua mente.



2. O que significa o dia 8 de janeiro de 2023 para você? Como você se sente em relação ao que aconteceu aquele dia?
3. Você acha que prisões decorrentes do ocorrido em 8/1 foram justas?
4. A quem você atribui a responsabilidade pelo que aconteceu?
5. Você chegou a frequentar o acampamento que estava em frente ao QG?
6. Caso positivo, como era estar no acampamento? Como as pessoas se comportavam? Como tratavam umas as outras?
7. Como você se sentiu pós o 8/1? Você sofreu alguma censura?
8. Contexto demográfico: cidade/estado; gênero; idade; raça/cor; religião; renda.

APÊNDICE B — Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa **IDENTIDADES POLÍTICAS E AFETOS: um estudo de polarização afetiva na perspectiva das representações sociais** de responsabilidade da pesquisadora Karla Carolina Faria Calembo Marra, estudante de mestrado da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é criar pontes para diálogos na política, para tanto o estudo busca investigar as identidades sociais, bem com os elementos afetivos, que estão atrelados às representações sociais daqueles que possuem atitudes positivas em relação aos eventos ocorridos no dia 8 de janeiro de 2023. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade em cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação, ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável pela pesquisa

A coleta de dados será realizada por meio de entrevista roteirizada com gravação de áudio. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implicará em qualquer risco.

Espera-se com esta pesquisa colaborar para melhor compreensão do fenômeno de polarização, em especial a apresentada na forma afetiva, e contribuir na busca por diálogos saudáveis entre as partes, de forma a acrescentar diferentes pontos de vista ao debate democrático

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone xxxx ou pelo e-mail karlacmarra@gmail.com

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes e disponibilizado à comunidade por meio da publicação da dissertação de mestrado.

Assinatura do/da participante

Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, ____ de _____ de _____

APÊNDICE C — Íntegra das Entrevistas Realizadas

Entrevista 01

Q1 - Emocionante. Bonito. Sonho. Esperança. Emoção

Q2. Injustiça. Muita injustiça, perseguição e o início de uma ditadura. Eu sinto isso. Foi o ponto de partida para começar a perseguir a oposição. Digamos. Usou isso para isso. Que nem eu falei. As pessoas se sentiram ameaçadas, né? Com medo de ser perseguidas por isso. Por essas ideias. De, aí, meu Deus. Prendeu um monte de gente que não fez nada. Prendeu num ônibus. Lotou uma academia lá. O negócio da polícia federal lá. Com um monte de gente que só queria se expressar. Mostrar que não estava satisfeito e tudo mais. Então, para mim, é o início de uma ditadura. O 8 de janeiro foi o início da perseguição.

Q3. Nem um pouco. Não. Totalmente injustas e perseguições mesmo. Ditadura. Eu acho que é aquela coisa, tem a pessoa depredando, tem um vídeo daquela pessoa. Beleza. Trata ela de um jeito. Agora, não é porque todo mundo estava lá. Que todo mundo entra no mesmo processo. Não tá sendo cumprido o sistema de regras, né? Assim, de... De penas. Não sei como é que chama. Sistema penal. Tá enfiando todo mundo num pacote só. E não é bem assim. Então, assim. Algumas prisões, ok, mas a minoria. A grande maioria das pessoas que estavam lá, estavam lá sem fazer bagunça. Sem quebrar nada. Sem... Família, né? Organizada, assim. Tranquilo. Aqueles que quebraram. Beleza. Fica. Quem não fez nada, sai, né? Porque não faz sentido. Não estava todo mundo ali no mesmo...

Q4. Pessoas infiltradas. Pessoas infiltradas. Porque eu estive nos acampamentos. Eu estive em algumas manifestações. Não do 8. Mas não tem nenhuma característica das pessoas que sempre estiveram lá. Não tem. Simplesmente. Não tem nenhuma pessoa, amigos, que ia falar: vamos quebrar! Não tem. Inclusive, em vários vídeos do 8 de janeiro tem patriota sentado tentando impedir que outras pessoas fizessem essas coisas. Então, eu atribuo a pessoas infiltradas na manifestação. Então, assim. As pessoas. A grande maioria das pessoas que realmente estavam nos acampamentos, nunca pensaram que ia acontecer isso. Porque elas não fariam isso. Muito pelo contrário. Elas estão lutando por aquilo, né? Tipo, assim, para proteger aquilo. Então, não faz sentido. Então, eu atribuo a pessoas infiltradas.

Q5. Sim

Q6. O clima era de família. É emocionante. Chocante, assim. Parecia outro mundo. É todo mundo que nem se conhecia que virou uma família. Limpo. Tudo limpo. Tudo organizado. Todo mundo se ajudando. Nossa! Era muito lindo. Era emocionante. Muito emocionante. Eu

falava, não quero sair daqui gente, coisa mais linda. A gente não se conhece. Mas está todo mundo junto. Era muito, muito emocionante. Era gente trabalhando em cozinha. Tenho amigas que ficou vários dias trabalhando na cozinha do QG. Que aí tinha uma cozinha. E servia almoço para todo mundo. Tinha mendigo que ia para lá almoçar e todo mundo dava. E é isso. Era uma grande família. Foi tudo muito, muito lindo e emocionante. Muito organizado. Tipo esperança, assim. Caramba, o Brasil tem jeito. Tinha muita gente boa. E lotado. Lotado. E não teve, assim, durante o acampamento, nada parecido, assim, de quebrar, nada. Não. Desconheço qualquer coisa nesse sentido. Nem roubo. Nem nada. Tinha um lugar que tinha um gerador, né? Porque não tinha energia. Então, tinha um gerador. E tinha vários carregadores de telefone mesmo. As pessoas deixavam seus telefones carregando. E voltavam e pegavam. Então, nem roubo, nem nada. Barracas. O povo deixava lá as coisas. Realmente, eram pessoas muito de bem. E que estava todo mundo se ajudando, assim. Nem briga, nem roubo. Porque são pessoas iguais, né? Mesmo objetivo. Por isso que eu não acredito que essas pessoas fizeram aquilo

Q7. Com medo, muito medo de ser perseguida, de ser bloqueada o salário por ser servidora pública, de ser presa, né? Por exemplo, eu tenho um primo que ele era do direito e tudo, e ele queria conversar comigo sobre e eu falei, não vou, que ele quer me prender, ele quer me levar pra cadeia. Então assim, ficou meio que um sentimento de perseguição mesmo. Todo mundo que vinha falar alguma coisa, eu falava, pera, mas o que essa pessoa quer? Tá fazendo isso pra me levar pra cadeia, pra me prender? Então foi muito medo mesmo, assim, de várias retaliações. Acho que retaliação é o nome, né? Ou de ser presa, ou de bloquear salário, ou de cancelar coisa de rede. Tudo, muito medo. Muito tempo, meses. Meses. A gente já tá mais de um ano, né? É, não, agora eu me sinto mais ok, assim. Mas tem gente que ainda tem medo, ainda, de estar sendo perseguida. Eu tenho amigas que têm medo. E nas interações eu dei uma maneirada também. Porque eu falei, não, né? Vou continuar falando o que eu penso e tudo mais, vão chegar em mim. Eu dei uma maneirada, realmente. Dei uma podada. Depois do oito de janeiro, eu acho que a gente foi meio podada, assim. Se você quiser continuar tendo sua liberdade entre aspas, fica de boa. Porque senão a gente vai atrás de você, mais ou menos isso. O sentimento é mais ou menos esse. Hoje eu me sinto mais segura. Não acho que vão bloquear meu salário, nem chegar um dia e me prender do nada. Mas minhas redes sociais sofrem umas censuras ainda, assim. Tem vezes que minha página fica fora um tempo. Dependendo do que eu falo. Então tem que dar uma segurada também. Já fiquei proibida de postar qualquer coisa. Tipo como se fosse uma advertência, né? Eu tentava postar alguma coisa e falava: Não, você tá fora porque infringiu lei, não sei o que. Por alguma coisa que eu falei lá atrás. Eu tenho um

vídeo dos acampamentos no Instagram, que ele ficou *shadowbanned*. Eu filmei, eu estava lá, e fala que é mentiroso. Se você for lá, você abre, mas ele aparece como mentiroso. Ele fica assim informação falsa. E não é, foi eu que filmei. E assim, aí, os stories da época e tudo mais, a gente não conseguia colocar alguns vídeos. Ele bloqueava. E aí, quando bloqueava, você tentava de volta, aí te dava tipo essa advertência. Esse castigo. Você ficava, sei lá, 48 horas sem poder postar. Aí eu tentava, não dava. Bloqueava, assim. Eu não perdi minha conta, mas eu tive essas censuras. E aí eu fiz um plano de ação, o medo foi tão grande que tive que mudar. Tive que não falar algumas coisas, não postar algumas coisas, porque senão eu ia ficar levando esse castigo e nunca mais ia poder postar. Ia perder a página. Tipo isso. É isso. A gente foi podado. Daí, que nem eu falei, eu acho que foi o início de uma ditadura. Porque mesmo a gente não sendo perseguido e preso, ou você muda, entra aqui nessa, entre aspas, democracia que eu tô falando pra você, ou você vai perder suas contas, você vai perder sua voz. E é isso. Ou você se ajeita. Ou segue essa regra. Ou você vai sair daqui.

Entrevista 02

Q1. Perspectiva de mudança. Manifestações legítimas. Vontade da população. Amor. Patriotismo.

Q2. Olha, assim, a minha opinião é que o nosso sistema político no Brasil, a meu ver, ele é um sistema muito bem montado, certo? Eu acho que entra grupo político, sai grupo político, mas ele tem um sistema muito forte, difícil de ser quebrado, certo? Eu vi nos últimos anos, assim, do governo anterior, um governo um pouco diferente, com falhas também, com grandes falas erradas, coisas também equivocadas, mas um governo, a meu ver, diferente, certo? E com relação a esse 8 de janeiro, eu entendo, assim, que foram manifestações legítimas, muito também, assim, até uma questão difícil de explicar, porque eu vi também, e é muito perceptível, além das participações das pessoas de maioria de bem, tem os vândalos infiltrados, tá? Mas a minha visão com relação a isso é que essas eleições foram, além da polarização que está até o presente momento, eu vi também que, assim, eu nunca percebi, nunca tinha presenciado uma eleição tão, assim, duvidosa, sabe? E eu não imagino, não quero pensar que esse negócio de urnas seja fraudado, essas coisas, eu não quero, assim, imaginar que nosso país chegou a esse ponto, tá? Mas a minha opinião, por exemplo, nós nunca tivemos uma participação de um ativismo judiciário em prol de um grupo político como teve agora, tá certo? E eu vi dessa maneira, e grande parte dessas manifestações aqui são de pessoas de bem que eu acho que sentiram isso também. E eu vi dessa maneira, tá certo? Que alguma coisa foi feita para voltar

um grupo político para o poder, isso aí eu não tenho dúvida disso, tá? Não chega a falar em fraude, de questão de urna, igual muitos colocam aí, mas é que houve, assim, uma força para tirar um grupo e voltar eles para o poder, o sistema conseguiu fazer isso, tá? Agora até onde eles foram eu não sei te falar, tá? E essas manifestações aí, de grande parte, foram pessoas de bem, e eu não vi aí pessoas que são vândalos, e as câmeras lá eram muito nítidas e dava para identificar, tinha que ser punido mesmo, tá certo? Independente de grupo A ou B.

Q3. Não, nem todas, tá? Eu acho que grande parte delas, por tudo que a gente viu aí, totalmente equivocadas, tá? Arbitrárias, no meu modo de ver, tá certo? E olha, essas pessoas que depredaram o patrimônio público, eu acho que essas pessoas têm que ser punidas. Isso é errado, isso não faz parte da democracia, né? Isso não é legítimo. Uma manifestação sem violência e tudo, é tudo que o país nosso, assim, acho que sempre teve ainda, e teve nos últimos anos. Eu vi isso. Acho que você não viu nenhuma manifestação do governo anterior, assim, de ter quebra-quebra, de ter violência, né? Agora, eu vejo que não foram injustas, porque é um local muito bem filmado e dava para identificar, talvez não todos, mas grande parte das pessoas que realmente quebraram as coisas, embebedas, com violência mesmo. Aí sim, eu acho que dava para identificar e essas pessoas têm que ser punidas mesmo. Tem que ser, tá certo? Mas você vê relatos de pessoas aí, de todas as faixas etárias presas injustamente, sem direito de muita coisa que a Constituição prevê mesmo, de direito da pessoa, sabe? Sem direito de resposta nenhum e acho que muitos estão presos até hoje, né? Eu penso assim, tá bom?

Q4. Eu acho que pode ter acontecido isso, acho que de pessoas infiltradas no meio das pessoas de bem e tem os vândalos mesmo também, sabe? Eu acho que da parte assim, da minha, de ver as coisas do governo anterior que antecedeu a esse que está no momento, eu acho que tem muita gente que é muito ao extremo também, sabe? Que talvez possam ter exagerado, tá certo? Mas assim, não dá para eu afirmar, mas se eram só infiltrados ou até mesmo da própria, do governo anterior que no caso perdeu as eleições, né? Mas eu acho que grande parte eram pessoas que não eram nem desse movimento, que era um movimento legítimo, sabe? Eu penso assim, tá bom?

Q5. Não

Q6. Eu passei só ao lado algumas vezes por causa do meu trabalho, mas eu nunca cheguei nem a adentrar não, sabe? Só mesmo por mais distante, imagens mesmo de televisão, de reportagens mesmo, tá? Mas pelas pessoas que foram lá, do meu conhecimento e pelo que eu vi, uma questão assim, bem, uma normalidade, sabe? Eu acho que essas pessoas que estavam lá, muitas foram divulgadas, querendo intervenção e tudo, isso é bobagem, eu acho, tá? Mas

são pessoas indignadas, que queriam realmente, que fosse feita alguma coisa que estava assim, imperceptível, diante até do que eu já tinha falado, assim, da maneira que foram essas eleições agora, foram bem diferentes, tá? Pode ter tido alguma outra anterior, mas eu acho muito difícil que tivesse esse ativismo aí, e essas pessoas estavam lá, indignadas com o que viram, e sem poder fazer nada. E talvez, né, pensava que o Exército poderia fazer alguma coisa, mas eu acho que dentro de uma democracia legítima não poderiam, né? Mas o comportamento dos cidadãos que eu vi lá, e relatos de pessoas que ouviram, uma questão de uma normalidade, assim, muito tranquila, sabe? De cordialidade mesmo, tá?

Q7. Tem algumas postagens que eu acho que a gente pode... Eu confesso para você que eu não sou um ativista em rede social, não, sabe? Eu acompanho, mas, assim, eu... Às vezes eu respondo, eu falo muito pouco. Não deixei de fazer, não, sabe? Algumas coisas, assim, acho que... Não sei se é por perto, quando você publicava alguma coisa no Instagram, alguma coisa assim, a gente sempre tinha uma mensagenzinha de advertência, assim, mas eu não sou agressivo com palavras, com nada, não, sabe? Eu manifesto, assim, de maneira bem respeitosa com o lado, até expressando minha opinião, mas eu não senti, não, tá? O que eu vejo nessa questão de restrição é, com relação a muitas outras pessoas que talvez tenham um alcance de rede social, né? Amplo, maior, não é o meu caso, né? Aí, assim, logicamente, com essas pessoas, é nítida, né? Que muitas pessoas estão sendo caladas aí, silenciadas aí, até hoje, né? Na sua maneira de se expressar. Mas não comigo, tá?

Entrevista 03

Q1. Lamentável. Conduzida. Forjada. Manifestação não espontânea. Induzida para promover penalização severa.

Q2. Eu sinto que isso foi uma atitude infeliz. Que eu não acredito que a pessoa que estava com o objetivo lá no acampamento; que estava lutando pelo objetivo dele; que era contestar o resultado das urnas, ele não era capaz de espontaneamente fazer um ato desse. Eu acho que tudo isso foi uma indução. Talvez a condução das pessoas até lá nesse local. Onde aconteceu toda a depredação. Eles foram levados para lá. E já tinha, eu acho, um esquema pronto para fazer o que fizeram. E aí fizeram toda a baderna. E aqueles que, como eu disse, estavam com a pureza da alma só por contestar. Ficaram como se fossem o cenário. E quem fez a bagunça. Eram os badernistas realmente que tinham por objetivo aquilo. Que eu não acredito que tenha sido nenhum dos que estavam no acampamento. Eu acho que foram uma minoria que se aproveitou daquele volume de pessoas para fazer o que fizeram.

Q3. Não. Não mesmo. Não mesmo, porque depois eles não pegaram as pessoas apenas do local. Depois que eu fiquei sabendo, eles fizeram um arrastão pelo próprio acampamento lá na frente do quartel general. Eles fizeram um arrastão enganando as pessoas que eles iam conduzir as pessoas para os lugares certos. Que ali eles não poderiam ficar. E aí colocaram as pessoas dentro de transportes coletivos. E levaram as pessoas para a Polícia Federal. Então tem gente que entrou no ônibus ingenuamente, não sabendo para onde iam. E aí simularam com esses transportes pela cidade, até a direção dizer onde eles iam ficar. Onde que era para levar. Então demorou. Eles pegaram as pessoas 6, 7 horas da noite e ficaram até 10, 11 horas arquitetando onde que iam fazer. E aí recrutaram todo mundo no ginásio da Polícia Federal lá no setor digital. E ali aconteceu tudo. Aí sacrificaram mesmo. Porque deixaram as pessoas sem assistência, sem comida, sem banho, sem necessidades básicas. Aprisionados até decidirem o destino, que era a prisão. Então, isso foi lamentável. Eu tive um pedido de ajuda de uma pessoa que é de Ribeirão Preto. E que entrou nesse ônibus. E que foi presa. E que cumpriu... Não lembro quantos meses ela ficou na prisão. Uma jovem senhora de aproximadamente 40 anos. Que estava lá em um acampamento só fazendo a cozinha dos manifestantes. Rezando e fazendo a cozinha. E ela foi presa. E saiu, depois de meses, presa, como uma presidiária mesmo. E, acho que até recentemente, ela estava fazendo uso da tornozeleira. E teve que assinar acordos e assumiu posturas que ela não tinha cometido. Ela foi obrigada a assinar alguns papéis para tirarem a tornozeleira dela. E aí ela assinou. para continuar a vida dela, para ficar livre das perseguições. Tiveram muitos casos extremos de pessoas de idade. De pessoas que nem sabiam o porquê estavam ali. É gente ingênua, né? Ingênua que estava apenas acreditando que participando, de alguma forma, estaria contribuindo. Mas não entende muito bem essa malícia da briga pelo poder. Que é uma coisa que não tem medida. Não tem medida. E ainda mais do jeito que eles polarizaram. Eles colocaram positivo contra negativo. Ou negativo contra positivo. E ligaram a bateria. Um choque violento, né? Então, quem tem um pouco de percepção e estabilidade e preza pelo seu estado equilibrado, de tranquilidade, de paz, de vida, não teria participado de uma coisa daquela. No meu caso, eu tinha amigos lá acampados. Gente do bem, né? Gente boa. Gente boa e incapaz de fazer mal a qualquer pessoa. Que, de alguma forma, foram punidas, né? E tem gente sendo punida até hoje.

Q4. Ao sistema judiciário máximo. Ao sistema judiciário máximo do país. Que é o nosso Superior Tribunal Federal, né? E eles é que são culpados de tudo isso. Porque os juizes, eles estão para mediar. Não para usar medidas extremas em situações que não cabem, né? Nunca havia essa medida de punir as pessoas por uma manifestação. Tem que apurar quem fez a

manifestação. E ele tinha uma imagem, como você me mostrou. Então, vamos pontuar quem fez e vamos punir quem fez. E não generalizar como eles fizeram. Abrir ônibus, colocar todo mundo dentro e aprisionar essas pessoas. Aleatoriamente. Sem nenhuma culpa. Tem pessoas que até hoje não conseguem sustentar a família porque têm que fugir. Estão fugidas da justiça. Porque tem ordem de prisão para elas. Tem sentença já... Sentença procurada para acima de 15 anos de detenção. E para não ficar presa, essas pessoas estão fugindo. Viraram fugitivos da justiça. Viraram marginais. Então, lamentável. Lamentável. Eu acho... A quem eu atribuo é ao Sistema Judiciário Brasileiro. A nossa Suprema Corte.

Q5. Sim.

Q6. Não havia nenhuma animosidade. O estar lá era uma coisa neutra. Apenas, como você viu na foto, você mostrou uma presença enorme do verde e amarelo brasileiro. Que é a cor da nossa bandeira. E era isso. A gente sentia nas pessoas uma esperança de que as coisas iam se reverter. E eu, particularmente, não acreditava. Eu, particularmente, não. E é, isso é...eu pensava: como? se tivesse que acontecer alguma coisa, já teria acontecido. Tudo foi de encomenda, eu acho. Tudo o que acontecia no Brasil, a sucessão do poder, foi um sistema. Foi uma encomenda, foi um planejamento para eliminar o governo anterior. Absolutamente certo disso. Eu não tenho consistência. A gente não tem, porque eles são donos do poder. As provas devem ter sido todas apagadas. Nada deve estar registrado mais. E muito menos o resultado das eleições. Que é o principal motivo. Então, eu acho esse momento, esse 8 de janeiro, essa sucessão presidencial, tem que ser esquecida para o resto da vida. O Brasil tem que se envergonhar disso. O país tem que se envergonhar da maneira como aconteceu. Poderia ter sido uma coisa muito mais transparente, muito mais autêntica, do que da maneira como fizeram. Do jeito que eu estou falando, parece que eu sou do governo anterior. Não, eu não sou partidário. Eu não sou nem direita, nem esquerda, eu sou brasileiro. Eu quero que o Brasil seja um país igual os Estados Unidos, que eu admiro demais. Eu quero que nós progridamos, que nos tornemos uma economia forte, que nós possamos chamar o mundo para ver que nós somos um povo decente. Perdi a esperança. Eu perdi a esperança. Eu não acredito mais. Hoje, é muito difícil falar, mas hoje, se eu tivesse uma proposta econômica boa para deixar o Brasil, eu sairia. Eu sairia para um país melhor. Eu vivi um ano nos Estados Unidos. É muito bom. A vida lá é muito organizada. As coisas funcionam. Mas nós não somos de lá. Nós não fazemos parte daquele povo, daquela cultura. Nós somos discriminados. Não nos dão oportunidades de prosperar financeiramente porque eles cerceiam o direito ao trabalho, ao visto, né? Então você fica um estranho. É o que eu me senti. Sempre fui um estrangeiro morando lá. Então aí eu falei,

não, voltar para o Brasil. Eu estava levando minha filha para estudar. Ela se formou lá. E eu estava levando-a para continuar a vida dela em uma universidade americana, para ser uma pessoa do mundo. Eu me desestimulei. E aí veio a pandemia. Aí voltamos todos. No momento da pandemia, nós ficamos totalmente desprotegidos. Se a gente pegasse a Covid, nós não iríamos ter assistência nenhuma. Talvez nos internasse lá como nos internasse se a gente sofresse um acidente. Mas com todo o risco... Com todo o risco de não sobreviver. E aí a gente ficou tentando voltar. E aí imagina. E aí nós pegamos um carro, botamos as coisas dentro e viemos até Fort Lauderdale e conseguimos embarcar. E aí, nesse momento, eu tive a sensação, né? Nunca mais deixo o Brasil. Não vale a pena. Eu conquistei uma aposentadoria, trabalhei 35 anos no Brasil. Eu não sou cidadão de outro lugar nenhum. Pra mim não serve. Para os meus filhos, talvez. Mas pra mim não serve. Mesmo que o regime mude, que o Brasil está com um risco enorme de mudança de regime, mesmo que o regime mude, não vale a pena pra mim, aos 70 anos, sair só se for de uma extrema necessidade. Então, enfrentar o Brasil do jeito que está aí. Mas que eu estou contente? Não, não estou contente. As coisas funcionam. Mas nós não somos de lá. Nós não fazemos parte daquele povo, daquela cultura. Nós somos discriminados. Não nos dão oportunidades de prosperar financeiramente porque eles cerceiam o direito ao trabalho, ao visto, né? Então você fica um estranho. É o que eu me senti. Sempre fui um estrangeiro morando lá. Então aí eu falei, não, voltar para o Brasil. Eu estava levando minha filha para estudar. Ela se formou lá. E eu estava levando-a para continuar a vida dela em uma universidade americana, para ser uma pessoa do mundo. Eu me desestimulei. E aí veio a pandemia. Aí voltamos todos. No momento da pandemia, nós ficamos totalmente desprotegidos. Se a gente pegasse a Covid, nós não iríamos ter assistência nenhuma. Talvez nos internasse lá como nos internasse se a gente sofresse um acidente. Mas com todo o risco... Com todo o risco de não sobreviver. E aí a gente ficou tentando voltar. E aí imagina. E aí nós pegamos um carro, botamos as coisas dentro e viemos até Fort Lauderdale e conseguimos embarcar. E aí, nesse momento, eu tive a sensação, né? Nunca mais deixo o Brasil. Não vale a pena. Eu conquistei uma aposentadoria, trabalhei 35 anos no Brasil. Eu não sou cidadão de outro lugar nenhum. Pra mim não serve. Para os meus filhos, talvez. Mas pra mim não serve. Mesmo que o regime mude, que o Brasil está com um risco enorme de mudança de regime, mesmo que o regime mude, não vale a pena pra mim, aos 70 anos, sair só se for de uma extrema necessidade. Então, enfrentar o Brasil do jeito que está aí. Mas que eu estou contente? Não, não estou contente.

Q7. Sim, claro. O Whatsapp, por exemplo, a gente ficou um período, subsequente a essa data, a gente ficou um período vendo as atitudes dos nossos juristas da Suprema Corte contra declarações das pessoas que falavam no Whatsapp, e isso causou um temor, um medo. Isso é censura. Eu acho que até hoje, se você escrever alguma coisa, você é censurado. Então, sim, lá em casa a gente recomendava o cuidado com o que escreva porque nós estamos sob censura. Os caras estão olhando de alguma forma, estão vendo as informações que estão correndo nas redes sociais. Eu nunca tive hábito de me manifestar por esse assunto, política. Nunca gostei da política, não gosto, vou continuar não gostando e não quero participar disso. A política, para mim, infelizmente, eu aprendi ao longo... Na verdade, eu aprendi depois de velho porque quando eu era jovem eu não sabia que era assim. Eu não sabia que era desse jeito. Que foi, né? Que o poder era uma coisa tão disputada a qualquer custo. Eu pensava que a política era a democracia, que era o voto, que era o bem para o povo. Eu entendi isso. Agora eu vejo que não tem nada disso. Hoje nós vivemos um momento que a política é para os políticos. O povo está em... Nem terceiro plano. Não existe. Não existe. Eles não prezam, não estão interessados e suspeitam até que, doravante, nós vamos ter todas as eleições maquinadas. Nós não vamos ter mais as coisas democráticas como sempre imaginamos. Então eu aprendi isso tarde. Se eu tivesse aprendido quando eu tinha 30 anos, eu teria deixado o Brasil. Lá, quando eu era mais jovem. Eu vejo... Eu vejo muito mal o cenário político hoje, brasileiro. Eu vejo com muito pessimismo. Eu acho que, como eu disse para você, nada mais para o povo. Eu acho que tudo para a classe política e para a manutenção do poder. Eu vejo assim. Não vejo mais nada, nenhuma perspectiva otimista para o país. Se você olhar nas nossas tabelas, eu não sou muito de seguir isso não, mas o Brasil hoje é um dos últimos países considerados para se investir economicamente. Pelo cenário político, pela ideia econômica que eles querem implantar. Quem que eles acham que alguém capitalista, um cara que tem dinheiro, vai tirar o dinheiro dos Estados Unidos para o Brasil? Ou vai montar um negócio com esse regime, com esse Estado? Não acredito. Então, é lamentável. Quem vai pagar? Talvez nem você. Não somos nós adultos. Talvez os infantes que estão nascendo hoje é que lá na frente vão ter as consequências. E isso se nada dramático acontecer. O povo é capaz. Mas a nossa cultura não é assim. O povo do Brasil nunca foi às ruas contestar uma coisa que está fazendo mal a ele. Não. Ele se adapta. Porque nós somos uma cultura do individualismo. Se está bom para mim, não interessa o resto. Se a sociedade está mal, o problema é dela, se virem. Eu estou me virando do meu jeito. E isso faz com que ninguém reivindique nada coletivamente. Então, nós vamos ser isso, eu acho. Nós vamos ter um esvaziamento das pessoas do bem, que estão bem estabilizadas, vai ter uma

diminuição grande, vai ter um alargamento enorme da classe menos favorecida e com isso o enfraquecimento da nossa economia e do país. Eu enxergo assim. Desanimador.

Entrevista 04

Q1. Cores que eu me identifico. Um propósito. Uma causa. Busca por respostas.

Q2. Injustiça, muita injustiça, sabe, porque tinham famílias aí, tinham pessoas honestas, trabalhadoras, e que foram mais do que caladas, foram injustiçadas, presas, tem algumas condenadas, né, separadas das suas famílias, dos seus filhos, e só estavam ali lutando, né, por valores, por princípios, por liberdade, por dignidade, né, e acabaram, né, entrando assim, confiando em um sistema que não fosse tão injusto e caíram numa cilada, né. Caíram numa cilada bem armada, na verdade, né, e estão pagando, muitas pessoas pagando, pessoas já morreram, né, inocentes já morreram ali. E é isso. E as pessoas que fizeram baderna, que quebraram, que fizeram quebra-quebra, porque, pelo menos a grande maioria que estava ali, ninguém era desordeiro, né, ninguém queria causar prejuízo, muito pelo contrário. Eu digo isso porque, assim, mexe comigo, porque eu passei o Natal, sabe, aí no QG, porque os meus filhos, nesse ano, coincidentemente, eles pediram pra passar com o pai, né, porque eu sou separada, e aí eu falei com Deus, falei, Deus, o único lugar com quem eu gostaria de estar é com os patriotas que estão lutando, né, pela liberdade, pelos nossos valores, né, nesse país, lutando por justiça. E aí, tudo assim se encaixou, que deu certo, que eu fui pra lá, e aí foi feito uma ceia de Natal, as pessoas compartilharam, e aí eu acordei bem cedo e saí pra procurar um café, assim, uma barraca que tinha esse café, e não tinha nenhum papel, nenhum guardanapo no chão, nenhuma sujeira. Eu olhei aquilo tudo e falei assim, olha, esse é o Brasil que nós queremos, isso é o que nós buscamos, é um povo ordeiro, é um povo caprichoso, é um povo que celebra a vida, que celebra afinidades, que tem, assim, uma visão de mundo, daquilo que gostaria do seu futuro, dos seus filhos, é isso, sabe. Então, tipo, aquilo que aconteceu ali, nesse lugar onde a gente pode ver essa foto, não retrata a realidade que a gente viveu junto nessa luta, entendeu. Não retrata, nem de longe, então assim, é uma coisa sem resposta mesmo pra gente, sabe. Porque das pessoas que eu convivi, eu não vi nenhuma, nenhuma, que faria aquilo que foi feito lá de quebrada e traça, de fazer aquelas coisas, aquelas aguaças todas que foi feita, sabe. Tinha algumas pessoas que, às vezes, quando iam falar, acirravam um pouco os ânimos, mas assim, era mais com palavras, assim, você não via nenhuma intenção de violência em nenhuma pessoa, é um lugar que você se sentia segura pra estar, pra viver, sabe. Você não, em nenhum momento você se sentia assim que você estivesse em perigo, porque as pessoas se protegiam umas das outras o

tempo todo, o tempo todo, sabe. Então, realmente não condiz, os acontecimentos, tudo aquilo que aconteceu ali, não condiz em nada com as pessoas que eu convivi nessa luta, entendeu. Eu tinha voltado pra casa e daí até recebi um convite pra voltar e participar dessa marcha até lá, até os três poderes, né? E inclusive eu até discordei da pessoa que falou comigo. Eu falei, o que vocês vão fazer lá se o congresso tá de recesso, né? Porque a intenção deles era fazer essa marcha lá, ocupar o congresso... E buscar respostas, né? Dos congressistas, né? Mas estavam em recesso nesse período, né? Então, eu retornei e tudo mais, né? E eu não iria, eu falei assim... Eu, particularmente, achei que era uma... Foi uma tentativa, assim, precipitada da parte deles, né? Então, eu até conversei, questionei a iniciativa do movimento de marchar até lá os três poderes, porque os parlamentares estavam em recesso, na verdade, né? Então, seria uma situação... Uma situação, assim, frustrada, né? Eles não teriam muito... Chegar lá e ocupar, digamos assim, ocupar a troco de quê o espaço, se não tinha com quem tratar? Não tinha ninguém lá para atendê-los, para ver as reivindicações, digamos assim, que eles tinham, né? Então, infelizmente, eu acho que foi um ato, assim... Precipitado, digamos assim, meio que sem um propósito muito definido e que acabou se tornando numa cilada, realmente, pro pessoal, entendeu? Porque certamente que teve alguém mal-intencionado que se infiltrou, se aproveitou da situação e causou toda aquela baderna e o pessoal tá pagando por isso, entendeu? E acabou por não ter êxito naquilo que realmente eles tinham a intenção de buscar, sabe?

Q3. O que a gente sabe, assim, é aquilo também um pouco que a gente vê tanto nas pessoas que a gente conhece quanto do que tá na mídia. Apesar que a mídia, pra mim, assim... Eu acho bem... Como é que eu vou te dizer? Muito incerto, né? O que eles falam. Mas eu não sei, né? Eu não sei te dizer se nessas pessoas presas estão realmente os verdadeiros responsáveis, entende? E eu sei te dizer que tem muito inocente preso. Agora, os responsáveis por aquela quebradeira por aquele prejuízo no patrimônio público eu não sei se estão todos lá. E se tiver, né? Se tiver alguns que fizeram isso eu diria pra você que seriam só os executores e não os mandantes, entendeu? Porque alguém estava por trás, sabe, disso tudo. E eu posso te afirmar com toda certeza que não fazia parte do grupo que realmente estava nessa demanda ali nesses acampamentos, sabe?

Q4. Às autoridades. Porque eu penso assim, se tem uma massa reunida lutando por alguma situação e se tem realmente uma ameaça de que alguma coisa vai sair do controle nós pagamos com os nossos impostos toda essa autoridade que está aí pra organizar e manter a ordem na nação. Então, eu acredito que o que aconteceu ali foi muito suspeito, sabe? Aquelas intervenções que não condiziam com a necessidade real do momento porque assim, da parte do

peçoal que eu conheço as pessoas não estavam armadas não eram pessoas nem preparadas para um ato agressivo, de violência e eram pessoas, na grande maioria, pessoas religiosas tanto de católicos como evangélicos, né? Pessoas que estavam ali assim numa intervenção pacífica realmente, sabe? Então, era muito fácil Era extremamente fácil de conter porque as pessoas não ofereciam nenhum risco nem uma ameaça. Então, era extremamente fácil de conter inclusive sem machucar ninguém, se fosse o caso, entendeu? Então, dá a impressão assim que foi dado um espaço, uma liberdade. Eu digo isso pra você baseado em muitos vídeos que eu recebi, sabe? De situações e que essa imagem. Por que eu fiquei emocionada quando você me mostrou a imagem? Porque é um recorte, entendeu? As pessoas que fizeram aquilo tudo já estavam lá dentro quando essas pessoas que você me mostrou chegaram, entendeu? Então, eles foram pro matadouro eles chegaram lá com toda uma situação armada com pessoas que já estavam lá dentro. Existem filmes, foi feito uma CPI tinha provas, tinha filmes com filmagens de horário foi dado sumiço em filmagens que era de obrigação de ter porque era o controle interno da própria segurança das instituições e foi negado essas provas, foi apagado essas provas, foi ocultado essas provas que poderiam elucidar, tudo esclarecer que horas aquelas pessoas chegaram lá dentro pra fazer aquilo tudo porque quando essa turma que você mostrou aí na foto chegou, começaram a subir aquela rampa o cerco já estava armado todo o circo lá dentro já estava acontecendo o espetáculo, entendeu? E aí misturou-se tudo e aí você via pessoas desse lado de cá gritando, tentando conter os baderneiros mas aí na massa reunida misturou-se tudo, entendeu? E virou aquela maior confusão lá. Então assim, foi muito triste foi um dia muito triste, sabe? Eu até falei pra minha amiga eu falei assim, parece que jogaram uma isca e foi mordido até o anzol engoliram até o anzol, não só a isca porque caíram numa cilada horrorosa. Então assim, é muito triste porque também outra questão o peçoal que estava ali manifestando eles estavam confiando de que as Forças Armadas Brasileiras tinham a missão de velar pela ordem dos poderes e nós vemos nitidamente que já não existe mais essa separação de poderes há uma interferência nos poderes e as Forças Armadas que teriam essa função e era a quem o povo estava recorrendo porque você veja quantos e quantos movimentos já teve da esquerda, do MST de ir lá, de quebrar, de incendiar de jogar tinta, de pintar e bordar e nunca aconteceu o que aconteceu agora, sabe? Com essas pessoas que foram presas os quais eu me refiro que são inocentes porque eu acho que quem cometeu o ilícito lá tem que pagar mesmo, mas se você for olhar o que está sendo feito não está tendo o processo legal, as pessoas não estão tendo direito para defesa está tudo em desacordo com o que está acontecendo lá. Então isso é muito triste pra gente, é muito revoltante porque são dois pesos e duas medidas e a gente percebe que não é

quem fala o que faz, mas é quem faz que é punido que é calado que é julgado então é muito triste isso porque a gente não quer injustiça a gente quer realmente a ordem, a gente quer as coisas corretas. Quem cometeu o delito pague as consequências, mas dentro do que a lei determina pra todos não com dois pesos e duas medidas como é o que está sendo feito ali. Então é um sentimento que a gente tem de injustiça mesmo, de autoritarismo de abuso de poder, de quebra de tudo. Chega a dar uma repulsa na gente quando a gente ouve da boca de certas pessoas essa palavra democracia ou estado de direito porque a constituição já foi rasgada, pisada, escrotada por parte das autoridades. Infelizmente então esse é o sentimento que a gente tem.

Q5. Sim.

Q6. Eu frequentava aqui, Itajaí, que é a minha região. Eu ia quase todos os dias por um longo período de tempo, mas no QG em Brasília eu fiquei do dia 24 até o dia 1º. Eu passei Natal, inclusive. Então foi isso, eu fiquei esses dias aí, sabe? Mas o meu intuito, assim, quando eu estava ali, era mais assim uma busca espiritual mesmo, de uma intervenção por meio de intercessão, de oração mesmo, sabe? Eu, assim, sou uma pessoa bem recente nessa questão de desenvolvimento político. Eu não gostava, até o ano de 2017, eu posso dizer pra você que eu era semi-analfabeta política. Eu achava, assim, que não adiantava a gente ter sido isso, porque, como diz um jargão, né, estava tudo dominado. Eles faziam as leis pra favorecer a eles mesmo, como eles queriam e faziam os seus acordos. Então, tipo assim, a gente que cumpriu a obrigação de votar porque era obrigado e eu não, né, uma baita de uma ignorância, né? Porque você veja, a nossa vida é regida pela política, né? E aí foi uma questão, assim, mais profunda, mais pessoal, que me trouxe um despertar, né, lá em meados ali de 2018. E aí eu comecei a me envolver e daí eu fui me inteirar. Mas o que que eu percebi? Que a educação está totalmente enviesada há muitos anos. Porque como o meu pai viveu nessa época que eles chamam de ditadura, né, ditadura militar, meu pai, todos meus parentes, eu nasci nessa época. Então, assim, pela minha história de vida, pelo que eu sei, não bate com o que a escola ensina. E aí eu assinei a plataforma do Brasil Paralelo porque eu me senti, assim, meio defasada em relação ao conhecimento de geopolítica, essas coisas. E eu fui buscar conteúdos, assim, que não tivesse tantos vieses, assim, né, ideológicos. E aí fui me inteirar e ver, assim, sentir e perceber tudo o que está acontecendo na questão política, né? E aí eu comecei, assim, falei, eu, como uma pessoa comum, o que que eu posso fazer além de estar, tipo, apoiando dentro daquilo que eu acredito, dentro dos meus princípios, dos meus valores? Me reunindo e apoiando essas ideias e buscando uma intervenção de Deus, assim, né, para que a gente possa ter, assim, um país mais justo, né, onde eu já criei os meus filhos, mas vem neto vindo por aí, né? E é o que todo mundo buscava ali. Você ouvia

as pessoas dizerem: eu deixei o meu negócio, eu deixei os meus, não tinha ninguém vagabundo ali. Todas as pessoas que estavam ali, que eu convivi, eram trabalhadores que largaram sua vida, suas famílias, seus negócios para estar ali lutando, porque não viam perspectivas, né, para se viver num futuro, nesse país, assim, um futuro que desse um pouco de segurança, entendeu? Porque viram o rumo das coisas, assim, só piorando, a corrupção engolindo, né? Então, as pessoas nos acampamentos eram unidas, embora você veja por incrível que pareça, como eu te falei, as pessoas têm, assim, temperamentos diferentes, têm educação e comportamento diferente, mas assim, o que que sustentava, o que unia as pessoas umas com as outras ali? Era o mesmo objetivo, o mesmo propósito, essa mesma busca que eu já, né, narrei para você. Então, tinha às vezes alguma desavença, tinha algumas pessoas que às vezes ficavam meio alteradas, mas daí os outros já vinham, né, conversar, tentar apaziguar e aquilo passava. Tinha as pessoas de diversas religiões, os católicos com as suas barraquinhas, as suas imagens lá fazendo oração, os evangélicos, eu, por exemplo, que sou evangélica, né, igreja batista, eu com a minha Bíblia. Então, assim, mas cada um, assim, respeitava a individualidade, a subjetividade, a diferença do outro e a gente estava ali por uma causa e, como eu te falei, a gente se sentia segura, acolhida e um ajudando o outro, um acolhendo o outro, sabe, protegendo o outro. Era um ambiente limpo, organizado, era um ambiente suprido, as pessoas, sabe, davam, se doavam, tanto levando as coisas para preparar alimento quanto arregaçando as mangas para cozinhar, preparar alimento, sabe. Então, assim, eu diria para você, assim, era uma família. Eu até brinquei ali no QG em Brasília, quando eu levantei de manhã e eu olhei aquela organização, aquela limpeza, eu falei assim, eu brinquei com o pessoal, eu disse assim, olha, se tudo der errado, a gente vai para algum lugar aí, em alguma terra abandonada, de ninguém, e a gente monta uma comunidade e vamos viver junto, vamos assim, sabe, porque era onde você queria estar. Tinha uma barraca lá com um gerador de energia, com tomada para carregar o telefone, você colocava o teu telefone lá para carregar e saía, ia para a barraca, você voltava, teu celular estava lá, sabe. Aí você, ah, estou com dor de cabeça, ah, eu tenho aqui um analgésico, sabe, assim. Então, tipo assim, tudo, era tudo em comum e assim, ninguém, ninguém pegava, tocava no que não era seu, entendeu. Não tinha uma invasão de nada ali, sabe, de nenhum sentido, havia respeito, havia, sabe. Então, né, eu fico pensando assim, se você está num ambiente, assim, de tranquilidade, assim, que não tem roubo, não tem furto, não tem abuso, não tem nada, aí você olha aquela situação que aconteceu lá, não condiz, não condiz. Então, assim, por isso que é desesperador, por isso que é triste você olhar essas imagens, é triste você ouvir o que a mídia está falando, é triste você ouvir, assim, esse rótulo de terrorista, né, como se todas as pessoas que estavam ali eram terroristas

que estavam, como é que é lá o que eles estão falando no processo lá, tentando contra o Estado Democrático de Direito. O Estado Democrático de Direito, pense, é uma coisa assim tão ilógica, não faz sentido, sabe, eu parei, eu não vejo mais televisão, eu não ouço mais jornal, eu tenho os canais de informação que eu busco via internet e, sabe, porque não tem, tipo assim, te dá um mal-estar de você ouvir certas coisas, assim, você percebe que o que movimenta as opiniões é quanto a pessoa está ganhando para isso, qual o interesse que está sendo atendido para aquilo, qual é a troca que está tendo para isso, não existe mais, assim, uma informação sem viés, sem opinião, né, eu, uma das pessoas que eu mais admiro nesse país, que a gente, infelizmente, perdeu recentemente, é o Silvio Santos, né, porque eu pensava muito parecido com ele, eu sempre falava assim, eu não gosto de ver jornal porque o apresentador tem que dar notícia, ele não tem que dar opinião, ele tem que dar notícia porque as pessoas têm que formar opinião, né, com base naquela notícia, naquela informação e um dia ele entregando um prêmio para um jornalista, ele falou justamente isso, né, para ela, ó, aqui você tem que dar notícia, aqui você não tem que dar opinião, se você quer dar a opinião, você compra um canal de televisão para você, eu vou aplaudir ele para o resto da minha vida por essa colocação, entendeu? Porque é assim, sabe, e assim eu vejo, o que me entristece muito, é ver assim como as pessoas são persuadidas facilmente, sabe, pelas massas, pelas mídias, pelo que, sabe, as pessoas parecem que não têm essa capacidade de raciocinar por si mesma, de formar sua opinião, de enxergar pelos seus próprios olhos, pelo seu próprio prisma, sabe, elas se deixam, parece que botam o foco numa coisa que não existe e a pessoa faz acreditar que aquilo existe e o outro acredita que existe, sabe? Então assim, é muito triste ver todo esse analfabetismo político e de opinião e de visão do nosso povo, sabe?

Q7. Assim, apesar de toda a insegurança jurídica que eu percebi em todo o processo, eu não me senti intimidada, sabe? Eu não me senti intimidada, eu não... Eu não... Alguns cuidados, assim, essenciais, mas assim, sem muita intimidação, porque se você, por exemplo, tem uma opinião, e você está lutando por uma causa, e aí você vê uma injustiça sendo cometida, e aí você se intimida, então realmente não era verdade aquilo que você estava fazendo, e para mim é um fato, é uma realidade o que a gente viveu, o que a gente buscou, o que a gente tentou. Então, assim, para mim é surreal o que aconteceu e o que está acontecendo, mas o que nós vivemos, o que nós buscamos, o que nós tentamos fazer, para mim está vivo e muito real, e disso eu não abro mão e não me intimido. Se eu tiver que pagar algum preço por isso, eu pago, entendeu?

Entrevista 05

Q1. Necessário. Luta pelo nosso país, pela nossa nação, pela nossa liberdade. Expectativa de resolver a situação do país. Esperança era de vitória. Manifestação pacífica. Muito angostia. Tristeza.

Q2. O dia 8, a gente tinha uma expectativa, né? A gente teve uma expectativa ali durante o tempo que a gente teve no QG de se tornar ali uma manifestação pacífica, né? E o nosso objetivo era que a gente ia sair de lá vitorioso e que ia sair tudo em paz, né? Eles iam trazer solução porque o exército apoiou a gente ali, né? E eu fui para ali dentro do primeiro dia, que eu fui no dia 2. Passei do dia 2 lá o dia. Eles iam trazer solução porque o exército apoiou a gente ali, né? E eu fui para ali dentro do primeiro dia, que eu fui no dia 2. Passei do dia 2 lá o dia. Eu ia em casa um vez ou duas na semana. Toda sexta-feira eu ia para casa, às vezes eu ia à noite, voltava no sábado ou no domingo, né? Mas o nosso objetivo ali é de a gente lutar pelo nosso país, pela nossa nação, pela nossa liberdade, né? A gente não pensava em outra coisa, né? A gente pensava que ali, como o exército tinha nos apoiado ali, eles iam resolver a situação para a gente. Não era como aconteceu. Nós esperávamos que o exército ia ter uma resposta boa para a gente, para a gente sair dali, né? Realizado pela nossa estadia ali. Para mim foi muito difícil, muita chuva, muito frio, né? Mas Deus não deixava eu ficar fora dali, viu? Orando, viu? Orando todo dia, de manhã e à noite, eu tinha que rodear o QG. Orando, viu? Todo dia, de manhã e à noite. Teve uma madrugada lá, um dia lá. Eu estava deitada, deitei, entrei para a minha barraca, orei. Passa de deitei, quando eu deitei um pouquinho, o Senhor falou para mim que levante e vai dar volta e volta no QG. Eu olhei no relógio, era duas e cinquenta. Falei, agora Jesus?. Aí levantei e dei a primeira volta. Minha barraca estava bem pertinho do caminhão, de frente para o quartel. Aí passei pela barraca e não vi. Quando eu vi aquela placa verde que tem na saída de cá, falei, meu Deus, eu passei pela barraca e não vi. Quando eu fui para voltar, aí o Senhor falou comigo, volta hoje e vai dar três voltas. Você já deu uma volta, vai dar mais duas voltas. E dei essas três voltas na madrugada, de duas e cinquenta até quatro horas. Eu dei as três voltas. E ali a nossa esperança era de vitória, de solução, para aquele que é o nosso objetivo ali. E ficamos ali durante dois meses, três meses, quase. No dia que aconteceu, eu fui para casa na sexta, e voltei no sábado, quando foi umas cinco horas, umas seis horas da tarde. O pessoal que estava ali em cima do caminhão, dizendo que, no domingo, quatro horas da tarde, que era para estar todo mundo lá, que ele queria fazer a reunião com todo mundo. Domingo, a partir de quatro horas da tarde. E disse, segunda-feira, quatro horas da manhã, nós vamos subir. É muita gente, vai ter que ter grupo, vai ter que ter líder de grupo, porque quando for, vai deixar tudo

organizado, resolvido. E quando for segunda-feira, quatro horas da manhã, nós vamos subir tudo para os ministérios, para a esplanada, e vamos chegar lá e vamos acampar. Vamos fazer uma manifestação pacífica, até ver o que vai acontecer. Aí, quando ele falou assim, que era sábado, já umas seis horas da tarde, aí tinha um pastor da minha igreja lá e falou, então, vamos embora e voltar amanhã. Aí fui para casa e dormi em casa. Quando foi, domingo, fui para a escola do dominical da minha igreja, voltei e fui para lá. Aí, eu tinha que chamar o Uber, tinha ninguém em casa, fui na casa do vizinho e pedi para chamar o Uber para mim. Ele disse, nós não vamos chamar o Uber para você, nós vamos te levar lá. Aí, só fui em casa e peguei minha bolsa. Quando nós entramos no carro, ele olhou no celular, já estava a terceira quebradeira lá. Ele disse, o pessoal já está lá, já estão, tem muita gente lá, já, nos ministérios, já está tendo uma quebradeira lá. Aí eu falei: mas eu vou. Aí, cheguei lá, tinha muita gente, aí, a gente tinha muita gente. Aí, quando foi... Aí, foi muita gente, depois que eu cheguei, quando a partir de quatro horas começou a chegar o povo machucado. O povo machucado, com bala de borracha, com spray de pimenta. E aí, passamos. Eu passei a noite todinha lá. A esposa do meu pastor esteve lá, foi embora, mas eu não fui. Não queria ir para casa. Eu queria sair de lá depois de tudo realizado. O que podia acontecer? Aí, fiquei, passei a noite todinha, sem sentar e sem pregar o olho, a noite todinha, orando. Aí, quando foi umas seis horas da manhã, aí, eles... Foi uma luta muito grande. A polícia chegou e queria evadir por tudo. E o soldado do exército, que tinha mais de duzentos soldados do exército lá, e eles... cercando a polícia, para a polícia não entrar. Aí, quando foi a certa hora, eles negociaram com eles para eles entrarem às seis horas da manhã. E a gente dizia que seis horas, que a polícia ia entrar às seis horas, que a polícia ia entrar às seis horas, que era para a gente ir embora. Mas muitos diziam, não, não é para a gente ir embora. Não, não, não. A gente vai ficar aqui. E outros diziam, não, nós vamos embora, a polícia pega a gente. E aqui nós estamos protegidos pelo exército. E aí, eu passei a noite todinha orando, com minhas mãos estendidas, andando, orando. Muitos policiais do exército, quando deu a base de umas duas horas, eles conseguiram negociar com a polícia, para a polícia entrar às seis horas da manhã. Aí, eles mandando recado para a gente, para o povo ir embora. E eu... eu não sabia o que ia acontecer. Não sei quando foi. Aí, eu andando, orando, quando foi, estava dando seis horas, umas cinco e quarenta, mais ou menos, ou mais, Eu encostei na cerca, chamei, tinha o exército todo cercado, todo armado, e uns rapazes lá. Encostei lá, bati a mão neles, veio. Aí, eu perguntei para eles, vocês trabalham aqui? Eles disseram, nós somos soldados do exército. Eu falei, é que nós estamos aqui, assim, que estamos orando para o povo. Alguém queria ir embora, né? Aí, eu falei, meu filho, é para a gente ir embora. Ele disse, dona, vai embora agora. Agora,

dona, vai embora. E aí, ele fez um jeito, fazia assim, corre. Aí, ele disse, senhora, vai embora. Aí, eu perguntei, ele falou assim, dona, vai embora. Vai embora, dona, agora. Vai embora agora. Vai embora, dona. Daí, eu me espantei. Falei, como é que eu vou fazer para chamar o uber? Disseram, dona, aqui não chama uber. Aqui não entra ônibus nem carro nenhum. A senhora vai por aqui, mostrou para onde que era pra ir. Aí, eu só fui na minha barraca, peguei a bolsa. Aí, quando eu lembrei de 2 irmãs que estavam na manifestação, chegou, deitou e apagou. E aí, eu fui lá chamar elas, chamei elas. Aí, elas levantaram e foram desmontar a barraca, foram dobrar a coberta. E eu disse, irmã, vamos embora. Vamos embora, que a polícia vai entrar às 6 horas. E aí, quando elas terminaram de desmontar a barraca e dobrar as cobertas, escutei o barulho das viaturas. Aí, entrou. Aí, nós saímos. As viaturas já tinham entrado, os ônibus já estavam encostados. Mas aí, a gente saiu. Cheguei em casa, muito angustiada, muito triste, porque não era aquilo que a gente esperava. Quando eu comecei a ver a reportagem deles com o povo, aí que eu fiquei arrasada mesmo. Aí, quando foi mais tarde, foi uma amiga minha lá saber se eu estava em casa, o que tinha acontecido comigo. Aí, eu falei pra ela, a partir da manhã, eu vou entrar num propósito de três dias. Depois eu vi aquele tumulto horrível do povo sendo preso, eu fiquei arrasada. Meu Deus do céu! Aí, quando foi no outro dia, que eu fui pra casa da pastora, aí saiu a notícia que eu tinha sido presa. E o povo ligando, ligando, e meu celular, na segunda noite que eu dormi no QG, roubaram meu celular. Nunca roubou nada de ninguém, roubaram meu celular, porque eles queriam que eu fosse embora pra casa. Aí, um irmão me deu um celular, mas o celular dava muito problema. E quando foi esse dia, ele carregava todinho, quando pegava, ele descarregava todinho. E o povo ligando pra saber a notícia minha. Ficou sobrecarregado. Eu sabia que só Deus podia resolver. A gente estava ali, eu sei que Deus me colocou lá, mas foi pra eu orar. Porque era uma opressão muito grande. Era uma opressão horrível. Tinha dia, muita paz. Eu via o povo de Israel no Egito. Tinha muita paz. Mas sentia perto de Deus. Mas sentia também, assim, uma opressão. Muitas vezes inimigo querendo atacar mesmo. Eu não fico triste quando lembro daquele dia porque eu creio que era necessário que acontecesse aquilo. Eu creio que era necessário. Porque a gente tomou posição. Se a gente não tivesse tomado posição, tinha ficado o jeito que aconteceu e ficou. E estamos até hoje. Crendo na nossa vitória. A nossa vitória é a nossa liberdade. Liberdade da nossa família. É Deus arrancar o comunismo. Não acontecer como aconteceu nos outros países. Como está lá na Venezuela. Que a gente acompanha bem de perto. Então, a nossa vitória, que eu creio, é que Deus vai agir e vai entregar o nosso Brasil como ele era muitos anos atrás. Inclusive, o primeiro presidente que eu votei foi o Bolsonaro. Porque eu que creio que Bolsonaro foi levantado por

Deus para acordar o Brasil. Para ressuscitar o Brasil. O Brasil estava morto. Um dia eu vi... Fui passando aqui nesse planalto e os garis estavam... Forrou essa bandeira no chão e pegou o lixo e botou na bandeira. Ela estava com uma coisa sem valor. E o Bolsonaro veio pra nos acordar, nos despertar e nos levantar pra clamar pelo Brasil, pela nação. Você vê hoje a gente não tem mais... De primeiro, a gente não mandava os filhos pro colégio. A gente tinha uma segurança. E hoje não tem mais. Foi ficando cada dia pior, cada dia pior. E hoje, logo vocês vão pro colégio e a gente fica... Eu não tenho mais filho, nem tenho um neto que estuda. Mas agora tem meus bisnetos. Eu tenho nove bisnetos. E a preocupação é tão grande, quando vamos pro colégio, porque não tem nada que presta mais no colégio. Não é ensinado mais o que era ensinado antes. E a gente ter os nossos filhos em casa, os nossos netos, bisnetos e tem que ser muito instruído porque lá eles não fazem uma lavagem na cabeça das crianças. Tá uma coisa muito difícil. Aquela estadia da gente ali, foi assim que o senhor nos despertou. Né? Porque se a gente não tivesse se levantado, dizia, o homem ganhou e pronto. Né? Mas Deus nos levantou pra lutar pela nossa causa, pela nossa nação, pela nossa família, pelo Brasil, pela nossa liberdade que tá em primeiro lugar. E se tiver outra eu vou de novo. Agora, eu sinto, é como eu disse, que a gente não esperava aquilo que aconteceu. Mas nós cremos na reviravolta que vai ter no Brasil. E nós vamos ter a nossa vitória, a nossa liberdade. Ter liberdade, vai pra um colégio, a gente ter uma tranquilidade e saber que nossos filhos estão num colégio, estão aprendendo coisas que edificam, como era antes, né? Educação, né? Respeito, família. É o que nós esperamos que vai voltar. É isso.

Q3. Não. Injusta, não teve nada de justiça, só injustiça. Porque aquele povo não estava ali pra ser preso, não. Aquele povo estava ali lutando pela nossa liberdade, como eu já falei. Era tudo, não tinha ninguém, assim, podia ter alguma pessoa, mas lá mesmo, eu andava ali às madrugadas, viu? Eu andava às madrugadas ali. Tinha dia que estava todo mundo silêncio, todo mundo dormindo, e eu andando lá orando. Nunca vi nada inormal. Nunca vi nada inormal (sic). Podia ter alguma coisa, mas era uma coisa muito oculta. E tudo, eu vi um povo lutando pela nossa, a nossa nação, pela nossa liberdade. Quem quebrou não foi eu, não foi patriota.

Q4. A responsabilidade foi da esquerda, que já tinha programado muito tempo, muitos dias, já estava tudo programado, todo mundo sabia, todo mundo sabia. O Dino, o Flávio Dino, tem a fita dele lá, eu vi a gravação, ele dando água para o povo lá. Botando água no copo do povo que estava lá quebrando lá dentro. Se fossem os patriotas que estivessem quebrando, eles iam ter esse cuidado? É porque eles teve aquela CPMI para eles liberar as gravações e eles não liberaram as gravações. Foi uma injustiça, mas Deus vai fazer. Foi a mão do Alexandre Moraes,

o governo deles, o partido deles, a turma deles lá. Que permitiram que isso acontecesse. Eles programaram tudo. Você vê que as pessoas, todo mundo que foram, foi entrevistado para entrar, e lá tinha pé de cabra, tinha tudo. E quando eles chegaram, quem chegou, eles foram para fazer, quando esse líder lá do caminhão falou, vamos fazer uma manifestação pacífica, vamos chegar lá e vamos sentar, e vamos chegar lá e esperar para entender, para ver o que vai acontecer. E assim, pessoas que quebraram coisas lá, estão presas hoje? Estão não. Dizem que tem um preso, mas não tem não. Não tem jeito nenhum. Porque não foram julgadas as pessoas que tinham imagens? É porque seguraram as imagens, prenderam as imagens. Teve a CPMI, e teve as imagens, e as imagens estão presas, e elas não liberaram. A CPMI é para liberar as imagens, para todo mundo ver. E ele não liberou as imagens. Então, só foi preso quem não tinha nada a ver. Quem não tinha nada a ver. Pessoa passando na rua, passando lá, prendeu um senhorzinho, que ele catava reciclados. Aliás, não prendeu ele. Ele correu e escondeu em um lugar lá, e ficou lá uns dois dias. Lá, e o povo, e ele com medo de sair. Aí foi que o povo veio procurando, porque achou o carro dele, depois achou ele. Mas ali foi muita maldade. Muita maldade mesmo. Muita maldade.

Q5. Sim.

Q6. Era muito bem, era uma união muito maravilhosa. Muito unida, muito unida. É, aqui acolá, teve um dia que... mas entre os patriotas mesmo, não tinha. Um dia foi que aqui acolá, chegava os infiltrados, né? Aí os patriotas queriam, né? Tinha muitos infiltrados. Aqui acolá aparecia. Porque estava a liberdade para vender, que eles botaram barraca lá de tudo e tudo, o exército mandou tirar. Mas na época que estava vendendo lá, tinha muitos infiltrados. E lá, o que aconteceu, da quebradeira, foi tudo na esquerda. Foi tudo. Mas lá no acampamento era todo mundo era unido, eu me sentia bem. Assim, não era nem por gostar, eu sabia que era a voz de Deus. Era muito difícil. Eu não banho na água fria por nada. E lá era banhar na água fria, dormir desconfortável. Mas o propósito meu era de sair quando resolvesse tudo. E no dia 8, eu não fui embora. Fiquei lá porque eu queria ver o que podia dar. Mas a nossa esperança era de coisa boa. Mas as pessoas se tratavam bem. Comida tinha demais. Mas a minha vida foi de propósito. Eu que escolhia não comer. Mas eles tinham muito cuidado comigo. Meu Deus do céu. Logo uma irmã de Águas Claras me deu uma barraca. Estava muito grande, muito boa. No dia do 8 de janeiro dormiram acho que 7 a 8 pessoas na minha barraca. Tinha gente de todos os estados do país. Até pessoas de fora do país. Japonês, tinha japonês lá. De todos os estados de Brasília. E era pessoa. Não era, coitadinha não. Tinha muitos fazendeiros.

Q7. Não. Não senti nada disso. E se voltar o dia 8 de janeiro, eu vou de novo. Pelo meu país. Pela nossa nação. Eu vou de novo. Eu nunca tinha envolvido com política. O primeiro presidente foi Bolsonaro. E estou envolvida até Deus nos dar a vitória. Até acabar. O Alexandre de Moraes tem muita vontade de me prender. Quando eu comecei a fazer esse propósito aqui, tá com mais de um ano. Aí, uma esposa do segurança do Bolsonaro me disse que o Alexandre estava a fim de me prender. Ele tem raiva porque eu fiquei lá. Antes eu tinha horror de um pastor, um servo de Deus candidatar... Mas depois eu tomei conhecimento. Depois eu vi o valor de um servo de Deus no poder. Porque a esquerda planeja, né? Ela planeja a lei do aborto, né? Do homossexual, né? Essas coisas, tudo. Eles planejam as coisas. E Deus faz com que se revele. E a direita fica muito em cima. Sempre impedindo mesmo. Eu participo muito de reunião aqui no plenário, né? Hoje mesmo tá tendo. Mas eu tô aqui. Aí eu participo muito de reunião. E eu vejo a briga que é da direita com a esquerda. Porque não tinha mais direita, não. O nosso país tava aí na... A lei era na mão do inimigo mesmo. Mas aí, quando Deus levantou Bolsonaro, viu? Pra acordar o Brasil. E essa guerra, a guerra não é humana, ela é no reino espiritual. Eu não sei se você já viu um vídeo do Marco Feliciano. Com a bruxa dentro do avião. O diabo dele? Pois é, pois tem. Só você botar no celular e falar que quer ouvir o diabo do pastor Marco Feliciano com a bruxa dentro do avião. É tudo que tá acontecendo agora. Porque essa é a esquerda. Você sabe como é que tá na Venezuela, né? E toda a vida Deus falava comigo, né? Quando eu comecei... Eu não gosto da televisão. Inclusive, na minha casa não tem televisão na sala. Só tem um no quarto do meu filho. Mas aí, quando começou essa esquerda a se revelar. Eu vi a podridão dela, né? E eu vi na época do Cristóvão. O Cristóvão era candidato. Quando eles falavam aquelas coisas, eu rejeitava, orava, repreendia. Mas eu não entendia. E eu fui entender de política, o que é política. O que é a direita, a esquerda. Agora, depois do Bolsonaro, antes dele ser eleito. Aí, ele é candidato, né? Aí, Deus me botou muito pra orar por ele. Deus me botou muito pra orar por ele. Aí, veio a eleição. Aí, eu votei nele. E aí, teve aquele negócio que ele levou aquela facada, tudo. Depois, eu orava muito por ele, jejuava por ele. Pela família dele. E aí, vem as perseguição contra a vida dele. Mas ele é o homem escolhido de Deus.

Entrevista 06

Q1. Traição. Pessoas dispostas a defender sua liberdade. Pessoas infiltradas.

Q2. Eu vejo muita gente que foi ao melhor das intenções e saiu prejudicado. Essa é a primeira coisa que vem à minha cabeça. Traição de que? Traição, eu diria, até em geral. Em geral. Foi do governo anterior, atual governo. Nós acreditamos no que o governo anterior falou.

E, infelizmente, ele falou muito e fez pouco. Eu acho. Posso estar errado, mas é a minha opinião. Então, é isso aí. Eu acho que um pedido de intervenção era um pedido totalmente dentro da lei. Ninguém pedia alguma coisa que estava fora da Constituição, que estava fora da lei. Não havia nada disso. Havia um monte de pessoas ali, dispostas. Abriram mão da sua vida pessoal, particular. Para defender o posicionamento de liberdade. Era uma coisa nova no país. A gente não sabia com o que estava lhe dando. Infelizmente, a gente não sabia. Então, é isso aí. Eu acho que um pedido de intervenção era um pedido totalmente dentro da lei. Ninguém pedia alguma coisa que estava fora da Constituição, que estava fora da lei. Não havia nada disso. Havia um monte de pessoas ali, dispostas. Abriram mão da sua vida pessoal, particular. Para defender o posicionamento de liberdade. Era uma coisa nova no país. A gente não sabia com o que estava lhe dando. Infelizmente, a gente não sabia. E com certeza teve infiltrações. Entre o pessoal que participava nas reuniões, tinha os mais exaltados que participavam? Tinha. E com certeza teve infiltrações. Entre o pessoal que participava nas reuniões, tinha os mais exaltados que participavam? Tinha. É um dia difícil de apagar a memória. Os helicópteros lançavam gás lacrimogênico em cima do pessoal e tinham umas pessoas com máscara. Então você vê que tinha uns que se insuflavam mesmo. Mas assim, a maior parte eram pessoas de idade. Não escondiam a cara, não escondiam nada. Eu ficava com o boné pra proteger a careca. Pra não tomar sol na careca. Mas a maior parte, eram pessoas de idade. Mas tinha muitos infiltrados que se insuflavam o pessoal a fazer essa roça toda. É um dia difícil de apagar a memória. Os helicópteros lançavam gás lacrimogênico em cima do pessoal e tinham umas pessoas com máscara. Então você vê que tinha uns que se insuflavam mesmo. Mas assim, a maior parte eram pessoas de idade. Não escondiam a cara, não escondiam nada. Eu ficava com o boné pra proteger a careca. Pra não tomar sol na careca. Mas a maior parte, eram pessoas de idade. Mas tinha muitos infiltrados que se insuflavam o pessoal a fazer essa roça toda. Não me machucaram porque eu não entrei na linha de frente. Eu fui. Eu cheguei até perto lá na Praça dos Três Poderes. Aí, na Praça dos Três Poderes, a cavalaria foi de encontro aos manifestantes. Nessa hor, a cavalaria tinha uma plaquinha de sinalização, e eu fiquei atrás da placa, me protegendo. Depois que a cavalaria se foi. Eu vou te contar. Eu acordei no domingo, aquele domingo e a gente tinha um grupo lá do pessoal da nossa tenda. Aí o pessoal estava falando que estvs faltando café, que tinhs pouca água... E eu sempre fazia compra pra levar pra eles. Minha função era essa. Eu comprava. Aí eu fui lá no mercado e comprei café, água... Uma vez eu levei, o pessoal gostou pra caramba daquelas paçoquitas. Aí tinha umas caixas lá com umas 50 paçoquitas, parece. Aí eu falei: ah, vou levar uma caixa lá pro pessoal. E eu comprei tudo isso

em um carro. Eu aqueles fardos com 12 águas. Comprei uns 5 farros daqueles. Comprei 60 águas. Aí, passei em casa pra almoçar. Porque eu normalmente ia à tarde pra lá. Aí eu almocei e me falaram: olha, tá tendo alguma coisa lá na Esplanada. O que? Eu não tô sabendo, né? Aí eu falei, não sei. Parece que tá tendo uma confusão lá. Aí eu liguei a televisão e vi que a coisa tava feia. Falei: cho que eu vou lá pra Esplanada, então. Vou ver o que tá acontecendo lá. Aí eu fui e peguei aquela pista que fica do lado da Esplanada, né? Do lado dos ministérios. Aí parei o carro lá e fui, né? Aí quando eu vi, a coisa tava assim... Muita gente. Muita gente mesmo. E assim, o pessoal tava tentando entrar. Eles estavam entrando no Palácio do Planalto. Eles tavam entrando no Palácio. Aí eu falei: nossa, por que que esse pessoal tá fazendo isso? É porque uma coisa que a gente falava lá era no cuidado com os infiltrados. A gente sabia que isso ia acontecer. A gente sabia. Tinha muito infiltrado. Eu tenho até hoje essa imagem. O dia que eu vir esse cara na rua, eu vou lembrar dele. O cara tinha 1,90m, 2m de altura. Eu sou alto. Eu tenho 1,81m. Ele é mais alto que eu. Um moreno claro. Ele gritava: vamos lá! Vamos lá! Vamos invadir! Aí eu falei: não, não tem que invadir! Ai ele, vamos lá! Tem que invadir sim! Tem que invadir! O pessoal que estava no outro dia, nos acampamentos, era o pessoal da paz. A grande maioria. Ah, mas todo mundo lá era santo? Não. Mas era o pessoal da paz. O QG era perfeito? Não. A gente tinha as coisas, por exemplo, tinha gente que dava as fugidinhas lá. Tinha um monte de motel lá perto. O pessoal de vez em quando dava as fugidinhas, eles sabiam. A cervejinha. Eu sabia. O pessoal das tendas não tomava cervejinha nenhuma. Mas o pessoal que dormia lá, eles sempre tomavam. Às vezes, compraram cervejinha e tomavam. Era pra passar a noite toda lá. Era o dia todo lá sem fazer nada. Então, tudo isso aí acontecia. Então, esse pessoal, que estava lá, era um pessoal muito centrado, muito respeitoso. O pessoal que estava no outro dia, nos acampamentos, era o pessoal da paz. A grande maioria. Ah, mas todo mundo lá era santo? Não. Mas era o pessoal da paz. O QG era perfeito? Não. A gente tinha as coisas, por exemplo, tinha gente que dava as fugidinhas lá. Tinha um monte de motel lá perto. O pessoal de vez em quando dava as fugidinhas, eles sabiam. A cervejinha. Eu sabia. O pessoal das tendas não tomava cervejinha nenhuma. Mas o pessoal que dormia lá, eles sempre tomavam. Às vezes, compraram cervejinha e tomavam. Era pra passar a noite toda lá. Era o dia todo lá sem fazer nada. Então, tudo isso aí acontecia. Então, esse pessoal, que estava lá, era um pessoal muito centrado, muito respeitoso. Pra você ter uma ideia, tinha uma barraca lá que era a tenda dos celulares. Era uma barraca que tinha uma energia elétrica. Você chegava lá e ligava o seu celular e deixava. Saía. Eu chegava lá, tinha uns 20 celulares lá. E ninguém mexia. Ninguém mexia. Uma coisa que, no Brasil, você fala assim: isso não acontece no Brasil. Não aconteceu. Ninguém pegava um pepel

e jogava no chão. Você via pessoas assim, derrubavam alguma coisa e ia lá, pegava e jogava no lixo. Era de uma educação que a gente não encontra aqui no nosso país. Então, esse celular, eu sempre carregava o celular lá. Eu deixava lá duas horas. Duas horas depois eu voltava pra pegar. E eu não ficava lá não, eu saia, ia andar. Ia fazer outra coisa. Aí voltava duas horas depois e estava lá. Pra você ter uma ideia, tinha uma barraca lá que era a tenda dos celulares. Era uma barraca que tinha uma energia elétrica. Você chegava lá e ligava o seu celular e deixava. Saia. Eu chegava lá, tinha uns 20 celulares lá. E ninguém mexia. Ninguém mexia. Uma coisa que, no Brasil, você fala assim: isso não acontece no Brasil. Não aconteceu. Ninguém pegava um pepel e jogava no chão. Você via pessoas assim, derrubavam alguma coisa e ia lá, pegava e jogava no lixo. Era de uma educação que a gente não encontra aqui no nosso país. Então, esse celular, eu sempre carregava o celular lá. Eu deixava lá duas horas. Duas horas depois eu voltava pra pegar. E eu não ficava lá não, eu saia, ia andar. Ia fazer outra coisa. Aí voltava duas horas depois e estava lá. Então, eu vou te contar uma coisa que é uma coisa que mexeu muito comigo. Me marcou muito. Então, nesse dia 8, quando deu umas cinco horas, se não me engano, eu falei: eu estou com o carro cheio de mantimento, eu vou levar lá no QG. Aí eu fui lá pro QG. Tinha uma igreja lá, eu parava na frente da igreja e ia à pé para a tenda. Aí eu cheguei lá e não tinha quase ninguém. Estava vazio. As tendas estavam vazias. Eu estava com umas duas caixas de coisas como biscoito, café... As coisas mais leves e fui levando pra tenda. Aí uma senhora que estava sentada em frente a várias barracas falou: olha, não tem ninguém não, não pode entrar aí não. Eu falei: não, mas eu faço parte dessa tenda aqui, estou trazendo os mantimentos. Eu queria pegar alguém pra carregar água porque a água é pesada. Na hora que eu estava saindo, olha, o que eu vou te dizer agora, é exatamente o que acontecia. O nível do pessoal lá. Eu estava saindo, tinha acabado de chegar um ônibus do Rio Grande do Sul, de Santa Maria. Eu estava saindo do QG e ia pegar o carro para ir para casa. E isso já foi quase na hora que eles cercaram, quase eu fico preso lá também. Foi quase na hora. E esse ônibus, tinha duas senhoras. Aí uma perguntou assim: o senhor está indo para a Esplanada? Eu falei: olha, não estou indo para a esplanada não, mas é caminho na minha casa. Ah, o senhor pode deixar a gente lá na Esplanada? Eu falei: olha, acho que já está acabando a Esplanada. Ah, não, não, mas eu preciso. Aí ela me mostrou, ela tinha uma garrafa de um refrigerante, depois eu até pesquisei esse refrigerante, se chama Cyrillinha, é lá do sul, é um refrigerante que é feito com a casca da laranja. Ela disse: isso aqui é água benta, eu vou jogar água benta na Praça dos Três Poderes e nos Ministérios. Uma senhora. Aí eu falei: sim, então vem comigo. eu levo vocês. Na hora em que eu estava chegando, tinha uma multidão saindo. Aí elas falaram assim: nós vamos ficar aqui. E aí, eu estava cheio

de água no carro e eu via o pessoal saindo, chorando por causa do gás de pimenta. Aí eu abri o capô do carro e comecei a distribuir água de graça. As garrafas de água que eu comprei lá para o QG. Até que acabou. Quando acabou, eu peguei e fui embora. No dia seguinte de manhã, eu acordei e fui para o QG. Quando eu cheguei lá no QG estava tudo cercado. Ah, não pode entrar aqui não. Eu dei uma desculpa, tentei entrar, mas eles não deixaram. Então, eu vou te contar uma coisa que é uma coisa que mexeu muito comigo. Me marcou muito. Então, nesse dia 8, quando deu umas cinco horas, se não me engano, eu falei: eu estou com o carro cheio de mantimento, eu vou levar lá no QG. Aí eu fui lá pro QG. Tinha uma igreja lá, eu parava na frente da igreja e ia à pé para a tenda. Aí eu cheguei lá e não tinha quase ninguém. Estava vazio. As tendas estavam vazias. Eu estava com umas duas caixas de coisas como biscoito, café... As coisas mais leves e fui levando pra tenda. Aí uma senhora que estava sentada em frente a várias barracas falou: olha, não tem ninguém não, não pode entrar aí não. Eu falei: não, mas eu faço parte dessa tenda aqui, estou trazendo os mantimentos. Eu queria pegar alguém pra carregar água porque a água é pesada. Na hora que eu estava saindo, olha, o que eu vou te dizer agora, é exatamente o que acontecia. O nível do pessoal lá. Eu estava saindo, tinha acabado de chegar um ônibus do Rio Grande do Sul, de Santa Maria. Eu estava saindo do QG e ia pegar o carro para ir para casa. E isso já foi quase na hora que eles cercaram, quase eu fico preso lá também. Foi quase na hora. E esse ônibus, tinha duas senhoras. Aí uma perguntou assim: o senhor está indo para a Esplanada? Eu falei: olha, não estou indo para a esplanada não, mas é caminho na minha casa. Ah, o senhor pode deixar a gente lá na Esplanada? Eu falei: olha, acho que já está acabando a Esplanada. Ah, não, não, mas eu preciso. Aí ela me mostrou, ela tinha uma garrafa de um refrigerante, depois eu até pesquisei esse refrigerante, se chama Cyrillinha, é lá do sul, é um refrigerante que é feito com a casca da laranja. Ela disse: isso aqui é água benta, eu vou jogar água benta na Praça dos Três Poderes e nos Ministérios. Uma senhora. Aí eu falei: sim, então vem comigo. eu levo vocês. Na hora em que eu estava chegando, tinha uma multidão saindo. Aí elas falaram assim: nós vamos ficar aqui. E aí, eu estava cheio de água no carro e eu via o pessoal saindo, chorando por causa do gás de pimenta. Aí eu abri o capô do carro e comecei a distribuir água de graça. As garrafas de água que eu comprei lá para o QG. Até que acabou. Quando acabou, eu peguei e fui embora. No dia seguinte de manhã, eu acordei e fui para o QG. Quando eu cheguei lá no QG estava tudo cercado. Ah, não pode entrar aqui não. Eu dei uma desculpa, tentei entrar, mas eles não deixaram. Quando eu soube que o pessoal tinha sido preso, eu fiquei várias noites em conseguir dormir. Não conseguia dormir não. Eu ficava pensando assim: pô, como será que está as duas senhoras que eu dei carona? Será que

estão presas? Será que não estão? Aí parecia que elas estavam no ginásio esportivo. Nossa, eu fiquei com um peso de consciência. Me sentia assim como se fosse culpado. Então, o dia 8 de janeiro, pra mim, foi um sonho e um pesadelo ao mesmo tempo, um sonho porque eu pude sair daquele marasmo que estava a minha vida. De não fazer nada. Não fazer nada nesse tempo. Aquela rotina, o dia a dia, sair um pouco da rotina. E um pesadelo porque quando eu vi o que aconteceu com o pessoal. Aquilo ali me deixou muito triste, muito preocupado. Eu fiquei com um peso de consciência por causa dessas duas senhoras. Elas tinham uns 60 anos. Acho que mais velhas que eu. 60 e poucos anos, 70 anos... Mas assim, uma disposição! As duas estavam só alegria. Aquela Cyrillinha (garrafa com água benta) era a arma delas. Eu quero um dia que a gente se livrar dessa paranoia, chegar lá e jogar essa água benta. Fazer exatamente o que elas queriam fazer. Então, o dia 8 de janeiro, pra mim, foi um sonho e um pesadelo ao mesmo tempo, um sonho porque eu pude sair daquele marasmo que estava a minha vida. De não fazer nada. Não fazer nada nesse tempo. Aquela rotina, o dia a dia, sair um pouco da rotina. E um pesadelo porque quando eu vi o que aconteceu com o pessoal. Aquilo ali me deixou muito triste, muito preocupado. Eu fiquei com um peso de consciência por causa dessas duas senhoras. Elas tinham uns 60 anos. Acho que mais velhas que eu. 60 e poucos anos, 70 anos... Mas assim, uma disposição! As duas estavam só alegria. Aquela Cyrillinha (garrafa com água benta) era a arma delas. Eu quero um dia que a gente se livrar dessa paranoia, chegar lá e jogar essa água benta. Fazer exatamente o que elas queriam fazer. O pessoal ia no intuito de fazer culto. Tinha a tenda dos católicos. Era o tempo todo rezando. Tinha Padre rezando missa. Tinha a tenda dos evangélicos, então tinha culto. A intenção era só essa, né? E aí o pessoal entrou numa rotina também lá. Tinha um lugar que tinha um monte de caminhão parado. O caminhão do... não sei se era do agronegócio. Aí tinha uma hora que eles buzonavam e ficavam uns 15 minutos buzinando. Ficavam buzinando bem alto mesmo, né? Virou assim, tipo uma rotina. Porque nós começamos, acho que foi no começo de novembro e foi até o oito de janeiro. Então foram sessenta dias. Sessenta e oito dias. Eu participei quase todos os dias.

Q3. Não! Foram injustas. Foram injustas. Primeiro porque era uma manifestação e segundo porque não tomaram as mesmas atitudes em relação às manifestações de esquerda. Que são muito piores. Muito mais violentas. Na época que a esquerda quebrou, não tomaram a mesma atitude que tomaram agora. Então foram totalmente injustas. Isso aí pode ter certeza. Que a maioria do pessoal que foi preso. Eu tenho amigos. Eu tenho uma amiga, não vou citar o nome aqui, mas ela foi com a filha dela e a filha, muito ingênua, porque você acaba se empolgando por vê aquele pessoal todo ali. Nossa, que bacana, né? Então a filha foi e tirou uma

selfie lá e colocou no Instagram. E ela começou a receber ameaças, começou a receber ameaças, uma atrás da outra. E essa amiga minha teve que deletar o Instagram dela. A minha amiga também parou de mexer com política, ela e o marido. Ela quer ficar longe tudo, nem falar ela fala de política mais. Não foi justo, as prisões foram injustas. Isso aí pode ter certeza. Eu falo com toda convicção.

Q4. Bem, eu diria que uma parte da responsabilidade, o responsável maior é o Supremo Tribunal Federal. Porque quando o pessoal estava pedindo lá pra saber qual é o código-fonte, eles tinham a obrigação de provar que as eleições foram justas. E não provaram. Então, eles preferiram prender o pessoal. Realmente foi armação. O outro que eu acho que tem um fundo de responsabilidade também é o do governo anterior, do Bolsonaro, porque ele falou muita coisa, criou uma expectativa na população. E outra coisa, ele saiu do país sem avisar. Ele podia ter falado: acabou! Chegar pra todo mundo e falar: acabou, vamos voltar à nossa vida normal. Mas não foi isso que aconteceu. Eu não estou questionando aqui, os motivos que fez ele ter essa atitude, o porquê que ele não falou. Ele deve ter tido mil motivos. O que eu estou questionando é o que ele deixou de fazer. Ele podia muito bem ter desmobilizado tudo. Ah, mas não foi ele que convocou. Realmente não foi ele que convocou. Espontaneamente, até então, a gente seguiu, mas gente entendeu que tinha, por exemplo, o exército como aliado. A gente achava que o exército eram os nossos aliados e só depois que eles mostraram que não eram. Por isso a traição. A traição foi geral. O STF, o ex-governo, do Bolsonaro, o exército. Então nós ficamos ali sem pai, sem mãe. No meio da confusão toda. E mais uma coisa, eu adorava o ex-governo. Eu achei que ele foi o melhor presidente que esse país já teve, mas falhou nesse ponto. Primeiro que eu achei que ele poderia ter sido mais energico e reagido com mais decisão e não reagiu. Então acho que faltou um pouco de energia para ele. E nessa hora, que ele saiu do Brasil, antes de sair do Brasil, ele poderia ter falado: olha, acabou! Vamos todos para casa. Porque tinha muita gente que falava isso, mas não dá pra acreditar em muita gente. Então essa mensagem tinha que partir dele. Olha, pessoal, vamos parar. Eu fui algumas vezes também ali no Palácio da Alvorada. Então, às vezes, na hora que ia descer a bandeira ele sempre aparecia e sempre eu estava lá. E teve um dia, já nas vésperas, essa cena foi até bonita. Ele chegou lá com o segurança dele, com o assessor dele... Aí tinha uma garotinha que chorava assim aos prantos, uma garotinha de uns nove, dez anos. Aí ele chegou para o assessor e falou para buscá-la. Esse assessor, de roupa e tudo, entrou na água, atravessou o Lagunho e pegou ela no colo e levou para o outro lado. Ele abraçou ela e os dois choraram. Foi uma cena altamente comovente. Os dois choraram. Pô, mas nessa hora, ele não podia ter falado? Isso foi perto dele viajar. Ele não

podia ter falado para a gente: Olha, acabou. A gente não vai desistir da luta, mas essa manifestação aí de vocês... Então, eu tenho um pouco de magoa disso. Apesar que eu acho que, eu deixo bem claro, ele foi um excelente presidente. Pra mim foi o melhor presidente que eu já vi no Brasil. Acho que foi uma falha. Bom, eu vou dizer uma coisa. Os outros patriotas que fugiram. Alguns amigos meus fugiram para os Estados Unidos com medo. Eu não fiz nada e não vou fugir. Se vier o dia que eu seja preso, eu vou ser preso. Eu não fiz absolutamente nada. Nunca quebrei um vidro, nunca taquei uma pedra. Então, por que eu vou fugir? Eu tenho amigos que eles criticam muito o Bolsonaro por causa disso. Estão nos Estados Unidos e falam, ah, nós confiamos no cara errado. Não é questão de confiar no cara errado. Eu acho que ele se omitiu numa hora que ele deveria ter assumido. Falar, ah, vamos todo mundo embora. E eu acho que ele poderia ter sido mais inérgico e não foi. Eu às vezes vejo esse governo da Argentina e falo: O Bolsonaro não peitou o Congresso, não peitou como o Milei está fazendo agora na Argentina. Eu vi agora que fechou lá a Receita Federal lá da Argentina. Então, faltou também esse peito. Mas ele não foi um cara bom, foi um cara justo. Mas ele falhou, ele falhou nesse ponto.

Q5. Sim, eu estive lá quase todos os dias.

Q6. Olha, o clima lá era o clima mais sociável possível. Mais social possível. As pessoas tinham muita educação. Tinha muita gente que ia para lá para trabalhar. Então, por exemplo, ia manicure, ia cabeleireiro. Tinha muita gente que trabalhava até de graça. Fazia as coisas de graça lá. Mas tinha outros que o pessoal sempre tinha dinheiro para ajudar. Cortar a unha, ele pinta a unha. Uma organização. Muito organizado. Muito limpo. Todo mundo muito respeitador. Não vi uma briga sequer entre o pessoal. Não vi uma discussão sequer. Muita cordialidade. Então, o pessoal sabia se tratar. Às vezes tinha um desencontro de opinião. Mas é normal. Não chegava a ter briga. O pessoal não foi para isso. Eram várias tendas. Tinha tanta tenda que ficaram quase uma em cima da outra. Então, o pessoal ligava o geradorzinho. Tinha luz. Foi uma organização boa. O pessoal levava combustível, gerador. Todo mundo se ajudava. Eu não dormia lá. Eu não tenho condições. Na época, eu estava com problema crônico de coluna. Na época, eu andava lá todo curvadinho. Com muita dor. Mas mesmo assim eu ia. A organização lá era uma coisa espetacular. Era um ambiente familiar. Tinha criança. Eles brincavam de jogar bola. Tinha o pessoal que ia namorar também tinha. Sim, sim, sim. Tinha, mas faz parte do ser humano. Quem não gosta de namorar. Então, faz parte. Aí, o pessoal saía, dava uma escapadinha. Pegava o carro, ia no motel. Depois voltava. Chegava, com o cabelo molhado. Eu tinha muito isso. Mas, faz parte, né? Não vou dizer que todo mundo era santo. Não. Todo mundo era humano. Mas, assim, humano, respeitador. Eu não vou dizer que os

religiosos faziam isso. Acho que até que não. Mas, tinha muita gente que também gostava de religião, que era crente, era católico, que fazia.

Q7. Não, a censura eu não senti. Não fui censurado. A minha mulher falava: cuidado aí, se você se meter nisso aí, daqui a pouco você vai ser preso. Foi ela quem mais me censurou. Mas ela também participava comigo. Não tenho o que reclamar dela. Foi uma companheira assim de primeira. Mas ela ficava preocupada. Ficava com medo. Porque estava todo mundo sendo preso. Então, eu diria que eu me auto-censurei. Parei de postar algumas coisas. Apaguei algumas coisas. Ela falou, apague as fotos. Eu falei, não vou apagar não. Apaguei algumas, mas não apaguei todas. Eu mantive muitas fotos. Eu me senti impotente. Totalmente sem força. Porque eu me senti totalmente injustiçado. Porque, pelo que eu presenciei ali, não poderia nunca ter um desfecho daquele. Aquele sentimento de injustiça, né? E sem contar também aquele problema que eu te falei, eu ficava preocupado com o pessoal. Quem será que foi preso? Os nossos amigos foram presos. Aí depois eu liguei para alguns amigos para conseguir fazer um churrasco em casa. Eu falei, vamos fazer um churrasquinho aqui em casa. Eles viram ali a turma e reunimos todo mundo. Foi só uma vez. Só para matar o saudade. Mas eu me senti totalmente impotente. Querer fazer alguma coisa e não sabia o que podia ser feito. E eu acho que, naquele momento, nada poderia ser feito. Nem quem podia fazer, não fez. Então, eu me senti totalmente impotente. Depreparado. É triste. Eu tinha um amigo gaúcho. Ele era amigo mesmo. Eu gostava muito dele. Ele era assim mais ativo. Então, eu sei que ele estava lá porque ele era super ativo. Como ele era ativo, ele participava de tudo. Estava sempre à frente. Ele falava muito. Ele gritava. Eu não conseguia gritar muito. Então ele falou: eu vou fugir! Ele conseguiu fugir. Aí fugiu e saiu até do Brasil. Foi para o Uruguai. O Uruguai, não sei. Não sei se foi no Uruguai ou no Paraguai. Foi em um país assim perto do Rio Grande do Sul. Porque ele era do Sul. E aí a mãe dele faleceu e ele deu a bobeira de ir lá. Aí foi preso. Estava preso lá em Santa Maria. Eu sei muito sobre a família dele. O cara super era meu amigo. Eu fico assim: o que eu posso fazer para ajudar? Eu já conversei com vários advogados. Eles ficaram de verificar lá, parece que não tem nem processo contra ele.

Entrevista 07

Q1. É muita gente pensando numa coisa só, o que era o correto. Um momento de muita angústia, de tristeza. Indignação.

Q2. Então, eu sinto que nesse momento nós estávamos falando, fazendo o que era o correto, entendeu? E quando a gente vê a imagem assim, é muita gente pensando numa coisa

só, pensando numa coisa certa, é muita gente pra fazer coisa errada. E o errado é como se você apertasse um parafuso. Não dá pra você, essa quantidade de pessoa aí tá invadindo um certo lugar. Dez pessoas dessas daí tem que ter um bom senso, tem que ter uma lógica. Não existe isso aí não, sabe? Pra as pessoas estar falando que a gente estava fazendo uma coisa errada, que a gente invadiu, não foi bem isso aí. Porque isso daí, eu acho que até quem... Será que é um sargento? Olhando assim, a gente acaba conhecendo... Você tem noção aqui, já reconheci quatro pessoas. Pois é, é um momento de muita angústia, de tristeza. Porque a gente acreditou que ia dar certo, acreditou que tava fazendo o certo. E a gente não teve apoio. É um momento de revolta, mas é muita gente pra fazer as coisas certas. Pode ser que ele tá errado, moço. É como se você tivesse me falado assim que tá todo mundo de vermelho, e eu tô vendo todo mundo de amarelo. Não faz sentido. Eu não sei expressar a minha indignação nessas coisas aí não. Primeiro porque isso aí, ó, não está sendo invadido. Porque são pessoas sensatas, pessoas direitas, pessoas trabalhadoras, pessoas que têm família, que sabem que vai vir uma consequência se for invasão. Todo mundo tem avô aí, ó, tem gente que tem neto. Não ia invadir um lugar público sabendo que vai vir a consequência depois. Foram abertas as portas e as pessoas poderiam entrar e se manifestar, como foi feito na câmara quando o índio foi preso, como foi feito lá no aeroporto. Foi aberto as portas e as pessoas entrou. E a gente tomou lugar. O meu sentimento é que nós, brasileiros, não valem mais nada. Que não existe constituição, que não existe lei. E que a nossa fala não se vale de nada mais neste governo. E que o ser humano não respeita mais ninguém. Ninguém respeita ninguém. E você não pode falar que você é da direita, que você é da esquerda? É como se você falasse que você é preto e outro é branco. Se você fala que você é da direita, lá vem. Pode ser comparado com o racismo, que você é louca, que você é doida. É isso. Então, pra mim, depois daquele dia lá, eu quase que eu pirei. Eu falei, quase que eu não sabia quem eu era. Quase eu pensei, gente, quem eu sou? Por que que eu ensinei os meus filhos a fazerem aula cívica e pegar o livro? Aqueles livros didáticos que a gente pega na escola, que eles dão pra gente, atrás do livro não tem o hino nacional, o hino da Bandeira. E eu falava pros meus filhos, vocês têm que aprender o hino nacional letra por letra. Não é pra ir lá e falar assim, igual a gente já ouviu muitas vezes, nem cantar errado a gente não sabe. E aí eu falava, vocês têm que falar as palavras corretas. Já que vocês não conseguem ouvir, então vocês vão ler. E os meus filhos, o quê? Oito anos mesmo eles já sabiam cantar o hino nacional. Eu falei, será que eu fiz errado? Os meus filhos podem ouvir o hino nacional onde quer que estejam. Bate continência e fica lá, paradinho. Porque foi isso que eu aprendi. Você é brasileiro, você tem que amar o seu país. Você tem que respeitar a bandeira

onde quer que ela esteja. Tem que saber por que uma bandeira tá até lá em cima, por que ela tá meio astro. Aí depois eu vou lá e falo assim, meu Deus, eu aprendi tudo errado. Quem que eu sou? O que eu tô fazendo aqui? Aí eu me vi perdida. Naquele tempo eu tava muito desesperada. Eu acreditei que a quantidade de pessoas que estavam falando a mesma linguagem e estavam no mesmo foco, mesmo objetivo, era coerente. Porque se eu não gosto do seu cabelo ruivo, é um problema meu, é um sentimento meu e é um direito meu. Mas se 10 pessoas falam, você tem que respeitar porque ela é um cabelo diferente. Então eu tenho que estar com essas 10 pessoas, mas eu não quero estar com você porque seu cabelo é ruivo. Só que eu sou minoria. Eu tenho que respeitar, então você tem que ir pro grupo. Então foi o que eu imaginei. Se nós éramos maioria e nós não queríamos que o Lula subisse a rampa, o Congresso tinha que aceitar. Se nós éramos maioria e a gente não aceitou que a eleição foi correta, que teve muitos equívocos, foi mostrado, foi provado muita coisa e mesmo assim a maioria não prevaleceu, mesmo assim as provas não valeram, não vale nada mesmo não, o sistema manda e acabou. E aí eu falei, não tem política, tem sistema. Missão dada, missão cumprida.

Q3. Olha, literalmente, por mais que estivessem feito aquilo tudo que fez, se eles fossem errados, porque destruíram as coisas, eles são seres humanos, eles são cidadãos e não mereciam ser feitos da forma que foi feita. Porque todo cidadão tem direito da sua fala, tem direito das suas vozes. E neles não tiveram direito, todo mundo foi recolhido e foram colocados em um lugar sem direito a se defender, porque eles não tiveram, porque quando eles entraram no ônibus, quando eles entraram no ônibus, avisaram que iam pro QG e depois quando foram pro QG na segunda-feira que eles foram presos lá nos estádios, nos estádios de escola, né? Quando eles foram presos lá, a tortura foi lá. E nós sabemos porque as pessoas mandavam os áudios, mandavam os vídeos e eles estavam sem água, sem comida, entendeu? Então ninguém merece ser, por mais que uma pessoa seja errada. É igual eu falo para os meus filhos, todo estuprador tem uma mãe, todo assassino tem uma mãe, todo vandalismo também tem uma mãe. Então, o policial também tem uma mãe e quantos policiais não estavam lá no dia 8? Quantos pais e famílias não estavam lá no dia 8? E todo mundo foi tratado como se eles não tivessem mãe, não fossem seres humanos. Foi muito feio aquilo. E eu falo assim, olha, não dói imaginar um homem de 60 anos estuprando um bebezinho de 5 anos? Não é feio? Mas esse homem de 60 anos merece ser algemado? Merece ser amarrado nas pernas? Merece ser arrastado no meio da rua passando vergonha? Merece ser colocado num lugar assim para ser exposto? Não. Não, ele tem o defeito dele lá. Ele é o estuprador, ele estuprou um menino de 5 anos? Estuprou. Mas ele tem o direito dele se defender também, porque só Deus pode julgar os outros. E eu sou ser

humano, eu sou um cidadão. Eu merecia estar falando, porque eu estou falando pela minha pátria, eu estou falando na Constituição, eu estava no meu direito. Por isso eu não acho que foi justo, eu nunca vou concordar da forma que foi feita aquela apreensão, da forma que eles paralisaram as pessoas. Primeiro porque para nós sairmos do QG, para ir para a esplanada, nós estávamos combinados de ser escoltados. Tanto que nós fomos escoltados. Ninguém foi com vandalismo. Porque era combinado. Nós tínhamos uma autoridade. Tinha uma pessoa que não é que era nosso líder, mas ele falava, vamos todo mundo assim na fila, tudo bem? Todo mundo foi na fila. Vamos ver se a polícia acompanha a gente até lá. A polícia acompanhou a gente até lá. Então, como é que depois eles vão tratar... Eu falo a gente porque eu só não fui exatamente no sábado. Eu só não fui exatamente no sábado. Mas a minha barraca estava para lá, para a esplanada. Porque nós íamos acampar lá no... Se não tivesse acontecido o que aconteceu, nós íamos acampar lá naquele gramado da explanada. Nós íamos acampar lá. Minha barraca foi para lá. Meus pertences foram para lá. Só eu que não fui. Mas até na sexta-feira, nós tínhamos horário para sair. Nós tínhamos um ponto de referência para ficar. Tudo com ordem da polícia e do exército. Aí como é que o exército vira as costas para a gente? A polícia fala que a gente estava no vandalismo? Se eles mesmos escoltou a gente, fez o trajeto. Eles mesmos fizeram o trajeto. E depois vão dizer que nós éramos vândalo. Não concordo. Eu simplesmente falo mesmo. O sistema meteu os pés pelas mãos. A justiça de Deus não vai tardar. Está cobrando. Nós estamos vendo aí que está cobrando. E muita gente, graças a Deus, já foi solta. Mas muitas pessoas ainda estão lá pagando. Muitos idosos também já estão em casa. Graças a Deus que a gente conhece. Outras pessoas a gente já perdeu também. Mas Deus vai fazer a justiça. Não concordo com o jeito que eles foram tratados. Por mais errado que foi feito. Eu mesmo falo, se eu estivesse lá... Você pode estar gravando. Se eu estivesse lá, a porta do Alexandre de Moraes tinha sido minha. Igual aquela pessoa que arrancou a porta do Alexandre de Moraes. Foi muita maldade o que eles fizeram com o povo. Então, se eles não respeitam o povo, quem são eles para não fazer alguma coisa? Foi isso que eu fiquei contrariada. Como é que não existe uma lei? Existe a Constituição e não obedece. Olha, eu não gosto de gente de cabelo ruivo. A Constituição fala que você tem que gostar de pessoa de cabelo ruivo. Eu vou bater de frente com a Constituição? Eu não vou, cara. É lei. Eu tenho só que obedecer. Eu não tenho que achar nada, não. É lei. Obedece. A maioria da população não aprovou isso aqui. A Constituição estava amparando a gente. Mas o sistema não. É que na verdade nós somos cidadãos, e os terroristas é quem não foi pra lá, tinha vontade de ir e não teve atitude, esses eram os terroristas, sabe. terroristas é aqueles que falavam bem assim, é uns loucos, o que esse povo tá fazendo lá? Ah,

mas eu sou da direita, mas aí apoia quem é da esquerda e faz as coisas erradas, mas não tem atitude, porque eu falo, meu CPF tá aí, Alexandre de Moraes, faça a sua justiça se você acha que tá certo. Eu fui, eu fiquei e faria de novo, só que dessa vez ainda faria melhor ainda, dessa vez ainda faria melhor, não me arrependo e não tenho vergonha de ser quem eu sou hoje e de quem eu fui lá nesse dia 8 de janeiro, não tenho. No dia 8, eu não estive na esplanada, porque nós estávamos programados pra acampar na esplanada, nós já tínhamos um grupo, nós já víamos a semana conversando, porque nós íamos no domingo acampar na esplanada, então o que que eu fiz? Como a gente já tinha muitos dias que estava lá, acho que eram 3 meses que a gente estava lá. 68 dias. Assim, eu sei que foram muitos dias, e aí eu já tinha tudo, a minha barraca ela tinha banheiro, tinha quarto, tinha sala e tinha cozinha, pra você ter noção como que eu já estava bem adaptada lá. Então eu já tinha muita coisa, já tinha muita roupa, porque eu não vinha em casa, mas meus irmãos levavam, as pessoas doavam, porque teve umas 3 chuvas que a gente perdeu literalmente tudo, roupa, porque não tinha como secar nem, os colchões não tinha como secar, então a gente já tinha adquirido muitas coisas lá. E aí no sábado, eu vim aqui pra Planaltina de Goiás, pra nós voltarmos, e veio eu, mais umas 3 pessoas que vieram no sábado também, de caravana, do Rio de Janeiro, e eu acho que do Pará, e nós sempre fomos muitos hospedeiros, lá no acampamento e quem tem casa próxima também fazia essa parte. E aí nós viemos, e o que aconteceu? A gente almoçou no domingo e dormiu, e quando a gente foi acordar, era 4 horas da tarde, porque já tinha muito tempo que a gente não tomava banho de chuveiro, já tinha muito tempo que a gente não dormia numa cama mais confortável, que a gente não estava preocupado, porque nesses últimos dias estava tendo muita invasão nos acampamentos, então a gente dormiu e se relaxou, descansou, só que a gente relaxou demais, isso foi o Espírito Santo que protegeu a gente, porque nós estávamos vedados, e a gente ia fazer as mesmas coisas que as pessoas lá fizeram, que dizem que eram pessoas erradas. E aí quando a gente acordou, nossa já era 4 horas, que a gente liga pros nossos colegas que estão lá, e aí eles começam a mandar vídeo, a gente entra nos grupos e vê o terror, então as pessoas pediram pra que nós não fosse, que nós permanecesse, e depois na segunda-feira, conforme fosse o que desse, nós íamos e se juntava com o resto das pessoas, que aí não deu pra entrar mais no QG, porque no domingo à noite eles já tinham fechado o QG, e na segunda ninguém saía, ninguém entrava mais.

Q4. De quem estava lá dentro, que mandou nós entrar? Eu digo nós porque... Eu não estava, mas eu podia ter entrado lá também se eu tivesse ido, né? Porque foi autorizado. É porque mandaram apagar os vídeos também, né? Mas não invadiram. Abriam as portas,

entendeu? E esse comandante que abriu a porta, ele tem um superior. E esse superior tem o Lula. E o pessoal do Lula, e o Lula mesmo, mandou o povo entrar. Agora, como é que o Lula estava em outro lugar se o Lula estava lá? Como é que o Lula autoriza o pessoal a deixar nós entrar lá dentro? Que depois que a gente está lá dentro e começa a entrar e querer apaziguar a situação. Porque os bandeneiros, os bagunceiros estavam junto lá com a gente, né? Quando os bandeneiros começaram a fazer as coisas, as pessoas sensatas iam lá e arrumavam e pediam calma isso e aquilo. Sabe o que acontece? Tinha mais pessoas do mal do que pessoas que queriam fazer as coisas certas. E isso ninguém contou. Eu fiz café com a pessoa quase 15 dias e ela era do mal. Lá no QG. É os infiltrados. Isso mesmo, os infiltrados. Lá na minha barraca a gente fez café com o pessoal lá de um lugar longe, lá do Pará também. Que vinha muita gente, era do Pará mesmo. E aí, a gente ficou cuidando dessa família, desse povo. Só que esse povo era tudo infiltrado, eles eram tudo do mal. Essa moça mesmo que estava com a bandeira assim, ela estava na nossa barraca, ela estava lá no QG com a gente o tempo todo. E ela era do mal. Porque a gente vai ver as redes sociais dela antigas, ela sempre foi petista. Por isso que a gente já ficou triste. A minha irmã mesmo. A minha irmã votou no Lula, mas não votou na Dilma, né? Aí agora ela votou no Bolsonaro, daquela época ela votou no Bolsonaro e não aceitava as coisas do Lula. Tá, beleza, mas vamos lá ver a atitude que a minha irmã vai ter. Um dia você foi petista, você dá conta de ser hoje uma pessoa distante desse governo? Essa moça, os áudios que a gente viu lá no celular, que a gente prendeu ela lá no QG também. A gente prendeu ela lá no QG. E ela fez uma bagunça lá, terrível, que os colegas dela lá foram salvar ela. Tipo assim, um povo que era errado, né? A gente não aceitava que beber lá, o pessoal lá do Pará que veio com eles, eles bebiam. E aí não podia beber, eles bebiam só pra fazer confusão, sabe? Não podia fazer festa, não podia ligar som, música, eles faziam música. E essa moça sempre tava colocando o povo pra fazer as coisas erradas. Esse que eu vi também na foto do chapéu, ele era do errado também. Ele era errado. Ele era errado. Ele era muito colega nosso lá. A gente tem que dar de César o que é de César. Essa mulher ela era, ela podia ter votado sim no Bolsonaro, foi por isso que a gente aceitou ela. Por isso que a gente aceitou as outras pessoas. Mas depois eles mostraram quem realmente eles eram. Eles sempre foram do PT, eles não conseguiram se libertar do PT. Então tem uns antecedentes assim, é igual eu. Eu não sou filha de militar, mas eu sou da família de militar. Meus irmãos, só pra você ter uma ideia, eu tenho oito irmãos e sete irmãs. Meus irmãos quase tudo é militar. Aí eu vou falar, eu vou ser pelo errado? Não dá não. Aí quando você vê umas coisas assim, que parecem com a sua convivência, que parecem com o seu caráter, você tira de letra. Porque nada da ignorância do Bolsonaro não é o que eu não

vivia. Nada das palavras que ele falava, que o pessoal falava que ele era ignorante, que ele era muito sério e isso e aquilo, não é o que eu não vivia. Aí o pessoal, a gente brincava muito, né? Quando a gente foi pedir voto pra Bolsonaro no segundo turno. Ah, como é que você... Então não vota no Lula porque o Lula é ladrão. Aí eu falava, então tá, então toda polícia vai ter que votar na polícia, mas também tem polícia ladrão, como é que faz? Aí a gente brincava muito isso na política, né? Ah, não vou votar no Lula porque ele é ladrão. Então a minha fala era, pelo que eu sei, Bolsonaro também não presta. Mas o antecedente dele não tem lá, ex-presidiário. Então eu não desejo pro meu país um presidente ex-presidiário. Pra mim isso aí já pesa. E aí o pessoal caia matando, brigavam com a gente, porque a gente pegava pesado isso aqui e falava, pois é, vocês têm que procurar aí nos antecedentes. Os petistas, todos ex-presidiários. Aí você vê lá no Ministério, o pessoal da equipe do Bolsonaro, tudo certinho naquelas porras lá. Mas foi isso, não concordava muito não. E quem fez, quem é responsável desse negócio aí, foi o Lula. Ele avisou e o povo foi e fez. Tanto que as polícias, cara, você podia ter noção, as polícias batiam nas pessoas do PT. As polícias batiam. Nós estávamos num grupo assim, caminhando, que as meninas mandavam o vídeo. E aí os petistas ficavam perturbando. Você estudou na UNB? E o pessoal da UNB, que hoje tem suas exceções, mas é onde se perde, muito igual o Nikolas fala, igual meus professores que eu tive outros dias falam, que lá na UNB é onde que é a escola das coisas erradas hoje. É lá que você aprende o que é errado. Minhas professoras falam isso também. Lá você tem muita oportunidade para fazer o que não presta. Porque lá é tipo um oba-oba, ninguém mais quer fazer o que é coerente. Vocês recebem o que tem que fazer o que é certo. Mas não é todo mundo que faz mais não. Aí nós andava o lado certo e os estudantes da UNB vinham falando merda, as polícias batiam em quem? Nos estudantes. As próprias polícias. Eles defendiam a gente. Mas aí o Lula mandou fazer e eles simplesmente executaram. Executaram. E nos vídeos mostra muita polícia ajudando os patriotas, como eles falavam, ajudando os patriotas lá, não fazendo maldade. E quem liberou para o povo entrar foi o próprio governo mesmo. Não foi o policial, aquele que estava de férias e depois disse que ele que tinha que ter mandado, não foi ele nada não. Não foi. Porque na sexta-feira um comando, eu acho que eu tenho até o vídeo ainda desse homem que foi lá na sexta-feira falar para a gente que nós íamos no domingo. Eu acho que um comandante, não sei o que lá foi, ele autorizou nós. Não precisa ficar preocupada. Não é como hoje, moça. Isso aí eu acho que vai levar para o resto da minha vida. Eu fui autorizada a entrar, e nós saímos do QG pra ir pra lá. Isso veio das Forças Armadas, essa autorização veio das Forças Armadas. Esse projeto, assim, de nós saímos do QG, pra gente desocupar o QG, veio das Forças Armadas. Mas nós é que não pensou,

nós não prestou atenção. Porque se nós ficássemos lá, nós podíamos ficar lá o tempo que fosse necessário, que as Forças Armadas não queriam tirar nós. Mas aí quando o governo falou, se a gente colocar essa manada toda lá, a gente consegue fazer uma revolução, e aí todo mundo vai ver eles como errado. Aí acaba com essa palhaçada. E foi o que aconteceu. A gente foi igual um bando de boi. Se nós tivéssemos ficado quietinhos lá no QG, rapaz, que tinha sido diferente. Talvez o Mansk lá, aquele homem lá do X, tinha ajudado nós.

Q5.Sim. Do primeiro dia até o último.

Q6. Quando a eleição... Foi dia 3, ou não sei se foi dia 5. Mas a eleição foi no domingo, né? E aí, quando eu retornei pra minha residência, porque eu tava na rua, né? Aí quando eu voltei pra minha residência, que saiu o resultado, que não era o resultado meu esperado, e nós tínhamos trabalhado muito, e era nítido a vitória. Era quase que impossível não ter aquela vitória. Aí naquele momento, eu já comecei a ficar frustrada, decepcionada, triste. Uma vizinha minha me ajudou, eu sou muito grata a ela, porque ela me ajudou a sair de dentro da minha casa. Porque até então eu tava com vergonha de sair de dentro de casa, porque a gente perdeu feio, porque foi roubado. A eleição foi roubada. E aí a minha vizinha veio chacotar na minha cara, na porta da minha casa, né? Aí ficava me mandando mensagem. E aí eu arranquei aquele negocinho no guarda-roupa, onde a gente coloca a calça pendurada, tem um varãozinho, e eu fui na casa dela e dei uma taca nela. E aí eu falei o quê? Eu vou ficar aqui não, porque se eu ficar aqui, eu vou matar esse povo. E eu vou ser presa? Meu presidente falou, eu preciso ser morto por outro motivo, menos ser presa. E aí eu fui pra Esplanada, porque até então, todo mundo tava indo pra esplanada, pro QG, pra esses lugares. Até chegar lá, porque tava chovendo muito.

Não, não, não, calma, volta só um pouquinho. Você bateu na sua vizinha porque ela era petista?

Bati. Era. Aí ela ficou rindo da minha cara. Aí ela ficou mangando de mim. Aí eu pensei, se eu ficar aqui, vão vir outras pessoas mangar de mim, e eu não vou ter o meu controle. Eu vou bater nesse povo. Quer saber? Eu vou me juntar com esse povo, que acredita no mesmo que eu. E deixar esse povo do PT aqui. Lembro uma vez que o Bolsonaro falou, se tivesse como dividir o país assim (vestical), era melhor, porque aí os nordestinos ficavam pra um lado, e a gente ficava pro outro. Mas como é assim (horizontal), não dá pra dividir. Foi o que eu pensei, eu falei, eu vou deixar o povo que acredita. Porque o meu bairro era muito petista. Eu vou deixar esse povo aqui e vou me juntar com o meu povo. E eu fui pra cidade de Formosa. Não sei se tu chegou a ver uma vez um meme que teve, que a gente ficava passando na faixa de pedestres,

pra fazer a paralisação. A gente ficava, né, porque os carros não queriam parar. E aí a gente pensou, vamos parar na faixa de pedestres. Vai um tanto de gente pra lá e um tanto de gente pra cá, porque eles são obrigados a parar na faixa de pedestres. Foi onde a gente começou a mobilização na cidade de Formosa. Aí depois, nós fomos pra Esplanada, eram umas duas horas da manhã. Aí na esplanada já tinha uma quantidade de gente boa. E eu tava com uma mochila, um agasalho e um lençol. Não sei o que foi Deus que mandou eu levar aquele lençol. Um cobertor desses de flanelinhas. E aí quando a gente chegou na Esplanada, que a gente já tinha feito, isso eu fui sozinha. Meu filho ficou em casa. E eu tava trabalhando na época. Eu esqueci, eu não quis ir trabalhar mais também. Eu trabalhava na época. E aí a gente fez amizade com o povo, e fomos todo mundo pra esplanada. Foi uma quantidade pra Esplanada, e outro pessoal ficou lá fechando as entradas das cidades. Você lembra disso? Que a gente foi fechando as entradas da cidade. Quando chegou lá no QG não tinha nada. Tinha aqueles bancos lá pra gente sentar. Tinha banco só. E a gente fez o quê? Ficou sentada no banco. E aí foi cair a ficha pra gente. Meu Deus do céu, e agora a gente vai comer o quê? Quando a gente chegou, acho que éramos 10 pessoas. Lá no QG. Aí não tinha o que comer, não tinha nada. E aí o pessoal de outra cidade, acho que é Guará. Sei lá, uma cidade bem pertinho ali do QG. Aí levou lanche pra gente, pão, pra essas 10 pessoas que estavam lá. Eu era uma dessas pessoas. Aí foi chegando gente, que a gente foi fazendo vídeo com as outras cidades e foi chegando gente, né? E aí as pessoas começaram a vir com barraca. Aí coloquei alguma barraca. Aí no quinto dia, no quinto dia já tinha muita barraca. E eu, no segundo dia, eu consegui ficar com uma pessoa em uma barraca. Porque no primeiro dia eu dormi no banco e parece que foi a melhor cama que eu já dormi. E nem choveu nesse dia. E tava chovendo. Era chovendo direto e nesse dia nem choveu. Aí eu dormi no banco mesmo. Aí no terceiro dia eu já tava dentro de uma barraca. E depois os empresários dos outros lugares, sabe? Eles alugavam aquelas barracas grandonas, brancas. E eles, tinham grana, né? Eles alugavam aquelas tendas lá e deixavam lá pra gente. E aí a gente ficava dividindo lá dentro com as barracas. E aí foi assim, construindo a cidade do QG. Foi construindo a cidade do QG lá. E aí as pessoas passavam de manhã... As pessoas que moravam lá próximo levavam pão pra gente, levavam café. Essas pessoas que trabalham... Por exemplo, meu filho trabalha lá no QG. Faz um exemplo, né? Que algumas mães tinham os filhos que trabalhavam lá. E aí os filhos iam entrar de plantão, levavam café pra gente, comida, essas coisas. E depois, assim, muito tempo, quase uns 15 dias depois, a gente conseguiu que outras pessoas, cozinheiras, essas coisas assim, fizeram uma cozinha num galpão enorme que tinha lá. Aí aquelas pessoas eram de outros lugares, ficaram voluntárias lá. E aí chegava comida de

outros estados. Foi chegando caravana. E o pessoal que tem muito dinheiro, porque eu vi quando o índio foi preso, empresários, ó, que tinham dinheiro. Eles colocavam dinheiro assim, ó, pra pagar as contas dos índios. Remédio, comida, essas coisas pros índios. Eles tinham dinheiro. Então eles sempre ajudou. Eu tô gorda hoje graças ao QG. Eu perdi um quilo do que eu ganhei no QG. Porque lá tinha só gente que tinha muita condição. Esses empresários, o povo que... Tanto que o rapaz que ficou lá em casa, que também não foi preso, ele tinha negócio de porco lá numa cidade, lá do Pará. Ele que matava os porcos, mandava pra Brasília. Um negócio de figurifico de porco. Ele tem muito dinheiro. Muito dinheiro. Mas lá todo mundo era igual. Todo mundo era igual. Eu não sei que religião que você é, mas um dia você já ouviu falar, nem que seja num filme ou desenho, sabe a Terra Prometida? Você sentia lá... Você pode perguntar pra quem você quiser. Quem passou lá, quem viveu lá, quando entrava lá, sentia umas energias diferentes. Sabe? A gente tinha uma paz, uma certeza, uma tranquilidade. E lá tinha de tudo quanto era religião. Todo mundo tinha seu momento. Da igreja católica tinha um momento. Só que os povos da católica, eles rezam toda hora, né? Acabam uma hora e rezam outra hora. E os crentes tinham... Os crentes que tiveram... O crente que era pastor, né? Os protestantes. Eles tinham os momentos de fazer o culto também. Todos os dias tinham o culto. O pessoal da igreja... Não estou falando mal, mas eu não sei como é que eles... Mas o pessoal da macumba, sabe? Tinha o negócio deles também, de acender vela, de fazer as coisas deles. E nós estávamos onde? Todo mundo no mesmo lugar. Todo mundo junto. Todo mundo comendo a mesma comida. Todo mundo abençoando as mesmas coisas. E todo mundo pedindo para Deus. Você acredita num Deus católico, num santo? Você acredita num Deus que é do céu? Ou tu acredita num Deus de um capeta? Ou tu acredita num Deus de guia? Mas todo mundo estava junto. Todo mundo respeitando todo mundo. Parecia... Eu ainda falava bem assim, gente, nós fomos arrebatados e estamos na terra prometida. Posso ter certeza. Porque é um lugar onde a gente não paga para comer. Onde a gente não paga nada. O pessoal dava dinheiro lá para comprar uma gasolina para a gente não ficar sem internet, porque a gente usava a internet do exército, né? Do quartel lá, aquele negócio lá. A gente usava lá. A gente tinha internet para poder se comunicar com os parentes. Não estou falando mal, mas eu não sei como é que eles... Mas o pessoal da macumba, sabe? Tinha o negócio deles também, de acender vela, de fazer as coisas deles. E nós estávamos onde? Todo mundo no mesmo lugar. Todo mundo junto. Todo mundo comendo a mesma comida. Todo mundo abençoando as mesmas coisas. E todo mundo pedindo para Deus. Você acredita num Deus católico, num santo? Você acredita num Deus que é do céu? Ou tu acredita num Deus de um capeta? Ou tu acredita num Deus de guia? Mas todo

mundo estava junto. Todo mundo respeitando todo mundo. Parecia... Eu ainda falava bem assim, gente, nós fomos arrebatados e estamos na terra prometida. Posso ter certeza. Porque é um lugar onde a gente não paga para comer. Onde a gente não paga nada. O pessoal dava dinheiro lá para comprar uma gasolina para a gente não ficar sem internet, porque a gente usava a internet do exército, né? Do quartel lá, aquele negócio lá. A gente usava lá. A gente tinha internet para poder se comunicar com os parentes. Tinha luz lá. Água era escassa, mas tinha um lugar lá onde eles davam água para a gente, para a gente tomar banho, para a gente beber. O povo não deixava a gente sem água mineral. Então era a terra prometida. Tinha as dificuldades? Tinha, mas era perfeito. Era bom. Tinha os horários de comer, de dormir, de acordar, de fazer as atividades, que também não podia deixar os lugares sujos. Tinha um horário para nós ir orar para Deus abençoar a nação. Entendeu? É, foi uma... Eu levei muito para a minha vida isso aí. Porque independente da sua crença, se a gente tiver no mesmo propósito, independente de quem você acredita, moço, Deus escuta. Deus escuta. E foi muito bom essa experiência espiritual. Teve uns momentos, nesses últimos dias, estava tendo muita briga das pessoas erradas, né? E eu ficava, porque eu que morava mais distante do QG, então não compensava eu vir em minha casa e voltar. E aí falavam bem assim, tu não tem medo de dormir aí sozinho nessa barraca e alguém aparecer aí e fazer alguma coisa com você? Eu falava, aqui os guardas passam de manhã, de tarde, de noite, de madrugada e aí da outra hora passam de novo. Não dá tempo nem de você pensar entrar na barraca dos outros, porque os guardinhas já estão passando. O pessoal que trabalhava lá de plantão, né? Eles cuidavam muito da gente. Quando o pessoal começava a beber, dois minutos eles já estavam lá pedindo pra as pessoas se comportar, para as pessoas não beber, porque poderiam se alterar. E aí eu falava, eu não tenho medo de dormir aqui, não tenho. Primeiro porque se alguma pessoa do mal vir fazer alguma coisa comigo, é por pouco tempo que rapidinho a polícia chega, que no caso eram os soldados lá, né? Lá era muito protegido mesmo, muito cuidado. As pessoas mesmo também se cuidavam umas das outras.

Q7. Até hoje eu não confio mais. Não confio. Não confio porque o governo é quem podia me defender. Se eu precisasse de uma polícia na minha casa, eu ia confiar que a polícia ia vir me proteger. Se eu precisasse de ir num ministério, num governador, o pai do meu filho não pagou a pensão, eu confiava. Mas eu não confio mais hoje. Eu não confio nas Forças Armadas. Salve a nação, Forças Armadas, não é verdade isso. Não é. Exército não é verdade mais. Não é. Então, nessa daí, meu coração é traquelado. Não confio mais no governo, não confio mais nas Forças Armadas, não confio mais na polícia. E quando terminou isso tudo, no dia 8, muitas pessoas falavam pra eu apagar as coisas, pra eu tirar as coisas, mas eu fiquei muito

abusada. Eu falei, eu não pq nem em outro país eu vou deixar de ser quem eu sou, porque eu nasci, me criei e eu sou brasileira. E eu sou brasileira e eu tenho vergonha dos governantes do meu país. Eu tenho vergonha deles, mas eu não tenho vergonha de quem eu sou, de onde veio o meu caráter. Eu não tenho vergonha dos meus antecedentes, dos meus pais, dos meus avós, sabe? Dos meus irmãos, de quem eu sou hoje por causa deles. Isso eu não tenho vergonha e nunca deixei de postar, nunca deixei de dizer que eu sou do lado certo. Porque as pessoas falam, ah, mas qual é o lado certo? Por que você fala que um lado é certo e o outro errado? Eu falei, aperta um parafuso e me fala qual é o lado que aperta. Agora me diga qual é o lado que fica folgado. Aí você me diz qual é o lado certo. Se você vai botar um parafuso na parede e a brocha fica folgada, vai segurar o que? Vai sustentar o que? Agora aperta para você ver. Porque no nosso governo nada era fácil não. Era o certo pelo certo. Como é que você coloca uma ministra, professora, ministra da saúde. Ah, professora fulana de tal. Ah, mas se ela é professora, o que ela está fazendo? Ministra da Saúde. Não é assim? Como é que você coloca um secretário de educação física para ser ministro da segurança? O cara entende de futebol. Por que ele está lá no negócio de segurança? No tempo de Bolsonaro foi a primeira vez na minha vida de 47 anos que eu vi cada ministro no seu devido lugar. Você é professora, você entende da educação, você se formou nesse negócio de educação, então você é ministra da educação. Você é médica, você trabalhou na área da saúde, então você é ministra da saúde. Aí eu me confundia, eu falava assim, não aceito isso. É tudo errado. Por isso está tudo folgado. Esse governo aí, olha, é tudo oba-oba. Mas eu nunca tive vergonha. Eu até entrei na política esse ano, que na minha cidade teve política, e eu fui para a política e o pessoal falava assim, tira esses negócios do Bolsonaro, porque você não pode falar que você é da direita ou você é da esquerda, porque vai dar ruim. Eu falei assim, cara, na moral, se eu tivesse condições, a minha música seria aquela do Bolsonaro lá do da favela. Lembro dessa música, mas eu não tinha direito. Mas o meu número da chapa era 22. Eu nunca tive vergonha, não. Muitas pessoas ficavam tentando me menosprezar, tentando me diminuir, né? Ah, agora você vai ter que engolir. Aí eu faz o L, porque tá cedo. Amanhã a gente conversa. Cês tão chegando agora. Quando o dinheiro que o meu presidente deixou guardado pra vocês gastar acabar, aí vocês conversam comigo. Aí enquanto isso, faz o L, vai comendo a picanha aí. Aí eu falava, né, com as pessoas. Porque eu fazia churrasco na minha casa todo dia. Todo dia. E eu não sou cachaceira, não, porque quem é cachaceira é quem fabrica a pinga lá. Eu gosto de beber porque eu tenho dinheiro. Porque eu não vi um pobre sem emprego. Aí o pessoal falava, ah, agora vai e faz churrasco, porque agora eu não faço mesmo, não. Agora eu tô pobre. Por causa desse governo, o emprego ficou difícil.

As condições de comprar as coisas ficou difícil. Mas assim, eu acho que o Bolsonaro não teve coragem. Ele não teve força. Na última semana, não. No dia que ele teve que viajar pra outro país. Naquele dia que ele viajou, que acho que era a posse do Lula por escrito pra depois ser oficial, né? No dia que o Lula assinou o papel lá que ele era o presidente. Aí ele passou lá no QG e depois postou uma foto ele pescando uma traíra. Traíra. Um peixe, né? E aí foi todo mundo lá pra frente do vice dele, o general, não sei de que lá. Aquele homem lá. Porque aquele homem deu tudo que os outros queriam. Porque o Bolsonaro precisava de um apoio deles lá pra poder ele fazer valer uma lei. E aí o Bolsonaro não teve coragem de dar tudo. De dar tudo mesmo. Ou é tudo ou nada. Ou eu vou ser preso com a minha nação ou não. Se livrar disso aqui tudo. Porque se ele fala bem assim que ia ter aquele negócio da guerra lá o negócio que tinha que ter que depois no dia 8 o Lula foi e não liberou o negócio lá que podia ter eu esqueci o nome. Estado de sítio. Não foi o negócio lá que o Lula autorizou de tarde? Que o Estado que tava mandando? Intervenção militar. O Lula autorizou de tarde não foi? O Lula que autorizou lá que podia a polícia tomar de conta. E a gente queria que o Bolsonaro saísse de ser presidente e deixasse as forças armadas tomar de conta. Mas o Bolsonaro não teve coragem. E eu e muita gente acha que ele foi covarde. Muita gente acha que ele foi covarde. Não é que eu igual lá o pessoal fala assim você é Bolsonaro? Eu sou eu. Eu sei que o Bolsonaro não é santo. Mas eu não tinha muita opção. A eleição era Lula e Bolsonaro. Um ex-presidiário e um tentando roubar. O que tava tentando roubar ainda era melhor do que o ex-presidiário. Então eu acreditei no Bolsonaro. Mas eu não sou bolsonarista. Eu fiquei muito próximo dele. As pessoas viam o Bolsonaro e ficavam muito empolgadas. Eu não sou essa pessoa não, desesperada por aquele velho. Primeiro que eu nem acho ele bonito. Eu gostei do governo do Bolsonaro porque eu fui rica. Mas eu acho ele feio. Eu gosto da ignorância dele. Eu gosto das palavras dele por ele ser bem direto. E saber resolver um negócio. E ele não é assim tão ogro e burro igual falam. Eu lembro uma vez passando o jornal ele tava naquela mesa grandona assim onde tem todos os presidentes. E aí um dos presidentes perguntou pra ele como é que vai ficar lá aquele negócio da Amazonas. Mas eu ri tanto nesse dia que ele perguntou. Viemos aqui pra tratar de outro assunto. Da Amazonas é do Brasil. Deixe que lá cuida eu. Eu amava quando ele dava essas respostas certas. Não tinha mais nem o que falar. Aí as pessoas acham que nós somos bolsonaristas. Mas eu não sou bolsonarista. Bolsonarista é quem é ídolo. Quem acha ele bonito. Eu acho ele muito feio. Mas eu gosto do governo dele. Quando a gente ficou lá no palácio que a gente ficou lá no lagunho e a gente ficou perto dele, eu fui pra fazer quantidade de pessoa naquele momento ali. Porque se era só pra ver ele, não queria ir não. Mas tinha que ter

quantidade e eu fui. Então eu deixava as pessoas ficarem o mais próximo possível porque eu cheguei cedo. Então eu fiquei muito próximo do lagunho. Meu pé ainda ficava dentro d'água ainda. Quando esse homem apareceu as mulheres ficavam doidas. Os homens ficavam doidos. As crianças ficavam loucas. E eu falava, meu Deus. O que é que esse povo tá vendo nesse homem velho? Um velho. Meu pai do céu tem misericórdia. Eu não conseguia sentir esse amor por ele. Porque eu sei que ele como deputado podia ter feito e ele não fez. Ele como outros governantes, ele podia ter feito algumas coisas e não fez. Mas o pessoal idolatra muito ele. E eu não sou bolsonarista. Mas eu sou da direita, né? Eu sou da direita. Aí se o Bolsonaro é da direita fazer o que, né? Nós estamos juntos e misturados.

Entrevista 08

Q1. Eu subi essa rampa acreditando que tava tudo bem. Tava tudo certo, tava tudo perfeito. Eu sinto angústia, porque a partir daquele momento minha vida não foi mais a mesma.

Q2. Primeira coisa, a gente volta lá naquele momento, não tem como, né, e ao mesmo tempo é uma mistura, porque quando eu subi essa rampa, eu subi acreditando que tava tudo bem, tava tudo certo, tava tudo perfeito, era uma manifestação pacífica, eu nunca fui de política, eu quero deixar isso bem claro, porque aonde eu passo, eu falo isso, e eu sempre fui muito religiosa, nasci praticamente na igreja, e o que me chamou atenção foi a questão da gente começar a ver algumas coisas estranhas, né, tipo, nas eleições, como que uma pessoa morta poderia ter ganhado? Eu olhava nas manifestações, eu achava muito bonito a reunião, né, das pessoas na frente dos QGs, e aí isso foi me despertando, chamando atenção, e me convidaram uma vez, eu fui, e nessa vez que eu fui, eu achei muito lindo, e falei, eu queria esse mundo pro meu filho, e aí fui algumas vezes, e aí fui nesse dia fatídico. Acabei indo pra lá, então assim, o que me entristece foi a minha ignorância, porque dentro de tudo isso, eu achei que seria mais uma vez aquela coisa assim, tranquila, pessoas do bem, e realmente estava dessa maneira, até o momento que eu subi essa rampa, estava tudo normal, uma coisa que me chamou muita atenção, que tinha muitos policiais nos escoltando, então eu estava tranquila com tudo isso, pessoas cantando, outras rezando, e até chegar, quando eu terminei essa rampa, eu fui atrás das baias ali, né, e quando eu cheguei atrás dela, eu senti que começou a me sufocar, e eu tentei voltar pra trás, descer, voltar pra onde eu vim, pela rampa, mas eu vi que a multidão vinha vindo, então como a multidão vinha subindo a rampa, eu tinha que tentar me esconder. Na minha concepção, eu estava achando que era tipo alguns baderneiros da esquerda, e que isso ia passar rapidamente, aí foi quando eu fui pra dentro do prédio, isso é o que me vem na mente.

Então meu sentimento é de angústia, porque a partir daquele momento minha vida não foi mais a mesma, minha vida de estar com meu único filho, cuidar dele, estar na igreja, que é o que eu sempre fiz, porque eu sempre cantei na igreja, e aí daquele dia em diante minha vida virou do avesso, uma coisa que eu costumo falar muito aqui, principalmente quando me chamaram pra ver a questão do exílio e tudo mais, eu falei, eu me sinto traída pelo meu país, e é um dos piores sentimentos, porque eu ensinei o meu filho a não roubar nem 5 centavos de ninguém, e de repente o meu filho me vê estampada em tudo quanto é lugar, como sendo uma terrorista, então é essa a sensação, é uma sensação de traição. Me sinto traída por pessoas que querem poder, são pobres, miseráveis que esquecem que vão morrer, como todos um dia, porque eu sempre trabalhei na área da saúde, e sei que ninguém leva nada desse mundo, e eles estão cegos pelo poder, são pessoas infelizes, e é triste tudo isso, porque a gente vê famílias destruídas, principalmente hoje. Hoje é um dia fatídico, essa semana foi muito triste, porque esse primeiro rapaz que foi preso aqui, eu estava lá com ele, eu dei os meus documentos junto com ele, aí devolveram meus documentos e ele ficou preso, é duro demais você ver essas coisas, é muita injustiça, muita injustiça após a outra, um erro após o outro, e a gente fica se perguntando, por que de tudo isso, e a gente não tinha noção, achei que era uma coisa simples que a gente iria ali, só mesmo para mostrar ali, nós fomos ali com a melhor das boas intenções, com certeza deve ter tido pessoas, eu não estou tirando todos da direita que seja, porque eu nem sabia o que era patriotas, eu não sabia o que era, eu só fui saber um pouquinho lá dentro do presídio, porque eu virei e falei, gente, eu não sou uma presa política, porque eu nem sei quem é, se você me perguntar o nome dos ministros, eu não vou saber falar, eu não sei o nome de senadores, eu não sei o nome de ninguém, o que eu sou, aí me disseram assim, você é uma patriota, você quer o melhor para a sua pátria, e foi lá dentro do presídio que eu aprendi, dizendo para as outras presas da massa, quando elas perguntavam o que você é, eu sou uma patriota, eu não sou a favor de aborto, eu não sou a favor de drogas, eu quero o melhor para o meu país, então é isso aí.

Q3. Será que a minha risada te responde? O que é justo? O que é justo quando o ser humano não tem direito nem de mostrar provas? O que é justo? O que é justiça? Quando você não pode ter testemunhas? Quando você não pode mostrar o que tem no seu celular? Quando todas as câmeras desaparecem? E quando o juiz ainda vira pra você e diz assim para o promotor: olha, por mim eu liberaria, mas daqui pra frente a última palavra é do ministro Alexandre de Moraes O que é justo? Será que tá justo isso? Ou seja, tudo ficou nas mãos de um homem só. Pelo que eles mostraram pra nós, só tem um que pode dar a palavra. E eles mesmos como juízes, promotores, não puderam fazer nada. Então, não, com certeza não foi justo. E fora as 15

perguntas que o juiz dizia: o ministro ele obriga, não disse a palavra obriga, mas ele exige 15 perguntas. E eram todas perguntas perguntando do ex-presidente, do ex-governo que teve, entendeu? Tipo assim, se o outro governo tivesse ganhado, você teria vindo pra Brasília O que você veio fazer em Brasília? O que você acha do atual governo? Aí eu falei, eu não sei nada de política. Por duas vezes eu votei, sabe naquele palhaço chamado Tiririca? Eu votei nele porque eu nunca gostei de política, infelizmente nunca fui atrás. Talvez hoje eu me arrependa porque se eu tivesse tido um pouquinho mais de atenção, não tinha chegado onde chegou. Mas meus pais não me ensinaram isso, a gente não teve essa oportunidade. Então a resposta pra você é isso. Eu fui alí primeiro porque me chamou a atenção os vídeos que eu comecei a ver pelo Whatsapp. Aquela multidão de pessoas em Brasília, nas manifestações. Eu sou da capital de São Paulo, então aquilo me chamou muito a atenção. E aí, quando eu estive no QG, eu achei muito bonito porque em São Paulo, a capital de São Paulo é uma loucura. Eu já fui assaltada três vezes. E quando se ajuntava aquele um milhão, bilhão e meio de pessoas, parecia como se você estivesse na sala da sua casa. Eu vi homens, mulheres dormindo com o celular no joelho, na calçada Perto da Paulista, perto ali do Ibirapuera. Então, quando eu comecei a ver isso, eu falei: é esse mundo que eu quero para o meu filho, para os meus netos. Essa liberdade. Foi isso que foi me chamando a atenção. Eu comecei a achar isso tudo bonito. Uma coisa que eu fico até às vezes envergonhada de dizer, mas é verdade, eu queria ver os índios, em Brasília. Quando eu vi aquela coisa mais linda. Eu comecei a lembrar do tempo que eu estudava. Que é a nossa história. E eu falei: que lindo, tem até índios lá. E eu vou lá, eu vou ver eles. E eu acabei não vendo nenhum. Tudo me chamou a atenção dessa maneira. E aí foi a hora que eu falei: eu vou para Brasília porque tem alguma coisa errada, tem alguma coisa de errado. E aí foi quando eu fui e, infelizmente, eu estava no meio de tudo isso. Ou por uma missão de Deus, não sei, ou não o que aconteceu.

Q4. Eu não posso dizer que o culpado é o outro governo (de Bolsonaro), porque eu não sei até onde eles tinham condições de fazer alguma coisa pelo país, e esse agora (de Lula), eu acredito que é mais eles, porque não nos deram a oportunidade de uma oitiva, eu só fui ter uma oitiva depois de 9, 10 dias numa prisão, eu tive que ouvir de presas da massa, que mal tem o primário, dizer assim, vocês não tem nada de terroristas, nós estávamos com medo de vocês quando a gente viu na televisão, mas a gente está vendo que vocês são pessoas boas, e aí, antes de sair do presídio, os diretores vieram dizer que nós deixamos um legado dentro do presídio, que nunca mais o presídio iria ser o mesmo, então, na minha cabeça, eu pensava, se elas, que mal sabem escrever o nome, conseguiram perceber que nós não somos essas pessoas más,

terroristas, golpistas, tudo com isto, que dirá os ministros, que dirá as câmeras, que está tudo lá, e foi isso. No início, eu tinha esperança, de que eles fossem ver, e foi se passando um mês, dois, três, quatro, até fiquei sete meses e um dia presa lá dentro. Não morri, foi por Deus, porque eu tenho minha sequela, depois de uma doença grave que eu tive, não pude falar com meu filho, nem por um minuto, e nem com nenhum parente meu, durante esses sete meses e um dia, porque eu não tinha tomado as vacinas, e nem por vídeo, como eu estou aqui com você, não podia conversar, porque eu não tinha as vacinas do Covid, e tudo isso é a hora que você vai parando. Então, é um conjunto, sabe, de coisas, eu não diria que seria só o antigo governo, o governo atual, são vários, o exército, está tudo muito misturado, muito misturado, ou estão entrelaçados, ou está tudo meio que corrompido. E no caso, é difícil, no dia, acho que foi dia 6 de março, o ministro Alexandre de Moraes apareceu lá, com a Rosa Werber, tanto é que eu não sabia, estavam dizendo que estava chegando alguém, eu virei e falei para as meninas, olha, eu estou ouvindo falar que parece que o Pacheco está aí, eu nem sabia quem era Pacheco, mas eu ouvi a voz falando Pacheco, então eu falei que era, aí, quando ele apareceu, que aí eu vi que todo mundo começou a falar, foi um momento muito assustador, que eu me lembro, isso é uma das coisas que mais me marcou, mas eu tive coragem de erguer minha mão, e eu fui a primeira que eu quis falar com ele, e ele foi, e eu falei: peguem meu celular, peguem as câmeras, e vocês vão ver que eu pedi para um policial se eu podia ficar numa salinha, e o policial disse que eu tinha que ir até o fim do corredor e ficar lá, e foi lá que eu fiquei, erguendo minhas mãos e pedindo a Deus para ter misericórdia, porque eu achava que o prédio ia cair com o barulho das bombas e dos helicópteros, e aí, o ministro Alexandre de Moraes virou e falou assim, pegou um livro preto, perguntou o meu nome, eu falei, ele anotou, e ele falou assim, fiquem tranquilos, quem não fez nada, não pagará nada, quem fez pouco, pagará pouco, e quem fez muito, pagará muito, mais uma vez eu tive a esperança, eu falei, eu não fiz nada, eles vão ver, aí mais umas seis pessoas falaram também, ele anotou os nomes, só que foi se passando os dias, foram nove dias sem sol, comida azeda, comida cheia de bicho, comida com terra, comida com cocô de rato, comida com vidro, a comida não tinha condições de se comer, tinha até um urubu que ficava todos os dias, lá onde a gente levava comida para jogar fora, onde a gente tomava sol, e até hoje eu fiquei aguardando essa resposta, a resposta foi uma torção de tornozelo, depois 14 anos de prisão, e foi a hora que a única forma que eu vi de viver um pouquinho mais, foi correr. Depois que eu vim para cá, já pensei várias vezes em me entregar, em meio ao desespero, lembrando que tive doença grave, o médico disse que não foi genética, porque ninguém na minha família nunca teve, nem meus avós para o lado do meu pai, nem da minha mãe, ele disse que foi tudo quando

se junta, vários sentimentos com muitas coisas, e eu fico imaginando, é uma somatização, eu fico pensando, meu Deus, depois de somar desde o dia 8 de janeiro até aqui, o que eu vou ter então, a hora que tudo isso acalmar. Acabei de falar ali para a minha amiga na mesa, falei o que vai acontecer depois de tudo isso com a gente, então é surreal tudo isso, eu não tenho condições de ver meu filho, meu filho está sozinho, 22 anos, o que tem de adulto? Nada, não tem ninguém para ajudá-lo, ele é introvertido, até que hoje eu conversei bastante com ele, acho que por ele ficar meio preocupado com o que está acontecendo, ainda consegui conversar, na revolta ele se tatuou quase todo, o peito dele todinho, o braço todinho, a perna dele todinha, e a gente sabe que isso é uma questão de revolta, infelizmente, meu filho me pede bênção, meu filho quando vai passear algum lugar, ele coloca a localização de onde ele vai, e é sim senhora, não senhora, mas nessa revolta ele fez tatuagens. Hoje meu filho corre risco, então isso foi uma das coisas também que mais me doeu, quando eu cheguei, a minha advogada me viu chorando, falou calma, você está precisando de um psicólogo, porque você teve muitos traumas na prisão, eu não doutora, não é da prisão, é o que eu estou vendo aqui com meu filho, o que aconteceu, entendeu? Mas é complicado tudo isso, hoje o que é muito interessante que eu percebi, uma advogada falou isso pra mim, e assistente social também, quando a pessoa me faz essa pergunta, e eu achei interessante porque a advogada falou, nossa, a gente faz essa pergunta, Mari, e vocês não sabem responder, e é uma pergunta que pega a gente e a gente não tem o que responder, a pergunta é essa, no que eu posso te ajudar? O que você precisa? A gente fica quieto, não tem, fica um total silêncio, a gente precisa de tudo, a gente precisa de ter um sossego, a gente precisa de dinheiro, porque ele bloqueou todas as nossas contas, eu era aposentada há mais de 20 anos, eu perdi tudo, eu vivo de milagre, algumas pessoas me dão alguma coisa, a gente não pode viver só, tem que depender das outras pessoas junto com a gente, com problemas psiquiátricos, outros alcoólatras, e da época que eu saí, que eu resolvi sair do Brasil, de lá pra cá, você fica em altos e baixos, altos e baixos, altos e baixos, morando com um, vai morar com outro, e tudo isso é uma gangorra de pessoas, muito forte. Então muitas vezes eu pensei, deveria ter ficado, ido pra um presídio e deixado rolar, pelo menos eu não teria preocupações, o pouquíssimo que eu gasto aqui, deixaria pro meu filho, pra ajudar ele, uma vez que ele tá sozinho e desempregado, e eu talvez ficaria mais tranquila. Porque a gente faz qualquer coisa por um filho. No dia da minha audiência, faltava uma semana pra eles soltarem a gente, sete meses sem ver meu filho, sem ouvir a voz dele, quando abriu, eles me deixaram ver meu filho por acho que dois minutos antes da audiência, eu gritei tanto, tanto, tanto, aí o policial veio e eu me deixei, eu só quero ver o meu filho, eu só quero ver o meu filho, e falava, você tá lindo, e ele

paradinho assim, olhando pra mim, calma mãe, calma mãe, fazia assim. Aí já entraram falando que já ia me colocar na audiência, e eu não tava nem aí pra audiência, pra quem já tava sete meses presa, já tinha sido traída pelo meu estado, não tinha feito nada, eu ia me preocupar com o quê? Então, aí foi a hora que entrei na audiência, só com aquele momento de ter visto meu filho. E o que tem me dado força pra continuar é isso, é lembrar que tem o meu filho lá que tá sozinho, agora você imagina se eu não tivesse ele, acho que eu já tinha me entregado, com certeza O meu filho é uma força, né? É um presente de Deus, é uma coisa linda assim, da natureza, que é da onde você fala, eu tenho que continuar de pé, eu tenho que continuar de pé, ele espera por mim, minha filha, meu filho esperam por mim, eu tenho que continuar Agora se eu não tivesse eles, minha mãe já tá com 84 anos, o que me faria pensar em querer lutar hoje?

Q5. Sim. Os acampamentos em São Paulo eu fui algumas vezes. Eu ia lá, chegava umas 4 da tarde, 5 horas e ficava até umas 11 da noite e vinha embora. Em Brasília eu só fui no dia 7 (de janeiro). Cheguei 7 da noite e no dia 8 eu escutei lá um senhor falando no microfone que era para todo mundo ir lá pra Esplanada. Todo mundo tranquilo. Pacificamente. E aí foi a hora que eu encontrei uma senhora que eu tinha visto ela lá em São Paulo. Ela me telefonou e falou que estava lá e eu falei que também estava. Nós nos encontramos no banheiro químico. E dali eu fui com essa senhora, andando para lá. E hoje ela está presa no Carandiru.

Q6. O clima era exatamente esse, sem exagero, a pessoa nem havia encostado ou esbarrado em você e você já pedia desculpas. Eu vi senhoras ali sentadas. tomando chazinho, conversando. Então se tornou uma coisa muito aconchegante, segura. Eu não cheguei a ver ninguém falar palavrão ali no meio. Tudo bem, palavrão a gente até fala, mas eu não via isso. Era muita educação. E eu achei aquilo tudo muito lindo E aí eu falei: realmente são pessoas do bem, pessoas trabalhadoras. Muitos falavam que saiam do serviço e iam pra lá. Conheci médicos, conheci professores O que você imaginar, engenheiros, fui conhecendo ali. E cada vez que eu ia, até zelador de prédio, e aquilo pra mim foi ficando. Era uma coisa muito boa estar com aquelas pessoas Então ali a gente foi, acho que fiquei ali uns 20 dias, 30 no máximo. E quanto à limpeza, isso me chamou muito atenção também. Porque quando todo mundo ia embora, não tinha uma bituca de cigarro no chão. Não tinha nada pra se limpar, pra tirar. Então isso todo me chamava atenção. Eu falava, eu tô no lugar certo. Eu não conhecia essas coisas de política, mas eu acho que eu tô sim com as pessoas que pensam como eu. Então eu vou ficar por aqui.

Q7. A minha risada te responde? Eu tive a maior censura de todas, que foi a privação de liberdade. É até difícil expressar pra você. Porque eu acredito que num todo que eu já te passei,

o sentimento que a gente tem. É um sentimento da injustiça. Até então acreditava que existia um livro chamado Constituição. Que até então nem sabia que tinha esse tal desse livro. Mas eu sabia que tinha leis. Mas eu achava que tudo se regia mais ou menos. Eu sabia que não era 100%, como vários países. Mas eu não achava que tava nesse ponto. A ponto de pegar uma pessoa como eu, que sempre paguei todos meus impostos em dia. Nunca comprei nada pra não correr o risco de não conseguir pagar. Sempre trabalhei. Nunca tive um problema numa delegacia. Onde eu moro, tem uma biqueira. Todos eles respeitam a mim e a minha família. O traficante, porque eles sabem que a gente tá ali muitos anos. E um deles até se espantou quando viu eu com a tornozeleira. Então são muitas emoções. Não tem como te resumir tudo isso pra você. Aí você chega diante de traficantes, filhos dos teus colegas que estudaram com você, sobrinhos que nunca puseram uma tornozeleira. E você com a tornozeleira. Com a bíblia indo pra igreja. Aí você tem que toda segunda-feira assinar um papel. E aí o seu colega que estudou com você, que te conhece há 50 anos do bairro, fala assim: meu sobrinho, mal e mal, vai cada três meses assinar esse papel. Qual é o sentimento? São muitos que não tem como a gente explicar. Que mundo é esse que eu tô vivendo? O que tá acontecendo no país que eu acho que agora que eu acordei, depois que eu tô dentro de um pesadelo, às vezes eu penso e falo, meu, que buraco que eu me meti? Essas perguntas que eu faço. Como eu faço pra voltar atrás? Alguns falam assim, agora a gente tá na política, queira ou não queira, nós nunca mais vamos poder sair disso. Eu falo: não, o dia que eu conseguir sair disso, nunca mais eu quero saber disso de política. Eu já não gostava, agora eu odeio. Quero voltar pra minha vidinha ignorante que eu tinha antes, que era a melhor coisa do mundo. Podia estar lá hoje com o meu filho, abraçando, beijando ele, porque eu não sei até quanto tempo eu vou ter de vida, por causa da minha imunidade, da minha saúde. Tô perdendo tudo isso pra um bando de brasileiros que nunca vai tirar o bumbum da cadeira pra fazer nada. Porque estão todos no berço esplêndido, como eu era um dia. Eu tomei um susto quando eu vi há pouco tempo, um advogado falando, que depois de Hitler, foi essa a maior prisão do dia 8 de janeiro. Eu não sabia disso. Então, queira ou não queira, eu vou estar numa história, sendo que eu nem imaginava que ia estar nisso, e não fui só eu, são muitas, são muitas. Essa senhora que tá aqui comigo também. Eu conheci ela nesse dia, dentro do caminhão, eles não deram voz de prisão pra gente, a gente tava achando que ia sair de lá. E nós pegamos amizade ali, e quando fomos ver, já caímos dentro do presídio, abriram as portas e jogaram nós lá dentro. E uma olhando pra cara da outra, e tira a roupa, vira pra parede, a partir de agora é esse procedimento. Eu falei, meu Deus, sabe quando você assiste um filme de ficção? Você senta pra assistir o filme. É dessa forma que você se sente. Eu falei, meu

Deus, eu tô dentro de um filme. Eu estou vivendo um filme. Então, a cabeça ficava até meio estranha, porque aí eu passei pela máquina, tirei minha roupa, ouvi o policial falando. Era como se eu tivesse... É isso, não tem outra palavra, eu tô dentro do filme. E tudo foi se passando, e hoje a gente tá aqui, sem saber o que vai ter de futuro, não sei te dizer. Foram os nove, dez dias, a oitava, que seria em vinte e quatro horas, que eu nem sabia que era assim pela lei. E no dia que a gente tava lá, no dia oito, o policial chegou pra nós, e falou pra que a gente assinasse um papel que ia ser já liberado. Aí quando eu li escrito nota de culpado, eu falei assim pro policial, mas tá escrito culpada, eu não sou culpada. Não tem alguma coisa de errado? Ele falou, não, você assina, porque se você não assinar, vai demorar pra saírem daqui. Aí chegou uma advogada, que tinha ido lá por uma outra pessoa, eu perguntei, ela falou, pode assinar, e aí a vinte e quatro horas vocês vão sair. Aí eu assinei. Eu e a maioria que tava lá. E viramos a madrugada, naquele subsolo, gelado, dormimos no chão, vinte horas sem água, sem comida, esperando eles abrirem os portões pra gente sair. E aí no dia seguinte, mandaram a gente entrar dentro do caminhão, sem dizer absolutamente nada. Mas estavam todos calmos, todos esperando sair. Aliás, ninguém tinha feito nada de errado, só tínhamos nos escondido ali das bombas. E entramos no carro, vai pro IML. Fomos pro IML, beleza. Ah, vai registrar um boletim. Ah, então eu vou ser testemunha do que aconteceu. Era assim. Porque ninguém tava achando que ia ser preso. Nós não tivemos a oportunidade de ouvir assim, ó, a senhora está sendo presa. Porque aí minha ficha ia cair, eu ia falar, meu Deus, me prenderam, né? Por engano. Eu acho que a maior dor é essa, você ir passar por tudo isso sem saber o que estão fazendo com vocês. Hoje eu sei que eu vi uma juíza falando que chama perfidia a palavra. E eu falei assim, é exatamente isso que fizeram com a gente. E aí levaram a gente pro IML e saiu do IML. Falei, agora acho que vão liberar a gente, né? Algum local pra gente poder ir pra casa. Porque já é segunda-feira, final do dia, quando abriu-se as portas, aí a policial gritou, bem-vindo, vocês estão no presídio e agora vocês vão saber o que é xepa. Cabeça baixa, olhando pra parede, mãos pra trás. A partir de agora o procedimento é esse. Aí começou o inferno. Eu tive problema de úlcera e eu tenho gastrite crônica por causa das quimioterapias. Então lá dentro eu passei com nutricionista e nunca me deram um prato de alimentação diferente. Duas vezes passei com nutricionista, passei com uma médica, que era uma médica pra o presídio todo. Então de segunda a sexta-feira você tinha que gritar, a própria médica falou pra mim, grita, faz escândalo pra você chegar até aqui, se você precisar de alguma coisa. Só que imagina, na sexta-feira, três da tarde, todas já ficavam apreensivas, porque sabia que não ia ter socorro sábado e domingo. Muitas desmaiavam, batiam a cabeça no chão, porque o pãozinho era desse tamanho

e era um copinho de todinho. E quem não comia pão, ou não tomasse o tod, a comida ia vir azeda, a comida ia vir ruim. Quando me perguntam: por que você fugiu? A única palavra que me vem é, pra não passar fome dentro de um presídio. Só isso. Eu só quero um prato de comida, já é o suficiente pra mim agradecer a Deus todo dia. Porque dói demais. Eu cheguei aqui, em abril, tinha poucos aqui. Aí eu procurei a imigração. Como eu nunca fui, não nasci pra ser bandida, não sabia como que era. Saí e vim embora morrendo de medo. Não peguei ônibus, porque eu tinha medo de de repente meu nome ficar registrado no ônibus. Então, vim com uma senhora de Uber e não passei na doana. E hoje, o que está me mantendo aqui em paz, conversando com você em paz, até o próximo dia, é que o meu nome não foi registrado na doana. Mas quem passou e registrou é o que está na lista. E dois já tiveram que sair daqui de casa agora umas duas, três horas atrás. Correndo, porque já está, acho que é o terceiro, né, que foi pego, que foi preso. Então, no caso, assim, o que eu acredito é que o gato saiu, os ratos fizeram a festa. Milei saiu do país, o juiz foi lá e aproveitou e fez isso daí. Que a gente sabe que está fora da lei também. Então, a nossa situação é essa. A mala feita. Se baterem, eu não atendo. E torcer para que ninguém bata na minha janela, na minha porta. Para continuar a ficar escondidinha aqui. Porque eu não tenho saúde para fazer como alguns outros que já fizeram. Foram a pé tentar atravessar o mundo. Eu falei, eu não vou fazer essa loucura porque eu não tenho saúde para isso. Vocês são mais jovens, então, oramos todos juntos. E é muito doído, porque você vê meninos de 26 anos, poderia ser meu filho. Saindo. Meninos trabalhadores. Que tem até a gente como mãe. Então, a hora que você abraça, você abençoa e dá aquela palavra de ânimo. Só que hoje, o que eu fiz? Tive que bloquear a maioria deles, porque a gente não sabe quem vai ser o próximo que vai ser pego. Até o Milei resolver isso. Eu passei na imigração e eu percebi que eu fui a única chamada. Eu cheguei dia 10 de abril. Então, eu vi que o advogado daqui me chamou, no Conari. E aí, só que dessa vez, não deixaram um brasileiro entrar comigo. E aí, diz que tinha uma tradutora lá. Entrei na sala, sentei, estava escrevendo o advogado e a tradutora. Acredito que eu me senti mais confortável, porque pelo menos me deixaram falar o que aconteceu no dia 8 pela primeira vez. E eu disse para eles, hoje eu estou podendo contar para vocês a minha verdadeira história. Não me deixaram falar. E aí, eles registraram e olha que tem a dificuldade da barreira da língua, porque até a tradutora não conseguia algumas palavras transmitir. Eu nunca deixei de ter convênio por causa da minha saúde. Aqui parou tudo, meus remédios. Aí ele falou assim, não, não vai demorar muito. Mas eles não sabem quando. Pode ser daqui a mais um ano, pode ser daqui a dois. Mas eu penso, sabe, muito que é aquele negócio independente se é direita, se é esquerda. É triste, você ver o tal dos direitos

humanos chegando à beira da cela. Chamar você pelo nome, porque me chamaram pelo nome, por causa da minha saúde. Chamaram mais umas duas, uma senhora que estava com a mama toda empedrada de câncer. E vieram perguntar da gente, a gente explicando ali, eu falando que eu precisava de uma touca para pôr na cabeça, porque era muito frio. E eu me resfrio à toa. Eu tomo vacina, tomava, né. Agora já estou há dois anos sem vacina da gripe, porque eu tinha uma pneumonia atrás da outra. Então, com a vacina da gripe, me ajudavam. Expliquei. Eles tiravam foto, mostrei que naquele dia minha marmita estava azeda, que eu já tinha perdido dez quilos, que eu já estava tendo muita tontura, que eu tinha medo de cair. Mas eles ouviam, tiravam fotos, mas não existe direito dos humanos. Existe direito dos manos. Nós não tivemos resposta nenhuma, nenhuma. Nos sete meses, eu vi pessoas, senhoras, rolar no chão, se debater, girando, porque tem problema de bipolaridade, depressão, e os remédios não vinham para nós. Os advogados deixavam lá os remédios. Ficava até um mês, quarenta dias. Os meus últimos trinta e cinco, quarenta dias eu não recebi nem remédio pra mim, meu calmante, que às vezes eu gosto de tomar ele, antidepressivo. Não me deram nada. O remédio do meu braço, que eu não podia ficar sem, que eu já fiquei internada várias vezes, por ter tirado a minha mama, que eu tive a sequela de linfagite repetitiva. Então, quando ela começa a inflamar o braço, eu tenho que correr. E lá dentro o braço inflamou. E aí, quando eu gritei, algumas policiais viram, e uma delas chorando, falou, peraí, vou chamar a diretora. Mas era um domingo, fim de semana não tinha médico. Eles falavam que dali só saia babando ou morta. E que uma tinha que cuidar das outras. Eu cuidei de uma senhora, que passou três horas convulsionando sem parar. Roxa, gelada, ela convulsionando e vomitando ao mesmo tempo. E não fizeram absolutamente nada por ela. Então, eu sabia que não iam fazer nada por mim, pelo meu braço. Aí o policial chorando me pegou e falou assim, nós já falamos que a diretora não tem quadro de policiais pra te levar pro hospital, vou ter que te devolver pra cela. E me devolveu pra cela. Aí eu entrei e tive uma ideia. Ajuntei todos os antiinflamatórios que tinha. E comecei a triplicar o meu remédio por conta própria. É tudo nada. O meu remédio é um por dia, um envelope por dia. E aqui, pra ajudar, eu ainda tenho que ter receita médica. Aí eu comecei a tomar três envelopes e misturar todos os antiinflamatórios que tivesse. E pondo água gelada no meu braço, que graças a Deus eu tava ali numa época que tinha um lugar que tinha água gelada. Então eu enchia uma garrafinha com água e punha nesse meu bracinho. E achei uma espuma velha pra poder deixar o membro elevado. Também fiquei sete meses sem poder lavar roupa porque meu braço não pode fazer esforço. Então foram sete meses e eu aprendi que sujeira não mata ninguém. Outra coisa que eu falei, não quero voltar a ficar presa. Porque eu não quero. Eu amo roupinha lavada,

minha máquina de lavar pra lavar uma roupinha, pra poder as coisas limpinhas. Amo perfume e não quero passar por isso. Então assim, a quetão aqui ficou estranha agora pra gente, né? Porque agora chega na imigração, que nem o meu documento, eu fui no mesmo dia que o rapaz foi preso, o primeiro. Tava eu e ele lá. Aí a mulher veio, pegou meus documentos, me devolveu e falou volta quarta-feira, que é quarta-feira depois de amanhã. Eu falei senhora, mas vai vencer amanhã meu documento. Ela falou não tem problema. Volta quarta-feira porque segunda e terça é feriado. E o colega lá, aí ele virou sorriu pra mim e falou assim o meu vai resolver, é que caiu a internet e eles estão ajustando. Só que chamaram ele pra dentro do balcão eu achei estranho aquilo, né? Eles não abrem balcão pra ninguém. Só que ali no que ele entrou, mal sabia eu que ele já tava sendo preso. E aí fui eu que dei o primeiro grito nos áudios pra todo mundo corre, corre, avisem o máximo de pessoas que o colega foi preso agora na minha frente. Então ficou tudo muito estranho, a gente tem que aguardar as próximas horas pra ver o que é que realmente vai acontecer. Muitos correndo pro meio do mato. Hoje eu vi uma patriota bêbada filmando pra mim um carro da polícia, dizendo, será que eles vão me prender? Quero ver se eles vão me prender... Totalmente fora de si, em desespero. E falou pra mim, não sei pra onde eu vou nem o que eu vou fazer da minha vida eu tô aqui. Aí foi, me mandou até a localização dela. O que eu fiz hoje? Tive que bloqueá-la. Porque eu não sei se a polícia pegar ela e depois sair procurando quem tá no celular dela. E eu fiquei três meses com ela lá dentro do presídio em Brasília. Ela é um doce de pessoa. Mas só que aqui ela já tá como alcoólatra. Hoje eu paro e falo, meu Deus por mais que fosse pessoas da esquerda, mas eu não desejaria pra nenhum deles isso que nós estamos passando. Porque ali, quando a gente chegou, tinha muita coisa já quebrada. Onde eu fiquei, não quebraram não quebraram nada nós não quebramos eu fiquei ali com os braços erguidos o tempo todo gritando pra Deus nos guardar porque tremi o prédio todo parecia que ele ia cair. Então, na verdade, quem eles pegaram ali onde eu tava, que era no Senado, que eu nem sabia o nome de onde eu tava, também aprendi é a Galeria do Plenário do Senado. Ali só tinha pessoas de mais idade, foi onde pegou aquela senhora japonesinha lá a Yamaguchi lá de 70 anos, a Fátima Plete também de 63 anos, bisavó foi as pessoas de mais idade porque eu acredito que foi na hora que a única coisa que veio, pelo menos pra mim na hora daquela fumaça, eu tinha que me proteger e quando o policial falou que podia... isso é uma das coisas que me dói muito mas ao mesmo tempo eu falo mas talvez nem os policiais sabiam do que ia acontecer porque eu falei, senhor, eu posso ficar aqui? Aí ele entrou e falou não, vai lá pro fundo do corredor e fica lá e eu fui. Meus irmãos são policiais, minha irmã é aposentada policial, meu primo capitão aposentado, meu irmão tenente. Então assim, eu acho

que isso é importante também passar pra você, pra ver que somos pessoas do bem, pessoas, cidadãos, trabalhadores, independente que seja direita ou esquerda teria que haver esse respeito como ser humano como pessoas, né? Eu acho que eles deveriam correr pra isso, porque eu falo, Deus, eles ficam aí, anistia, anistia, por que a palavra anistia? Essa palavra não se encaixa pelo menos pra mim pra mim, anistia? Me anistiar do que? Eu não se encaixa pra mim essa palavra foi um equívoco, um grande erro. Ah, mas você não sabia que eu não podia pisar lá? Mas eu passei por um cordão imenso de policiais que me revistaram, pegaram um alquinhô gel desse tamanho de passar nas mãos que quem trabalha em saúde tem neurose de limpeza e disseram que eu tinha que jogar no lixo deles, aí joguei no latão de lixo e a policial mandou eu continuar e não tinha portões, porque eram muitas pessoas, eu só vi que as pessoas estavam indo foi uma questão assim, de sorte mesmo, porque eu acho que se eu atrasasse naquela multidão 15 minutos talvez eu teria visto a bagunça antes de passar ali pra aquela parte do gramado pra rampa. Talvez ali, se eu visse alguma coisa, uma bomba. Eu voltaria e teria condições de correr e voltar pra trás. Mas se também existe... Se existe missão na Terra e estava escrito, então eu entrei nessa missão. Então quando saiu a sentença do Alexandre de Moraes, 14 anos, eu já sabia que a palavra dele era a única e exclusiva. Não ia ter outra. Então eu falei, eu tenho que correr porque não quero passar fome, não quero morrer dentro de uma prisão. Aí consegui tirar a tornozeleira e enfiei numa caixa de sapato, guardei. Deve estar lá até hoje, no mesmo lugar. Não falei tchau pra minha mãe, não falei tchau pro meu filho. Só falei pra minha única sobrinha. Se a tia desaparecer, você já sabe o que a tia precisou fazer. Aí ela fez assim com a cabeça. Não falei nada pra ninguém. Depois de que eu tava aqui, já uns quatro dias, foi que eu avisei minha advogada. Falei, não sei se eu fiz o correto, mas eu não tô mais no Brasil. Aí minha advogada ficou com medo, minha advogada nem falava comigo, tadinha. Só entre algumas palavras, até mesmo meus documentos aqui, o que eu tinha foi o que eu entreguei. Eu falei, não precisa muita coisa. Eu tenho um relatório do meu médico, que ele que descobriu a doença grave que eu tenho. E é um médico muito conceituado. E ele ainda disse assim pra mim, se você precisar de mim pra qualquer coisa, até mesmo pra ser testemunha pra você, eu vou. Eu disse, doutor, não existe isso, o que tá acontecendo é política, é briga de cachorro grande. Não tenho o que fazer. E aí ele ficou inconsolado, porque ele é um pai, ele não é um médico. E ele falou assim, eu não acredito nisso. Aí ele me deu essa carta, com ela eu cheguei aqui pra poder mostrar num hospital, que eu tava lá em La Plata, onde estão prendendo as pessoas. E aí, graças a Deus também, eu não dei o meu endereço de onde eu tô agora. Senão, nem aqui eu iria estar. No presídio, eu dizia pras meninas, se eu morrer aqui, pica a Bíblia e joga em cima de mim. Porque

Ele não ia me livrar de tanta coisa pra me deixar morrer injustamente dentro de um presídio. Tem que ter um propósito. E as meninas ficavam paradas, me olhando. E aí eu cantava no presídio, ali meu apelido ficava Cantora Gospel, cadê a nossa cantora? As presas, eu tinha medo das presas das massas, elas falavam, canta! Ai, minha cantora preferida! Chegavam as policiais, cadê a cantora? E às vezes eu dizia, eu não vou cantar, senhora, porque eu tô com muita fome. Não dá pra cantar com fome. Mas quando eu melhorar, eu canto. E eu punha todo o meu fôlego pra fora e cantava pras presas assim, olhando pra elas e pras policiais. Foram sete meses, e isso que me deu força também pra ficar aqui de pé. E eu queria compartilhar com você um pouquinho disso, porque a fé, ela é uma das coisas que nos mantém de pé. Se eu olho pra você, se eu tô sorrindo, se eu tenho ainda um pouco de equilíbrio diante de tudo que eu tô passando, é pela fé.